

ESTE CABEÇALHO PODÉ VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

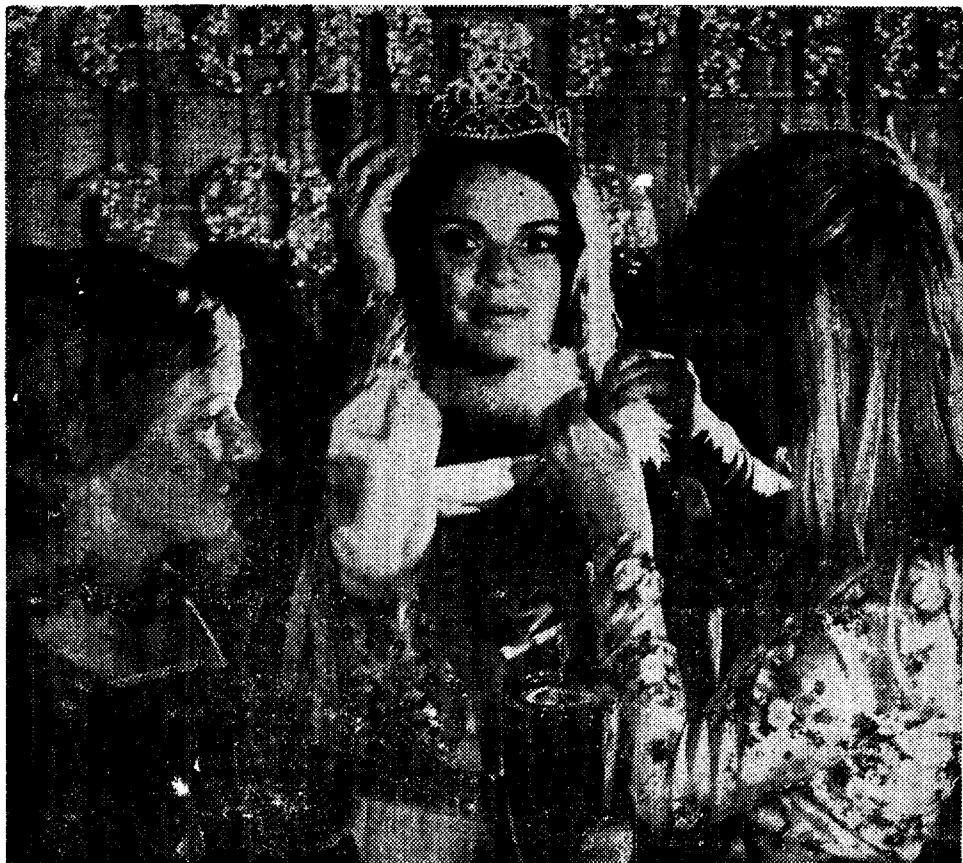
edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 20 DE MAIO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 388 ANO 51.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo
em
MESA REDONDA

suplemento das sextas-feiras



Elizabeth Krögh quando era coroadada, em Berlim, «Princesa Mundial das Teen-Agers 1970»

HISTÓRICO ENCONTRO HEATH-POMPIDOU

PARIS, 20 — (F. P.) — O encontro histórico entre o presidente Pompidou e o primeiro-ministro britânico Edward Heath começou hoje às 10 h. no Eliseu.

A responsabilidade de ambos é imensa.

Ontem, à sua chegada a Orly, Heath parecia simultaneamente tenso e optimista. Do lado francês, pareciam mais serenos. O encontro, como se disse, estava a ser preparado há muitos meses.

Para os franceses, o problema essencial, no que respeita à adesão britânica à C. E. E., é o de determinar com precisão e certeza de que maneira a Grã-Bretanha se sente realmente Europeia. Quem, melhor do que Heath, o negociador concreto de 1961-62, pode responder a esta pergunta? Num recente discurso, lem-

bra-se, o chefe do Governo britânico tinha salientado que ele, tal como Pompidou, é favorável a uma confederação europeia.

É evidente que as recentes dificuldades entre Paris e Bonn, a respeito da crise internacional da moeda, dão ao encontro de hoje mais uma probabilidade de êxito.

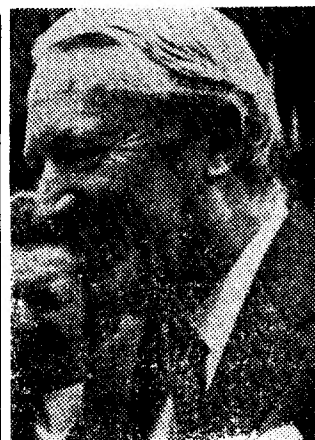
Parece que a ordem das questões a discutir será a seguinte:

1 — Que espécie de Europa se deseja ver elaborar? Quais serão as suas instituições económicas, comerciais, de política estrangeira, de defesa?

Do lado britânico, estão persuadidos que as questões de defesa serão necessariamente abordadas nas conversações Heath-Pompidou, quanto mais não seja devido às modificações recentes na atitude de Washington relativamente à presença de tropas americanas na Europa.

2 — Fazer o balanço das negociações de Bruxelas. O encontro de Paris não poderá em caso algum substituir as negociações que têm lugar em Bruxelas entre os «seis» do Mercado Comum e os candidatos à adesão. Está entendido que embora certos problemas possam ser resolvidos directamente.

(Continua na 19.ª página)



O primeiro-ministro inglês



O presidente da França

UM ÊXITO: A NOTÍCIA DE QUE VAI FAZER-SE EM PORTUGAL A ELEIÇÃO DA «PRINCESA MUNDIAL DAS TEEN-AGERS»

Causou a maior sensação entre as nossas jovens leitoras a notícia ontem divulgada da realização em Portugal, por iniciativa do «Diário de Lisboa», da eleição da «Princesa Mundial das Teen-Agers» e, paralelamente, da eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» que representará o nosso País neste encontro de Juventude.

(Continua na última página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS
(Ler na página 6)



Deverá entrar em funcionamento, dentro de dois anos, o aproveitamento hidroeléctrico de Fratel, no rio Tejo, que hoje foi visitado pelo secretário de Estado da Indústria, eng. Rogério Martins. Como se vê na gravura, as obras estão já em fase adiantada. (LER NA PÁGINA 17)

«REPÚBLICA»

Celebra hoje o 41.º aniversário do reaparecimento, sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, do nosso prezado colega «República», que, fundado em 15 de Janeiro de 1911 pelo impoluto democrata António José de Almeida, mantém o rumo do ideário inspirado pelo seu fundador. Apresentaremos por tal motivo aos directores e directores-adjuntos, respectivamente, srs. Carvalhão Duarte e dr. Alfredo Guisado e aos colaboradores as nossas cordiais felicitações.

**HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA**



O simples facto de ser leitor do «Diário de Lisboa» poderá trazer vantagens e benefícios, o que ficou, aliás, eloquentemente demonstrado na primeira fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentário do nosso jornal. De facto, com a maior

facilidade, apenas provando ser leitor regular do «Diário de Lisboa», os que participarem nesta segunda fase da iniciativa poderão tornar-se proprietários de apartamentos mobilados, um dos quais, juntamente com um

(Continua na página seguinte)

**UM APARTAMENTO
E UM AUTOMÓVEL
COMO 1.º PRÉMIO**

Há mais dois apartamentos
e 24 viagens ao estrangeiro
na valiosa lista de prémios

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ



NOME _____ Nº _____ (a)
 MORADA _____
 LOCALIDADE _____
 TELEFONE (b) _____
 PROFISSÃO (b) _____
 (a) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»
 (b) A preencher pelo jornal (b) Facultativo



NOME _____ Nº _____ (a)
 MORADA _____
 LOCALIDADE _____
 TELEFONE (b) _____
 PROFISSÃO (b) _____
 (a) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»
 (b) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O supraduplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automaticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

amanhã verá este momento... ampliado!



uma viagem de turismo, como esta, tornar-se-á inesquecível!

Viajar é avançar no tempo, e depois, poder alegremente recuar no tempo da memória. O que será para si, o que terá sido para outros turistas, é difícil dizer. O que importa é a boa disposição que lhe oferecemos desde o primeiro instante em que as atenções do nosso serviço de bordo estão voltadas para si... e para os seus companheiros de viagem.

Diariamente pode reservar a sua viagem de turismo através da EUROPA, por intermédio da TAP, que lhe oferece tantas especiais para qualquer dos seus destinos directos* que lhe permitem ligações rápidas com outras cidades. Sugérimos-lhe, ainda, que se informe das vantagens que lhe proporciona o serviço IT.



* MADRID, PARIS, LONDRES, BRUXELAS, FRANKFURT, GENEVE, DUSSELDORF, ZURICH, AMSTERDAM, COPENHAGUE

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

EUROPA



EUROPA



(Continuação da 1.ª página)

magnífico automóvel «Morris-1300» constitui o fabuloso primeiro prémio desta grande realização do «Diário de Lisboa»; viajar de avião até grandes cidades da Europa e das Américas, conseguir material de som «Philips», confecções de vestuário masculino, executado pela Casa Africana e relógios de pulso «Valliant».

Ao dar continuidade à iniciativa Leitor do «Diário de Lisboa» não fazemos mais do que corresponder às solicitações de largas dezenas de milhares de leitores. Bem pouco, por isso, difere a segunda da primeira fase da iniciativa, como pode verificar-se pela consulta do respectivo regulamento. Não é um concurso mas sim uma iniciativa aberta a todos os leitores habituais do nosso jornal.

Ora a leitura da lista de prémios assegurará que, pelo facto de serem leitores do nosso Jornal, os participantes na nossa iniciativa poderão conquistar um dos confortáveis apartamentos mobilados e magnificamente situados em Paço de Arcos (e o primeiro prémio é completado com um magnífico automóvel «Morris-1300»); a oportunidade de realizar viagens de avião a

grandes centros da Europa e das Américas, além de muitos artigos de valor e utilidade.

Já dissemos que a facilidade define esta iniciativa do «Diário de Lisboa» em que estão a participar dezenas de milhares de leitores de todos os pontos do País. Mas que é preciso para participar? Se não tomou parte na primeira fase da iniciativa (isso será suficiente para ficar automaticamente habilitado ao sorteio desta segunda fase), deverá preencher (com letra bem legível) o cupão-duplo que publicaremos diariamente, enviando-o, uma única vez, para os nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º-Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00. Em troca, ser-lhe-á enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio. Esclarecemos no entanto que os contemplados apenas poderão entrar na posse dos prémios que venham a ser-lhes atribuídos em sorteio depois de provarem ser leitores habituais do «Diário de Lisboa», exibindo a colecção de «cabeçalhos» do nosso Jornal publicados entre 7 de Abril findo e 7 de Julho próximo, com uma margem de faltas de cinco exemplares por cada mês de publicação.

ESCORT
EM 6 VERSÕES

EXPERIMENTE...

E DEPOIS DECIDA

NO SEU CONCESSIONARIO

FORD LINCURI

AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA

e concelhos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e V. F. Xira

ARGENTINA — O SEXTO PAÍS DO PACTO ANDINO

BUENOS AIRES — A Argentina, até agora adversária de uma rápida integração económica, deu alguns passos no sentido de aderir ao pacto andino, que compreende cinco nações.

A organização tem como objectivo a criação de um mercado comum tendo já decretado, em comum, restrições controversas que afetam os investimentos estrangeiros.

Por **LEWIS DIUGUID**

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

Um alto funcionário governamental declarou, recentemente, que a Argentina encetou conversações acerca da sua admissão como resultado dos estudos efetuados sobre possíveis benefícios resultantes do facto de se juntar ao Chile, Peru, Bolívia, Equador e Colômbia na referida organização.

A decisão da Argentina constituiu uma autêntica surpresa. Os países andinos formaram o grupo em 1969, como resultado do fracasso da associação de comércio livre latino-americana, de maiores dimensões, em conseguir o seu objectivo de rápida expansão dos mercados.

A Argentina e o Brasil, os maiores países da América Latina, são, regra geral, censurados pelo fracasso. Os seus mercados internos apoiam uma indústria de dimensões impossíveis nos cinco países andinos.

A iniciativa da Argentina é tão surpreendente que se torna extremamente difícil calcular o seu desfecho. Os cinco membros procuraram conseguir a entrada da Venezuela desde o início, mas desconhece-se a sua posição relativamente à Argentina. Tão-pouco se sabe se os chefes militares argentinos concordariam com as transigências de soberania que ne-

gociações sérias sem dúvida implicariam.

Um resultado virtualmente certo da iniciativa será a imediata reconsideração da Venezuela, onde o governo tem repetidamente cedido perante interesses que se opõem à adesão ao pacto.

O referido alto funcionário argentino tornou claro que um dos objectivos da entrada para a organização seria a tentativa de modificar, a partir de dentro, o que descreveu como tendências proteccionistas no seio do pacto.

ESTAGNAÇÃO?

Outro indício do subitido interesse argentino num comércio liberalizado do hemisfério foi o discurso pronunciado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Luis María de Pablo Pardo, durante a conferência da Organização dos Estados Americanos, realizada em 16 de Abril, na Costa Rica.

Ao falar das relações comerciais entre os Estados Unidos e as nações latino-americanas, Pablo Pardo referiu-se a «estagnação e até mesmo retrocesso» que ele atribuiu «à tendência para criar economias

fechadas, às ideias de independência económica e ao proteccionismo que ambas as partes encorajam».

O ministro dos Negócios Estrangeiros reflecte apenas uma das muitas atitudes que se manifestam na Argentina relativamente à política económica externa. Diversos decretos, compreendendo uma lei «compre produtos nacionais» e restrições que afetam os investimentos estrangeiros da autoria do ministro da Economia, Aldo Ferrer reflectem um nacionalismo que se pode também encontrar no Chile e no Peru — «leaders» do pacto andino.

Todavia, enquanto as resoluções do pacto no sentido de uma nacionalização gradual dos investimentos estrangeiros visam principalmente os norte-americanos, as regras são susceptíveis de serem aplicadas igualmente a futuros investimentos argentinos, o que explica a preocupação da Argentina com o que é considerado proteccionismo perto de casa.

CONVERSACÕES

Presume-se que as conversações entre os argentinos e os países membros da organização estejam a decorrer na respectiva sede, em Lima, no Peru. A admissão da Argentina aumentaria a população abrangida pelo bloco em cinquenta por cento, atingindo 77 milhões de pessoas. Ao contrário do que acontece com os actuais membros, a quase totalidade dos 28,4 milhões de argentinos integra-se activamente na economia do dinheiro.

O pacto andino nasceu de um encontro entre os presidentes da Colômbia e do Chile, Carlos Lleras e Eduardo Frei, que se realizou em 1966. O ano passado, o presidente socialista, Salvador Allende, substituiu Frei e reafirmou o apoio chileno ao pacto.

Com o Peru partilhando da tendência política do Chile, o futuro mercado comum parece ser cada vez mais dominado pelas indústrias que são monopólio do governo. A Colômbia apresenta um mercado em

que participam mais as indústrias privadas, particularmente estrangeiras. Todavia, o novo presidente conservador Miguel Pastrana Borrero reafir-

mou a adesão do seu país ao pacto.

A Argentina tem oscilado entre o «controle» do Estado a iniciativa privada e o encorajamento dos investimentos estrangeiros. Mas o actual governo militar é instável e, aparentemente, hesita quanto à direcção a tomar.

CONTESTAMOS!

ler não é um luxo

Luxo é aquilo que se compra ou possui sem necessidade

Ler é uma necessidade. Ler é um alimento

Uma casa sem livros é um corpo sem alma

Contestamos portanto que ler seja um luxo

Todas as obras anunciadas estão à venda em qualquer livreria
Se não se puder deslocar a uma livreria, envie-nos o cupão abaixo

PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA

SOCIALISMO AFRICANO



por
Eduardo dos Santos

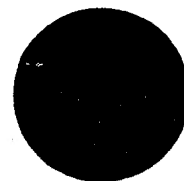
Uma obra fundamental para todos os portugueses, de hoje, que quer pelos assuntos abordados, quer pela forma como são expostos. A solução para a crise do continente africano não estará no socialismo, independente nos domínios ideológico, político e económico. Um livro polémico. 260 págs. — 45\$.

O ADOLESCENTE QUER SABER...



O adolescente faz perguntas a seu pai e na maior parte das vezes não obtém resposta, ficando a braços, sozinho, com os seus problemas. A leitura atenta deste livro evitar-lhe-á uma série de desequilíbrios psíquicos. Um volume da "Biblioteca do Homem e da Mulher", aconselhável a jovens, pais e educadores. 168 págs. — 30\$.

O DIREITO DO MAIS FORTE



por
Hans Hellmut Kirst

Do mais lido autor alemão do pós-guerra, um romance magistral, que você vai ler com emoção e prazer. 332 págs. — 60\$.

AS FRIAS MADRUGADAS



por
Fernando Namora

Colecção da obra poética de um dos maiores romancistas portugueses contemporâneos, agora em 4.ª edição. 176 págs. — 45\$.

OS PASTORES DA NOITE



por
Jorge Amado

"Conto o que sei por ter vivido e não por ouvir dizer. Conto de acontecimentos verdadeiros. Quem não quiser ouvir pode ir embora, minha fala é simples e sem pretensão. Pastoreávamos a noite como se ela fosse um rebanho de inquietas virgens na idade do homem." 344 págs. — 75\$.

E também já pode ler.

TRANSFORMAÇÕES EM MOTORES DE 4 TEMPOS

Um livro útil a todos os apaixonados pelo automóvel — 70\$.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Um livro fundamental para os estudantes e professores — 20\$.

OS LOBOS

Um extraordinário romance de Kirst, novamente à venda. 720 págs. — 95\$.

SAIU HOJE motor

NESTA EDIÇÃO

- XX RALLYE DA MONTANHA (Nuno Coutinho)
- RALLYE DOS ALPES AUSTRIACOS (F. Romãozinho)
- O 1.º RALLYE DO BNU EM MOÇAMBIQUE (Dinis Rosas)
- CARLOS AZEVEDO EM SILVERSTONE
- MECANICAS EM SPA (Philippe Toussaint)
- A TARGA FLORIO
- GRANDE PRÉMIO DE MADRID F. 2
- MOTONÁUTICA (Maria do Céu)
- KARTING (Heiland Garcia)

MOTOR-ENSAIO — O MAZDA CAPELLA RX-2

por Philippe Toussaint do Serviço de Report. de Maio de 1971 — 100\$

SUPLEMENTO SOBRE O RALLYE DO BENFICA

28 PAGINAS

PREÇO 2\$50

Envie-me, contra reembolso, na volta do correio, os títulos que assinalo com um ☒

☐ SOCIALISMO AFRICANO..... 45\$	☐ AS FRIAS MADRUGADAS..... 45\$
☐ O DIREITO DO MAIS FORTE..... 60\$	☐ TRANSP. EM MOTORES DE 4 TEMPOS... 70\$
☐ OS PASTORES DA NOITE..... 75\$	☐ A REVOLUÇÃO FRANCESA..... 20\$
☐ O ADOLESC. QUER SABER..... 30\$	☐ OS LOBOS..... 95\$

Nome: _____ Profissão: _____
Morada: _____ Localidade: _____
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8
Mem Martins

*** novo casino estoril ***

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

BENTYBER DANCERS

com **lindsay dolan**

FAITH BROWN
VEGETA DA RÁDIO E DA TV INGLESA

GERA MARDN / **BEATRIZ DA CONCEIÇÃO**
ILUSÃO E FANTASIA

"OS MODS" * "OS FLIERS"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

IVORY WILDE
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
maiores de 17 anos
NO WONDER BAR ÀS 10H. maiores de 21 anos
TELEFONE 264521

*** novo casino estoril ***

UGO TOGNAZZI

NUM FILME DE CRÍTICA AOS TEMPOS DE HOJE
ONDE SE DIZ E «MOSTRA» MUITA COISA!

DIST. FILMITALUS
TECHNICOLOR
TECNISCOPE
(ADULTOS)

«SISSIGNORE»

CASAMENTO SEM NÚPCIAS

COM **A ESPAMPANANTE**

MARIA GRAZIA BUCCELLA
GASTONE MOSCHIN e FRANCO FABRIZI

na história de um grande capitalista que se aproveita
de alguns homens... e de outros... só das mulheres...

As 21.45 — HOJE, ESTREIA — As 21.30

ALVALADE e EDEN

MARIA VITÓRIA
(M/ 17 ANOS)

• Hoje, às 20.45 e 23 horas

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO,
APRESENTAM, EM PLENO EXITO,
A SENSACIONAL REVISTA

• CALA-TE, BOCA!...

UM ÓPTIMO ELENCO, COM:

- JOSÉ VIANA
- BARROSO LOPES
- DORA LEAL
- ÂNGELA RIBEIRO
- JÚLIA BABO

A CANTORA LÍRICA

- SUZETE DINIZ
- OCTÁVIO DE MATOS

A FRENTE DE UMA GRANDE COM-
PANHIA, E DE UM ESPECTACULAR
«BALLET» INTERNACIONAL

**• Domingo, «Matinée»
às 16 horas**

DORA LEAL
na «Lulu
dos Manjericos»

O «VERDE GAIO» NO TIVOLI

«Imagens da Terra e do Mar» é o título de um bailado apresentado na primeira fase do «Verde-Gaio», com argumento de António Ferro, música de Frederico de Freitas e coreografia de Francis

Graca (três dos grandes obreiros da arrancada inicial, já lá vão mais de 80 anos). O referido bailado não se viu agora. Mas o título poderia ter servido de epígrafe ao espectáculo da noite da tarde, no Tivoli, com que se procurou fazer ressurgir o agrupamento, restituído à orientação primitiva, assenta fundamentalmente as suas realizações na evocação de temas, danças e costumes nacionais, com particular incidência sobre o aproveitamento de elementos folclóricos ou de inspiração folclórica.

As «imagens» que tal evocação implica nem sempre traduzirão ou têm traduzido, os aspectos mais profundos dos problemas e do sentir da gente portuguesa. É um ponto em que convém atentar. E se chamo a atenção para ele, é porque só através de um aprofundamento mais intensivo da temática e dos processos se alargará o alcance da iniciativa, abrindo-lhe novas perspectivas. Importa, portanto, seguir por esse caminho, agora que se resolveu regressar às fontes, depois de um período bastante longo em que o grupo «enveredou» pelo cultivo do ballet clássico, embora sem abandonar completamente os temas nacionais» (conforme se reconhece na nota preambular do dr. Caetano de Carvalho inserta no programa).

Em referência ao espectáculo de ontem, foi o garridismo, a visão mais colorida e exterior, digamos assim, de determinadas regiões do País aquilo que ressaltou em quadros como «Pandangos», «Corridinho» e «Minho». Reveste-se de maior densidade, até pelas ressonâncias dramáticas o mais extenso bailado narrativo de Francis intitulado «Nazaré». Qualquer destas realizações representa estádios meritórios, sem dúvida, que há que considerar — e sobretudo, reconsiderar — e para seguir mais além, muito mais além, numa trajectória que, recusando o estagnamento e o imobilismo, assimile e adapte outras conquistas de vocabulário e estéticas, sem que isso signifique o abafar de elementos idiossincráticos ou caracterizadamente nacionais. Neste escopo deverá inserir-se a colaboração de argumentistas e cenaristas e fomentar o trabalho de coreógrafos.

A renovação que agora se tentou no funcionamento do «Verde-Gaio» acarretou sensível remodelação dos quadros. Lá se integram elementos antigos, outros mais novos, entre os quais alguns dos mais destacados bailarinos do nosso meio como Magda Cardoso, Paula Gareya, Fernando Mateus, Jorge Trincheiras. A direcção artística está confiada a Margarida de Abreu e Fernando Lima (que assinou três das coreografias apresentadas ontem). Além do bailado «A Menina dos Olhos Verdes» (coreografado por Margarida de Abreu), o programa incluía outras «imagens» portuguesas, desde a curta panorâmica de monumentos e paisagens projectada no «écran», até à intervenção de um acordeonista excepcional (Fernando Ribeiro) e à presença da música e da arte guitarrística de Carlos Paredes.

Nestes «hors-d'oeuvres» residiram, aliás, alguns momentos especialmente cativantes do espectáculo.

N. B.

EÇA DESMASCARA

- I — A LITERATURA
- II — O JORNALISMO
- III — A ALTA SOCIEDADE
- IV — O PROVINCIANISMO
- V — A UNIVERSIDADE
- VI — A POLITICA
- VII — AS HESPAÑOLAS



CONCHA
(aliás Paqueta Villalba)
Hespanhola made in Spain

**ESTA SEMANA
SENSACIONAL
ESTREIA DE LISBOA
EM PELO E DE**

A CAPITAL DE EÇA DE QUEIROZ

adaptação de
**ARTUR RAMOS e
ARTUR PORTELA-FILHO**

encenação de
ARTUR RAMOS

direcção plástica de
JOÃO ABEL MANTA

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

**TEATRO
VILLARET**

Subsidiado pelo
Fundo de Teatro

BILHETES A VENDA

TRINDADE

F. N. A. T.
APRESENTA
HOJE, às 21.15—3.ª RECITA

**LUCIA
DE LAMMERMOOR**
de Donizetti

Maestro: SILVA PEREIRA
Encenador: GINO BECHI

ELENCO
Eliseth Bayan, Manuela Pi-
garra, Luis França, Carlos
Jorge, Guilherme Kjölner,
João Rosa, João Veloso

ORQUESTRA DE ÓPERA
DA EMISSORA NACIONAL
CORO DO TEATRO
NACIONAL DE S. CARLOS

SABADO, 22 — 4.ª Recita de
«LUCIA DE LAMMERMOOR»
(M. 12 anos)

ATRIUM

Complexo de RESTAURANTES
em novo Bairro Na rua de S. Juliã

SELF-SERVICE
CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO • GRILL ROOM
e na rua da Prata • MINI-SNACK

no nosso País. Equipamento ultra moderno
facilidade de estacionamento a partir de 20 horas

PARA VÓS SERVIR

ANDREIEV PELO CÊNICO DA C. N. N.

«O Pensamento», de Andreiev. Adaptação de Jorge Semprun. Tradução de Guilherme Valente. Encenação de Ruy de Matos. Cenário e figurinos de Jorge Rocha. Assistência de Luis Rozeiro. Sonoplastia de Jorge Santos. Lumino-técnica de José Mendes. Intérpretes: Silva Heitor, Raul Cardona, Helena Heitor, Leonor Bernardo, Eduardo Peres, Rui Pinheiro, Zita Esteves, Vitor Sérgio, João Pinhal, Fernando Duarte e Celeste Calçada. Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação.

Leonid Andreiev, escritor russo nascido em 1871, foi durante algum tempo considerado um émulo de Tchekhov, embora hoje a sua obra nos pareça mais próxima de Dostoiévski que do genial miniaturista. Dilacerada entre o realismo em que se formara e o simbolismo que lhe sucedera, a personalidade de Andreiev não chegou a atingir a plenitude criadora que as suas obras deixam entrever. Novelista e dramaturgo, ele próprio adaptou ao teatro a sua novela longa «O Pensamento». O espanhol (radicado em França) Jorge Semprun escreveu esta versão não apenas a partir do texto dramático como também da própria novela.

«O Pensamento» levanta este conflito pirandelliano (antes de Pirandello): um homem que resolve cometer um crime na pessoa do marido da mulher que ama, fingindo estar louco — é ou não louco? E sendo ele capaz de racionalizar a sua situação mental — continua ou não a ser louco? Infelizmente, os termos dramáticos em que é posta esta problemática permanecem demasiado abstractos, não sendo por isso suficientemente vigorosos — como viriam a sê-lo no dramaturgo siciliano — para se tornarem convincentes, para além do caso puramente clínico. Embora recorrendo a uma técnica moderna (diálogos: cinematográfica) — narração em voz off, reconstituição sonora de cenas, um longo «flash-back» — o adaptador ou o encenador não me conseguiram superar as condições literárias da obra adaptada.

Por outro lado, dificilmente poderia um grupo de amadores transformar um texto tão complexo como este — cujos

principais sinais são interiores — num espectáculo vivo, capaz de interessar a um público de hoje. Ruy de Matos fez uma encenação cuidada (por exemplo: quando uma personagem se coloca em frente de um candelabro apaga-se um projector), austera, marcando um tempo que me pareceu excessivamente lento. Dispondo de cenas apropriadas mas concebidas, ao que supponho, para um palco mais pequeno, o encenador procurou dar um certo hieratismo às personagens, criando ao mesmo tempo uma zona de solidão para a personagem principal, «pivot» da peça em cujo cérebro esta revive constantemente.

Para um grupo de amadores, esta peça tem ainda essa agravante: ser o pretexto inevitável para a exibição do seu intérprete (ao que parece Semprun fez a adaptação por encomenda de Laurent Terzieff). Não creio que interesse a nenhum teatro (e muito menos a um teatro de amadores) um tipo de espectáculo assente no virtuosismo de (possíveis) vedetas. É claro que o virtuosis-

mo de Silva Heitor é muito relativo, embora fosse evidente a boa composição da personagem e a certa (embora exterior) caracterização psicológica que lhe conferiu. Os outros intérpretes limitam-se a ser, naturalmente, o coro deste solo, a um nível que mantém uma certa dignidade.

Lamentamos — embora possamos compreendê-los — que os funcionários da empresa não se tenham interessado pelo espectáculo, apresentando a sala um aspecto desolador.

Foi distribuído um programa gráficamente bonito, mas quase inútil. Teria sido preferível integrar alguns dados que ajudassem a situar o autor e a obra representada.

CARLOS PORTO

O V Ciclo de Teatro Amador na Empresa, inaugurado com o espectáculo do Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação a que se refere Carlos Porto, prossegue esta noite (21 e 22) no Teatro ABC. Em cena «Milagre da Rua», de Costa Ferreira, pelo Grupo Cénico da SIPE.

VALENTIM DE CARVALHO
+ «A NOITE É NOSSA» DE
RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS
+ PORÃO DA NAU...

APRESENTAM:

O NOVO ALBUM DE

JOSÉ CID

NA MADRUGADA DE 20/21, QUINTA PARA
SEXTA-FEIRA, JOSÉ CID ACTUARA NO «PORÃO
DA NAU», COM TRANSMISSÃO DIRECTA ATRAVÉS
DO R. C. P.

COM NOVA MÚSICA E UMA SURPRESA, JOSÉ
CID VAI ESTAR NO «PORÃO DA NAU».

E VOCÊ?

DISCO COLUMBIA — A VENDA A PARTIR DE
SEXTA-FEIRA NOS REVENDEDORES HABITUAIS
E EM

VALENTIM DE CARVALHO
CI SARL



ACTOR LUÍS SANTOS

A partir do próximo dia 23, domingo, deixa de fazer parte da Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa (Teatro Vasco Santana) o actor Luís Santos, por ter rescindido o contrato que o ligava a este agrupamento.

Tanto quanto julgamos saber, o conhecido actor ainda não se comprometeu com qualquer outra companhia.

TICO-TICO NO VITÓRIA

O Teatrinho Tico-Tico, colaborando com os Serviços Culturais da Câmara Municipal, continua a proporcionar espectáculos infantis às crianças dos bairros populares de Lisboa. Depois de amanhã é tarde o conjunto, sob a direcção de Rosa Mateus, leva à cena, no Vitória Clube, a peça musicada «A pérola maravilhosa».

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

GRANDE AUDITÓRIO • Amanhã às 21.30 h.
Segunda-feira, dia 24, às 18.30 h.

INDOMENEU de MOZART

— Ópera em versão de concerto —

Maestro: THEODOR GUSCHLBAUER • Solistas: HORST HOFFMANN, HANNEKE VAN BORK, ENRIQUETA TARRES, ISABEL GARCISANZ, MATTI JUHANI

CORO e ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

COLISEU • Dias, 29 e 31 às 21.30 h.

Concertos pela ORQUESTRA SINFÓNICA
DA EMISSORA NACIONAL
Maestro: LUKAS FOSS

Dia 29: Solista — MASUKO USHIODA (violino) / Obras de Bach-Schönberg, Lukas Foss, Sibelius e Ravel
Dia 31: Solista — ALEXIS WEISSENBERG (piano) / Obras de A. Cassuto, Rachmaninoff e Tchaikovsky

Bilhetes à venda • Dias 21 e 31: p.ª maiores de 12 anos
Dias 24 e 29: p.ª maiores de 6 anos



cuide de si enquanto
goza as suas férias

CALDELAS

famosas termas hidro
lógicas do país para
o tratamento das
doenças intestinais

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA

GRANDE HOTEL DE CALDELAS

quartos com banho e telefone • no telheiro
copéis • vela e meteorológico • varagens

Abertas de 1 de Junho a 1 de Setembro

GRANDE HOTEL DE CALDELAS

PREÇOS ESPECIAIS
JUNHO - JULHO



CASA DA
COMEDIA

R. S. Francisco
Borla, n.º 22

HOJE, às 22 h.

O FIM

de ANTÓNIO PATRÍCIO
Marçães — Tel. 67 72 99
Maiores 17 anos
Subsidiado Fundo Teatro

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

ALPHAVILLE

O NOVO FILME e o FILME NOVO

de

JEAN-LUC GODARD



A aventura e o amor, a morte e o mistério.

ANNA KARINA

EDDIE CONSTANTINE • AKIM TAMIROFF
ADULTOS

AMANHÃ, ESTREIA

estúdio
CINEMATOGRAFIA

«OSCAR» PARA INGMAR BERGMAN PELO CONJUNTO DA SUA OBRA

Bergman consegue com «Paixão» um dos mais importantes
filmes que vimos em Portugal nos últimos anos.

in «Diário de Lisboa»

«Paixão» é, na verdade, um acontecimento cinematográfico.

in «República»

Uma obra-prima e uma demonstração portentosa da maturidade do cinema. Não se pode falar em não perder porque
É OBRIGATÓRIO VER.

in «Diário Popular»



no universo de
ingmar bergman

paixão

max von sydow
liv ullmann
bibi andersson
erland josephson

director de fotografia sven nykvist
produção de svensk filmindustri-cinematograph

COR DeLuxe United Artists



2.ª SEMANA

ADULTOS



ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Lamarca condenado à revelia

RIO DE JANEIRO. 20 — (F. P.) — O ex-capitão do exército brasileiro, Carlos Lamarca, foi condenado ontem, à revelia, a 30 anos de prisão por actividades subversivas. Carlos Lamarca é considerado como sucessor dos chefes da esquerda revolucionária brasileira. Carlos Marighela e Joaquim Camara Ferreira, mortos pela Polícia, respectivamente, em Outubro de 1969 e em Novembro de 1970.

Carlos Lamarca desertou do Exército em princípios de 1969, levando consigo um camião cheio de armas, e juntou-se aos guerrilheiros. É o chefe da «Vanguarda Revolucionária Armada» e é acusado de assaltos a bancos e edifícios oficiais bem como de vários assassinios. No ano passado, uma operação de cirurgia estética ter-lhe-ia transformado por completo o rosto.

PORTUGUÊS MORTO NA CÔRSEGA

AJACCIO. 20 — (F. P.) — Joaquim Alves, pedreiro, de 31 anos, natural de Ponte de Lima, morreu ontem, acidentalmente, ao cair dum altura de 22 metros, quando trabalhava num prédio em construção, em Ajaccio. O trabalhador português perdeu o equilíbrio e precipitou-se do 7.º andar.

Vicita de estudantes à filial de Lisboa do Banco do Alentejo

Ontem, a meio da tarde, um grupo de mais de vinte alunas e alunos da 6.ª classe da escola primária n.º 66 da Charneca visitou as instalações da filial de Lisboa do Banco do Alentejo na Avenida da República, junto à Praça Duque de Saldanha.

Na visita que como, anteriormente, realizadas por estudantes de outros estabelecimentos de ensino, se efectuou por iniciativa daquela escola, os alunos, acompanhados por um professor, foram recebidos por elementos da Direcção do Banco do Alentejo, que os conduziram, depois, através dos vários serviços da instituição, sobre cujas funções, finalidade e funcionamento os elucidaram.

Os visitantes mostraram-se particularmente interessados pelo serviço responsável pelas Contas para Jovens, que constitui uma das iniciativas do Banco do Alentejo integradas nas realizações dessa instituição bancária que contemplam os interesses da juventude.

Terminada a visita, foi feita uma exposição em que se explicou aos estudantes o que é um Banco, como funciona e que fim tem em vista, e, no



O dr. Rodriguez de la Fuente, quando da sua recente estadia em Lisboa, por ocasião do lançamento da obra «A FAUNA», de que é autor, fotografado entre os Drs. Orlando da Costa e Rogerio de Oliveira, respectivamente director técnico e director comercial e administrativo da Agência de Publicidade MARCA. Esta agência foi encarregada de conceber e realizar a importante campanha de lançamento em Portugal daquela notável obra em fascículos, de que é co-editor Publicações Europa-América. Com mais esta conta de âmbito internacional, a MARCA prossegue a consolidação da sua actividade no mercado português.

COMEMORAÇÕES DO DIA DA MÃE

O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos inaugurou duas cantinas junto das escolas primárias da Chamusca e de Olivais-Sul, respectivamente. A iniciativa das cerimónias, que se integram nas comemorações do «Dia da Mãe», partiu da Obra das Mães, a que preside a sr.ª condessa de Penha Garcia. A cantina de Olivais-Sul já funciona desde há dias mas hoje, aten-

gendo à cerimónia da inauguração oficial, serviu refeições melhoradas.

Também no âmbito das comemorações do «Dia da Mãe», o sr. Presidente da República entrega amanhã às 15 e 45, no Palácio de Belém, prémios a famílias numerosas. No sábado, às 17 horas, a esposa do ministro

da Educação Nacional, sr.ª D. Madalena Veiga Simão, inaugura, na sede da Obra das Mães, uma exposição de Trabalhos das alunas de todos os Centros de Formação Familiar daquela instituição. Finalmente no domingo às 12 e 30 o bispo de Teóptis celebra missa, na igreja de S. Roque por intenção de todas as mães portuguesas.

Necrologia

FUNERAIS

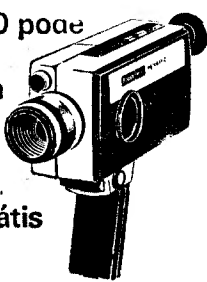
Capitão António do Amaral

Constituiu uma expressiva manifestação de pesar o funeral, que hoje se realizou na Igreja da Boa Hora para o cemitério da Ajuda, do capitão António do Amaral, do conselho administrativo da Guarda Fiscal. Durante a noite o corpo foi velado pela família e numerosos amigos e camaradas do extinto. Por sua vez, soldados daquela corporação efectuaram turnos até à saída do préstito. Pelas 10 horas, foi celebrada missa de corpo presente e ao meio-dia a urna

com o feretro e coberta com a bandeira nacional foi retirada da câmara ardente para um armão do Exército, que a transportou ao cemitério. Um oficial da Guarda Fiscal conduziu numa almofada coberta de crepes de boné, a espada e as condecorações do extinto. No préstito, que foi largamente concorrido, tomaram parte, além da família do finado, o comandante-geral, oficialidade e deputações de sargentos e praças da Guarda Fiscal, numerosas individualidades civis das mais variadas categorias sociais.

filmar é fácil com câmaras Kodak Instamatic®

A partir de cerca de 1500\$00 pode comprar uma boa câmara, com a certeza de que compra o melhor - Kodak Instamatic.® Veja também os projectores Kodak - alta técnica e simples manejo. E receba um écran grátis na compra de uma câmara de filmar.



Miss Kodak mostra-lhe como é fácil filmar.

De 17 a 22 de Maio
assista a uma demonstração
no revendedor KODAK

J. C. ALVAREZ, LDA.

205, Rua Augusta, 207

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

VIDA SOCIAL

DR. FAUSTO DIAS

Regressou de Espanha, onde foi assistir a Jornadas Otorrinolaringológicas realizadas com o patrocínio do respectivo Ministério do Trabalho, o conhecido médico dr. Fausto Dias.

INTAR — Empresa Industrial de Tabacos, SARL

DIVIDENDO N.º 41

ESC. 26\$70 POR ACÇÃO (ILÍQUIDO)

A partir de 24 de Maio corrente, às segundas e quartas-feiras, das 10,30 às 12,30 e das 14 às 16 horas, estará a pagamento, nas Tesourarias da Empresa, o dividendo N.º 41, relativo ao exercício de 1970:

EM LISBOA, na Avenida da Liberdade, 20

NO PORTO, na Avenida Fernão de Magalhães, 1.181

A liquidação será feita nas seguintes condições:

	Acções ao portador		
	Acções nominativas	registadas	não registadas
Impostos — Capitais	1\$93	1\$93	1\$93
Successório	1\$33	1\$33	1\$33
Complementar	—\$—	—\$—	5\$94
Selo	\$26	—\$—	—\$—
	3\$52	3\$26	9\$20
Dividendo bruto	26\$70	26\$70	26\$70
Dividendo líquido	23\$18	23\$44	17\$50

Para cobrança do dividendo deverão os Srs. Accionistas preencher os impressos que para o efeito lhes serão fornecidos nas citadas Tesourarias da Empresa.

Os dividendos atrasados pagam-se às quintas-feiras, às mesmas horas.

Pede-se aos Srs. Accionistas que ainda não apresentaram os seus títulos, para o efeito de serem carimbados com a nova denominação da Empresa, o favor de o fazerem no acto do recebimento do dividendo.

Lisboa, 18 de Maio de 1971

INTAR — EMPRESA INDUSTRIAL DE TABACOS, S. A. R. L.
O Presidente do Conselho de Administração
COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL



CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

OS FANTASMAS E OS VIVOS

Era uma sala cheia. Uma sessão de fanto-ches, no extremo da sala; depois teatro declamado no outro extremo. Alguns adultos orgulhosos de se encontrarem no meio de crianças, crianças conscientes da sua importância. Momentos antes, estiveram no pátio a plantar uma árvore. O que eles cavaram, santo Deus! E o que eles cantaram! Agora um grande silêncio para apanhar as palavras todas do João Pateta, o menino que só fazia tolices — a mantelga derretida, o galinho fugia, a bi-lha partia e o João, dizia: *nã se aflija, nha mãe, prá outra vez hei-de fazer bem*, o João era pateta porque vivia isolado, afogado na solidão dos trabalhos inglórios mas um dia aparecem outros meninos, envolvem-no levam-no — e assim nasce a esperança, João há-de deixar mesmo de ser pateta, as pessoas querem-se umas com as outras. Agora, um grande silêncio para apanhar as palavras todas e de repente do meio da sessão.

tência, vinha uma exclamação, uma crítica que não era senão o desejo de ver tudo perfeito, palavras gritadas direitas ao manipulador do fantoche: *«Eh pá, baixa a cabeça!»* Lá fora, a árvore nova chorava mas era de alegria, quer dizer: era da chuva.

Foi neste preciso momento que o Chelsea mete o golo, na Grécia. Na Grécia, imaginem, acontece cada coisa! O Chelsea mete o golo ao Real Madrid, a assistência em delírio, é isso, a claques ingleses na Grécia, mesmo depois do esbaranço monárquico. Que bem realizado, o jogo do jogo! Os operadores implacavelmente atentos, saltos felinos da câmara, o equilíbrio alcançado entre o choque do pormenor e a funcionalidade do conjunto, entre o pessoal (o árbitro a falar com o spitto entre os dentes...) e o movimento do espetáculo. Foi pena que se não tivesse repetido a execução dos golos, o que

é para admirar. Os golos especialmente o primeiro estavam a precisar de repetição, tão ma se viu. A Televisão grega ainda não arranjou uns milhares de contos para comprar o aparelho de repetição. É pena. Porque a vida não se repete nunca, se os homens não a obrigarem. Se os homens têm essa possibilidade, por que não utilizá-la. É uma boa partida que pregamos à vida — e é um bom jeito que se faz ao telespectador. Por mim, se fizerem uma subscriçãozinha (aquilo que nós na província, antigamente chamávamos uma *quêta*) estou disposto a contribuir para a compra de tal maquina. Que há-de chegar. O que é preciso é ter esperança.

Esperança é o fundo essencial de *«A Escada»* de José Alberto Marques, um espectáculo para os olhos, um incentivo à imaginação e à inteligência, um apelo à firmeza no rem, para além das princesas, das serenas, e do Sul que as crianças pintam. Em resumo: a alegria de ser teatro ou o teatro de ser alegria. Ou o Teatro e a alegria de ser.

De súbito, zás: o golo do Real Madrid, nos últimos segundos. Os «merengues» mereciam, custa muito a suportar a injustiça imponente,

mas enfim, tudo acabou em bem, vitória, vitória, etc.

Vem aí o prolongamento e a seguir vem o «Telejornal» e depois vem a «Família Foraytes» que se aproxima do fim a mata pavaloc. Vou ter vagar, mais que vagar, para re-contratar o Manuel Maria, o Alves Rosa, o Bor-cha d'Água, o Julio Vaz o Stoffel, o João Rijo, e Leon esses que cumprem o gesto ri-tual, próprio do homem, de insuflar vida às em bocas de cartão prensado, ou lá o que é.

Desculpem. Isto não aconteceu na Televisão infantil, a Televisão infantil gosta mais de se fixar nos contrastes de Lisboa. Gosta mais ou não pode ir mais longe, sei lá. Isto aconteceu em Abrantes, na Escola Preparatória de Abrantes, não é nada como dantes. Passei lá a tarde, agora estou aqui diante do televisor diante das imagens da «Família Foraytes» e mais poderosas são as imagens euras, uma sala cheia, voluntariamente cheia, e Teatro, e uma árvore que nasce. Sinto-me vagamente indisposto por trazer para aqui estas imagens, sobrepostas às da Televisão. Paciência, agora. Ao menos por uma vez, que os fantasmas da Televisão não escondam os vivos do lado de cá.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — As 16: Nômade; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Fábulas», Programa Infantil, por Ana Maria; 18 e 05: O Convívio de hoje; Neil Diamond; 18 e 20: espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Música Popular Portuguesa; 19 e 10: Zarzuela: La Del Soto Del Parra (Soutullo-Vert); 20: Diálogo Sonoro; 20 e 20: O Conjunto «Olho Expresso»; 20 e 30: 18.º Episódio do Folhetim «Pera da Covilhã» — O Viajante Enfeitado; 20 e 50: Melodias pela Orquestra Hollywood; 21: Momento 71; 21 e 20: Música, só música; 21 e 30: Coro Feminino da Emissora Nacional; 21 e 50: Dia a Dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Guitarradas, pelo conjunto de Jorge Fontes; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Éxitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — As 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18 e 10: Música portuguesa — obras de Luís de Freitas Branco; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria

Helena de Freitas; 20: Sinal horário — Diário sonoro — boletim meteorológico; 20 e 20: Concerto por um trio constituído por: Noémia de Brederode, piano, Ricardo Ramalho, flauta, Ofélia Martins, fagote — Trio em sol maior (Beethoven); 20 e 43: Solo de órgão; 21: Árias de óperas francesas pelo soprano Joan Sutherland; 21 e 40: Tempo Interlúdio; 21 e 45: Música sinfónica de Mozart; 22: História do teatro português, pelo dr. Duarte Ivo Cruz «Comédias de Gil Vicente»; 23: A Voz da Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa Estereofónico — Modulação de Frequência 2 — As 21: Melodias por orquestras; 21 e 20: Aquaviva: Apocalipse (música — Manolo Diaz); 21 e 40: Instrumentistas: Eddie Colvert, Miguel Ramos e Acker Bilk; 22: Consonetes — Barbara, Edie e Stevie Wonder; 22 e 20: Fados e Guitarradas de Coimbra; 22 e 35: Melodias pela orquestra Frank Pourcel; 22 e 50: Coniuntos ligeiros; 23: Ciclo Schubert — Canções pelo barítono, Dietrich Fischer-Dieskau, ao piano, Gerald Moore; 23 e 57: Música sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30:

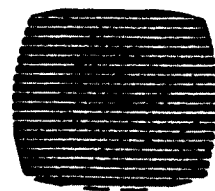
Rádio-jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar, 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo, 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talmã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 6 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-2; 1 e 02: Ronda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miremar — 383,6 m/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbalar; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia e dia; 21 e 05: Sô-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Crise para todas as nações; 22 e 30: Tirocinio; 23 e 04: Clube da juventude.

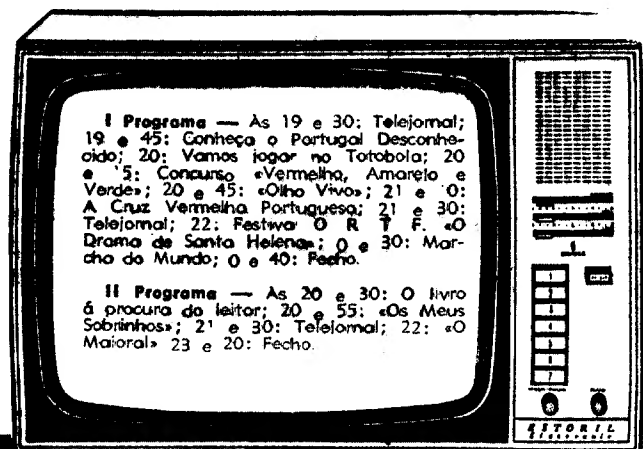
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Tempo e bênção da basílica das Mártires; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Jazz-Miles Davis e outros; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18 e 05: Targos; 18 e 30: Tempo, da basílica das Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Hora Portuguesa; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite. 2.º período — As 14 e 50: Círculo Preparatório TV; 19: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 25: Eurovisão — Futebol: transmissão directa de Atenas da finalíssima da Taça dos Vencedores de Taças; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22 e 03: «O Jogo da Vida», com Robert Stack e Darran McGavin; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 35: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: Minidecoração; 20 e 55: Filme de série «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal; 22: «Os Laureados com o Prémio Nobel da Medicina em 1970»; 22 e 25: «Music-hall» no Mundo; 23 e 20: Fecho.



TUDOR

pilhas para iluminação

DE 17 A 31 DE MAIO DE 1971
NA GALERIA "INTERFORMA"
AV. CASAL RIBEIRO, 44-LISBOA

PROMOVIDA E REALIZADA POR
MENDES PEREIRA, HERDEIROS, LDA.

EXPOSIÇÃO ANUAL
IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CISNE

VENDEMOS CULTURA

A Editorial Aster, presente na Feira do Livro, coloca à disposição do público toda a sua vasta colecção de livros dos mais variados assuntos com literatura para todas as idades.

editorial
aster

Pavilhão 37 — Feira do Livro

A CIDADE PRECISA DE NOVAS CASAS DE RENDA LIMITADA

—FOI LEMBRADO NA REUNIÃO DA CÂMARA

A construção de novas casas de renda limitada foi referida como de «extraordinária importância» entre as medidas complementares sem as quais «não é de esperar uma estabilização no nível das actuais rendas de casas» pelo vereador dr. Manuel Antunes Branco, na reunião pública da Câmara Municipal de Lisboa, que hoje se realizou. Falando no período da ordem do dia, o dr. Antunes Branco recordou duas afirmações do eng.º Santos e Castro, na reunião de 22 de Abril: a primeira, a de que em Lisboa não se registou no ano findo e no ano em curso até àquela data, uma elevação no preço dos terrenos para construção de habitações; na

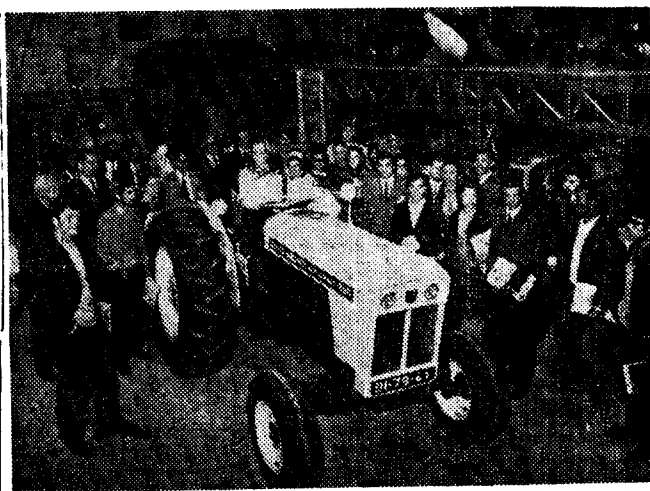
segunda afirmação foi revelado que, em duas praças consecutivas (a última das quais realizada no passado mês de Março) ficaram lotes de terreno sem pretendentes. O dr. Antunes Branco concluiu, depois, que «a política actualmente adoptada pela C. M. L. quanto à venda de terrenos para construção não está a contribuir para o agravamento das rendas de casa, na cidade», mas salientou «a necessidade imperiosa de se adoptarem algumas medidas complementares para garantia da rentabilidade social dessa política e que, formando, no conjunto, eficazes dispositivos «anti-inversão», se oponham, assim, a uma reversão injusti-

cada dos benefícios da mesma política em proveito de quem constrói os prédios ou de quem os adquire para rendimentos».

A reunião foi presidida pelo vice-presidente do Município dr. Dinis Soares da Costa, em virtude de o presidente, eng.º Santos e Castro, se encontrar ausente do País, e o eng.º D. Segismundo Saldaña, docente. Aberta a reunião, o dr. Soares da Cunha leu uma comunicação sobre o II Colóquio Nacional de Municípios, realizada em Lourenço Marques, e ao qual esteve presente, obedecendo a delegação da C. M. L. Falou, depois, o vereador Leopoldo Nunes, que felicitou o

dr. Soares da Costa pela sua exposição e fez considerações sobre a missão dos Municípios na actualidade.

Entrando na ordem do dia, falou o dr. Antunes Branco e, depois, o dr. Soares da Costa leu uma proposta assinada pelo eng.º Santos e Castro para que seja concedida ao cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira a medalha de ouro da cidade e que foi aprovada por unanimidade. Entre outras propostas lidas e aprovadas, figura a do projecto para remodelação da Avenida de Roma, que importará em mais de 14818 contos.



Aspecto da visita dos alunos do Instituto Superior de Agronomia

Visita de estudo dos alunos do Instituto Superior de Agronomia a J. J. Gonçalves, Sucrs.

No passado dia 14 visitaram as instalações da divisão agrícola de J. J. Gonçalves, Sucrs., C. I., S. A. R. L., um grupo de alunos do Instituto Superior de Agronomia, acompanhados pelo seu professor, sr. eng.º A. Penim. Foram recebidos pelo director da divisão, sr. eng.º M. Gaivão, que guiou o grupo, prestando todos os esclarecimentos necessários acerca do material

David Brown, Clayton-New Holland, Toselli, etc., representado pela empresa.

Esta visita, que já vem sendo habitual, permitiu uma interessante troca de ideias e opiniões entre os futuros engenheiros agrónomos e os técnicos da empresa, tendo sido exibidos filmes e discutidos vários problemas relacionados com a mais completa mecanização da lavoura nacional.



O eng.º M. Gaivão quando prestava esclarecimentos aos visitantes

Medalha de ouro da cidade para o cardeal Cerejeira

Na reunião da Câmara Municipal de Lisboa foi aprovada uma proposta do eng.º Santos e Castro para que seja concedida ao cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira a Medalha de Ouro da Cidade.

Fundamentando a proposta, o presidente do Município salienta que «tem sido sua Eminência o cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira o pastor espiritual da nossa diocese de Lisboa durante estas últimas perturbadas décadas, ao longo das quais o exemplo da sua inextinguível dignidade humana, da sua bondade santa, das suas primorosas qualidades intelectuais, muito contribuiu para o fíatil respeito e carinho com que a comunidade cristã portuguesa tem seguido a orientação serena e firme do prestigioso Príncipe da Igreja».

Congresso da Associação Cambista Internacional

A fim de assistir ao Congresso da Associação Cambista Internacional, que decorre de hoje a 24, em Copenhague, partiu ontem por via aérea uma delegação portuguesa de técnicos da Banca em questões monetárias.

Do grupo que representa o nosso País fazem parte os srs. Raul de Almeida Capela, presidente do Forex Club Português e director do Banco Português do Atlântico, e João Crisóstomo de Moraes, director da Sociedade Financeira Portuguesa, ambos pertencendo também ao Conselho da Associação Cambista Internacional; Carlos Monjardino e dr. Sampão Cabral, respectivamente director-adjunto e sub-director e chefe do escritório de representação em Paris do Banco Português do Atlântico; dr. Reinoldo Brauman, do Banco do Alentejo; Rui Barros Costa, do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa; Marcelo Mexia Chaves de Oliveira e Timóteo de Carvalho, do Banco Borges e Irmão; Calçado Duque, do Crédito Franco-Português; João Na-

tividade Gonçalves, do Banco de Angola; e Rodrigo de Barros Freitas e Vieira Rodrigues, de Pinto de Magalhães, Banqueiros.

No decurso dos trabalhos do Congresso, serão debatidos alguns dos mais prementes problemas relativos à actual situação do mercado internacional de cambios.

A delegação portuguesa, através do presidente e dos restantes membros do Forex Club Português, reafirmará nessa reunião o propósito desta entidade nacional de organizar em Portugal, em 1973, o Congresso da Associação Cambista Internacional.

GAGEIRO EXPÕE NAS BELAS-ARTES

Sob o título geral «Gente», está, a partir de hoje, patente na Sociedade Nacional de Belas-Artes uma exposição de trabalhos do repórter fotográfico Eduardo Gageiro.

«As artes e a cidade»

— Ciclo de colóquios no Centro Nacional de Cultura

Subordinado ao título geral «As artes e a cidade», começa esta noite, às 21 e 30, no Centro Nacional de Cultura um ciclo de colóquios.

O programa é o seguinte: hoje — «Para que servem as páginas literárias?», sendo animador Artur Portela Filho; no dia 27 — «Autopsia do Festival Gulbenkian», com José Blanc de Portugal; 3 de Junho — «O que é e para que serve um teatro nacional?», com José Estêvão Sampaio; 17 de Junho — «Fazer cinema em Portugal», com Alberto Seixas Santos; e «Psicologia aplicada do consumidor de artes plásticas», com J. Augusto França.

Com esta série de colóquios pretende o Centro Nacional de Cultura assumir uma intervenção polémica na vida cultural portuguesa interrogando-a e pondo-a em questão.

O Centro promove ainda, no próximo dia 1 de Junho, às 21 e 30, um encontro com o dr.ª Manuela Silva para estabelecimento de um programa de curso sobre «Aspectos do desenvolvimento socio-económico».



NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas S.A.R.L.

Av. 5 de Outubro, 122 — LISBOA-1

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE CHEFIA

5.º curso interempresa de 1 a 4 de Junho

O DINAMISMO DA EMPRESA DEPENDE CAPACIDADE DE CHEFIA DOS SEUS QUADROS COMO DESENVOLVÊ-LA?

Aqueles que exercem ou venham a exercer a média chefia encontram neste curso os conceitos básicos, apresentados em sequências tão lógicas que permitam a sua rápida apreensão e fácil aplicação à actividade da gestão.

O SEU SUCESSO COMO CHEFE DEPENDE DA SUA CAPACIDADE DE DINAMIZAR OS GRUPOS DE TRABALHO QUE ORIENTA

COMO APERFEIÇOÁ-LA?

BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

CHURRASCO

ABERTO ÀS 23.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211

JANTARES
DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

a fuma

almoços jantares e ceias
até às 3 da madrugada
fechado aos domingos

r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé)
tel. 53 44 66-53 19 49

AQUI ESTÁ A «PANDILHA»

Já ouviu, certamente, falar deles. Mas quem são, afinal? De repente, a Espanha inteira foi convidada a cantar com a «Pandilha». O «sloggan», lançado de um sexto andar da nova Madrid, depressa se popularizou e a venda do primeiro disco do grupo mais jovem do país vizinho galgou rapidamente para os primeiros lugares nas listas espanholas.

Formado há menos de um ano, o grupo «A Pandilha» é, hoje, um caso sério de popularidade. Além dos discos, o primeiro dos quais é agora apresentado em Portugal, intervém em peças de teatro infantil e fará, ainda este ano, a sua estreia no cinema como protagonista do filme «En un mundo nuevo» ao lado da festejada Karina. Ao mesmo tempo dois famosos desenhadores espanhóis (José Luis Moro e José Ramón Sánchez) lançam «A Pandilha» numa série de filmes já contratados para dez canais de televisão.

A primeira figura do grupo é, sem dúvida, Mari Nieves, de 15 anos, aluna do 5.º ano de Letras em Madrid. Aos 8 anos Mari Nieves interveio em duas óperas e, um ano depois, participou nas peças teatrais, «A sapateira prodigiosa» e «Só na obscuridade». Na época passada esteve três meses no teatro da Zarzuela

com a comédia musical «Sorrisos e lágrimas» e este ano tem aparecido todos os domingos no Maria Guerrero interpretando, com outros três elementos da «Pandilha» a peça infantil «A ilha dos sonhos possíveis».

Temos, a seguir, o pequeno Santiago (Santi entre os amigos). Irmão de Mari Nieves, tem 12 anos. É a voz travesa do grupo. Aos 7 anos interveio na zarzuela «Mirentxu» e, mais tarde, em «O pequeno príncipe» e «Sorrisos e lágrimas». Actualmente, participa na «Antologia do

teatro de zarzuela» que vimos este ano em Lisboa.

Os outros dois irmãos da «Pandilha» chamam-se Carlos Javi, respectivamente de 12 e 9 anos de idade.

E, finalmente, Mari Blanca, prima de Mari Nieves e Santi, com os seus 7 anos de idade é a mais nova do grupo.

A «Movieplay», que se ocupa do lançamento de «A Pandilha» em Portugal, está a estudar a possibilidade de trazer os seus componentes a Lisboa para diversas actuações.

NOTÍCIAS BREVES

— Especialmente dedicado ao «Dia da Mãe», a etiqueta «RR» lançou já um «zingle» com duas melodias de Eugénio Pepe e versos de Marco António. Títulos: «Querida Mamã» e «Parabéns mamã». Interpretado: a pequena Maria João que conta apenas 6 anos e faz agora a sua primeira gravação. Os acompanhamentos são do conjunto de Eugénio Pepe.

— Maria Portugal regressou ao elenco da Adega Machado e prepara para breve a gravação de um novo disco.

— Maria Armada, cancionista revelada num dos pro-

gramas «Riso e Ritmo», regressa agora à etiqueta «RR» tendo já seleccionado quatro fados a gravar muito brevemente, dois dos quais têm como autor Carlos Alberto França, sendo os restantes da dupla Eugénio Pepe-Francisco Nicholson.

— O disco de Manuela Machado «Poesia e Musica de Jazz», lançado na Galeria Quadrante, não foi ignorado pela crítica. A propósito a opinião de um crítico da especialidade: «Associando ao dramatismo da sua dicção a liberdade criadora do jazz», Manuela Machado faz do disco um instrumento autónomo de comunicação.

«MINHA SENHORA DE MIM» POR TERESA PAULA BRITO

Constituiu um êxito digno de realce o lançamento conjunto do disco «Minha Senhora de Mim» e do livro com o mesmo título de Maria Teresa Horta, editado pela Dom Quixote.

Essa gravação marca o regresso de Teresa Paula Brito, recentemente galardoada com o Prémio de Imprensa — 1970, agora como intérprete da poesia de Maria Teresa Horta que Nuno Filipe musicou.

A primeira apresentação do livro e do disco, levada a efeito nas instalações do Auditório Sasseti, despertou grande interesse nos meios literários e

musicais. O escritor David Mourão Ferreira encarregou-se da apresentação do livro que foi ilustrada com a leitura de alguns poemas por Ana Maria Teodósio.

José Nuno Martins fez a apresentação do disco e demonstrou, com a audição que se seguiu, a importância do trabalho levado a cabo por Teresa Paula Brito, Maria Teresa Horta e Nuno Filipe. Destacou a colaboração do engenheiro de som Jean-François Beaudet e da alta qualidade dos arranjos de Rui Ressurreição.

Os convidados, no numero dos quais se encontravam poe-

ora diga-nos...

— Gosta de ler fotonovelas?

Ler é importante. Há ler e ler. Há livros, revistas e jornais. Leitura para todos os gostos, ou para a defesa (manutenção) de uns tantos privilégios. E há FOTONOVELAS.

• A sr.^a D. Alcina Marquesa Paula, de 23 anos, empregada dum sindicato, responde-nos:

— Eu, por acaso, gosto.
— Porquê?
— Porque é uma coisa em que a gente adquire cultura e mais alguma coisa...



• A estudante Etelvina Maria, de 18 anos, disse-nos:

— Gosto imenso.
— Lê muitas fotonovelas?
— Só de vez em quando.
— Porque gosta de as ler?
— Eu acho que a leitura não «instrói», mas é uma maneira de passar o tempo.

• A sr.^a D. Natalina Chaves, servente, de 34 anos, á nossa pergunta respondeu-nos:

— Gosto, sim senhor.
— Porquê?
— Porque gosto de ler.
— Não lê outras revistas?
— Só gosto de coisas de amor



A já famosa «Pandilha»



CURSO PARA TÉCNICOS E AUXILIARES DE «RX»

Integrada no I Curso de Aperfeiçoamento para técnicos e auxiliares de R.X., que tem estado a decorrer nos hospitais de Santa Maria e D. Estefânia, dá hoje uma lição o eng. Dell'Orto, da companhia «3M» de Itália.

Esta sessão do curso realiza-se no hospital D. Estefânia.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascois * Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60\$00 * Rua das Taipas, 14 * Tel. 32 72 56.

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25\$00 * A noite consumo mínimo 40\$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) * Telef. 21 32 59 * Encerrado às quintas-feiras

MIL E UM

cantam: Maria Eva Fátima da Rosário, Ana Maria, Zília Maria, Alzira Moreno, Henrique Manuel, António Ferreira e Moisés Campeiros * Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — Consumo mínimo 40\$00 * Trav. da Espera, 8 — Telef. 3 54 64 * Encerra às 5 da madrugada

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo, Alzira Moreno, Henrique Manuel, Correira, Ana Rosmaninho, Colaboração de Vicente da Câmara e João Brago Tocam: Fontes Rocha José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos * Consumo mínimo 90\$00 * Beco dos Curtumes, 10 * Tel. 860816.

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima e Amândio Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramalho, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * Consumo mínimo 50\$00, Rua da Barraca, 133 * Telef. 369760 e 30532 * Encerra às terças-feiras

TIMPANAS

cantam: Trilo Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Conções do Minho por Quim Barreiros * Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo * Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef. 328307 * Encerra aos domingos

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado * variedades internacionais * Telef.: 264521 - 264526-264596-264621-264946

ADAGGIO

A presença de JOSE LETRIA Pop — Soul e Underground * Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil * Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695

TAMILA

Morão e s/ Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 * Matinês todos os dias * Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jan-

tares e serviço de Bar permanente Rua S. Tomás, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86 633

D. QUIXOTE — Bar-Boite com Carlos Villaret e Tony Vieira * Aberto até às 5 da madrugada * Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 * Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante * Av. Marechal Carmona * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas.

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amadeo, Ivete Pessoa, Maria Portugal, Loubet Bravo em fados de Coimbra, Tina Ferreira, Os Arautos, Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Liberto Conde, América Silva e Victor Ferreira * Cons.

mín. 70\$00 * Telef.: 30095-328713 * Encerra à segunda-feira.

a furna

música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
534466 561149

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Conj. Hélder Reis * Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viçosa * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

Novo director-geral das Construções Hospitalares

A folha oficial publicou um despacho que nomeia director-geral das Construções Hospitalares o eng. Júlio José Neto Marques, que até ao fim do mês passado desempenhou as funções de vice-presidente da Comissão de Construções Hospitalares.

Formado em Engenharia Civil, pelo Instituto Superior Técnico, em 1931, o eng. Neto Marques tomou parte em diversos congressos e outras reuniões internacionais, no desempenho das inúmeras funções que tem exercido no Ministério das Obras Públicas.



O NOVO SOM — Acordeonistas amadores de Hamburgo entusiasmam o publico com um novo som, o «Heinz-Ehme-Sound» — Ehm, professor de musica aos 16 anos, «arranjador» de orquestrações célebres, junta-se ao maestro e professor Fred Hector para a gravação e lançamento dos dois discos accordion up to date que estão batendo «records» de venda

Dizem os leitores...

Um caso de violação de propriedade privada?

Publicamos a seguinte carta que nos enviou o nosso leitor n.º 11 190 e remetemos ao atento interesse das entidades competentes:

«Eu, Francisco Correia da Rocha, residente na Quinta da Paisapa, registada na Câmara Municipal de Lisboa, a barraca feita por mim, com o numero 3044 na porta e 661 850 no numero de ocupan-

te, pagando 50\$00 mensais de renda, e ainda um terreno de cultivação pelo qual pago 220\$00 anuais de Setembro a Setembro, estando em dia com os meus pagamentos e sem que se encontrasse alguém dos meus familiares presentes, a Polícia camarária, entrou dentro da minha propriedade, sem qualquer aviso prévio, e deixou abaixo uma arrecadação de ferramentas, umas da minha arte de carpinteiro, outras de lavoura, partindo algumas destas, assim como uns vidros que eu guardava, para serviços particulares. Na barraca estava um cão de guarda preso por uma corrente, o qual os mesmos funcionários soltaram, fazendo com que o dito cão fosse para o pé de outro também preso, pois dentro encontravam-se quatro animais da mesma espécie, pelo que o segundo também se soltou estragando ambos uma série de produtos hortícolas, além de que os mesmos funcionários já teriam pisado parte do que eu tinha semeado.

«Pergunto eu: será que a lei da Câmara Municipal está assim tão mudada que já nem sequer avisam quando necessitam dos quartéis de terrenos de que são donos, mas de que eu sou inquilino registado e quite, para que se digam danificar produtos de propriedade alheia?

UM CASO DE ALTRUISMO

Pede-nos o sr. Manuel Albino do Rosário a publicação do seguinte, o que fazemos para tornar o caso conhecido, também das entidades respectivas:

«Assíduo leitor do vosso jornal, tomo a liberdade de lhe comunicar o seguinte:

«Peço, considere o acto a que assisti, de uma abnegação, sujeito o protagonista a perder a própria vida. Foi o caso de o guarda das cancelas da passagem de nível que dá acesso ao Entrepósito de Santos, sr. Joaquim dos Reis Pinheiro, ter salvo, como se diz com risco da própria vida, um individuo que não foi possível identificar. O caso levava-nos a crer, porém, que o maquinista do comboio também se apercebeu do facto, mas parece-nos justo que o referido guarda seja louvado, pois casos como este são muito raros!»

ANOMALIAS NAS CONSULTAS DE UM POSTO MÉDICO

Escreve-nos a sr.ª D. Maria Fernanda Silva Santos Nobre, moradora na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 109, 3.ª, esq. frente, queixando-se das dificuldades na consulta (indicada numa guia clínica do Posto Médico n.º 26 em Algés) num consultório na Avenida dos Bombeiros Voluntários onde diz não foi, como outros doentes, atendida com a devida solicitude. E aponta alguns casos que remetemos à atenção das entidades respectivas.



...Mas o seu dinheiro no Banco de Fomento dá rendimento e fica seguro.

Até fim de 1 ano rende

5,75%

Os juros são pagos semestralmente e não há quaisquer impostos a deduzir.

No entanto, se tiver uma necessidade imprevista, o Banco de Fomento resolve o problema facultando-lhe a possibilidade de dispor do seu dinheiro.

Contacte a delegação mais próxima



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO. ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

MAIS GENTE EM QUATRO CONCELHOS

O Instituto Nacional de Estatística acaba de revelar as conclusões dos apuramentos preliminares do XI Recenseamento Geral da População em mais cinco concelhos do Norte, quatro dos quais registaram aumento populacional.

São eles os de Amarante (3 %); Felgueiras (8 %); Lousada (13 %) e Paredes (25 %). O concelho de Baião, por sua vez, registou decréscimo: 13 %.

PROMOÇÃO DO COMÉRCIO DO BOMBARRAL

BOMBARRAL, 20 — Comerciantes do Bombarral, interessados em incrementar a sua actividade, programaram uma série de iniciativas que vão realizar-se em Junho. A ideia partiu dos comerciantes da Rua do Comércio que agora divulgaram o programa: dia 14 — missa na igreja paroquial por alma dos comerciantes falecidos; dia 16 — gincana de tricolores para meninos dos 4 aos 6 anos; gincana de bicicletas para rapazes de 7 aos 11 anos; passagem de modelos para meninas até aos 11 anos; dia 20 — excursão de convívio de patrões e empregados à região de Aveiro.

Além disso, de 14 a 19, todos os comerciantes da Rua do Comércio oferecerão brindes a todos os clientes que efectuarem compras nos seus estabelecimentos.

Terceiro Ciclo no Barreiro a partir de Outubro

BARREIRO, 20 — A partir do próximo ano lectivo, a selecção liceal do Barreiro passa a ter o terceiro ciclo (6.º e 7.º anos). A notícia, há dias revelada nesta vila, surgiu após conversações entre o presidente da Câmara Municipal do Barreiro e os responsáveis competentes do Ministério da Educação Nacional.

As aulas serão ministradas no edifício actual, ficando os primeiros anos liceais a funcionar em pavilhões anexos, logo que o ciclo preparatório seja transferido para o novo edifício, em construção.

O prolongamento do curso liceal representa para o Município um encargo de algumas centenas de contos, pois lhe compete o apetrechamento completo de dois laboratórios destinados a aulas práticas.

YOSHIKAZU QUER ESCREVER-SE COM PORTUGUESAS

Um jovem japonês de 19 anos, Yoshikazu Hasegawa, deseja trocar correspondência com raparigas portuguesas. Língua a utilizar: o inglês.

«Desde a última grande guerra», diz Yoshikazu, «que o nosso país tem estado isolado. Mas nós, os das jovens gerações, queremos travar amizade com outras jovens gerações pelo mundo fora, mão na mão.»

Agora a morada: Futaba Sui, 6-1, Oda-Cho Ichome, Kawasaki City, Kanagawa, 210, Japão.

OS SUPERMERCADOS INVICTOS-MODELO CRIARAM E DINAMIZARAM O LIVRE-SERVIÇO EM PORTUGAL

Ninguém desconhece hoje o benefício que o sistema de livre-serviço iniciado em Portugal pelos Supermercados MODELO, em Lisboa, e secundado mais tarde pelos INVICTOS Supermercados, no Porto, trouxe à economia doméstica, não só no aspecto puramente material, pois os preços praticados são os mais baixos do mercado, como também pela qualidade e aproveitamento total dos produtos, sempre renovados e frescos. Efectivamente, estas duas organizações, hoje ligadas e representando a maior cadeia de Supermercados do País, sempre procuraram proporcionar à sua vasta clientela um serviço modelar, onde, além da facilidade de escoar, com as mercadorias sempre à mão, perfeitamente discriminadas e com os preços claramente indicados, o interessado beneficia da obtenção dos artigos preferidos, seleccionados nas melhores qualidades, pelo seu justo valor, dado que o volume de vendas, necessariamente grande, envolve a possibilidade de escolha de fornecimentos nos próprios locais de produção de forma a poder corresponder ao interesse do público consumidor em qualidade, gosto, apresentação e preço. Tudo isto e ainda o sistema empresarial que orienta estas organizações, com tudo previsto e metodizado a longo prazo, onde, portanto, não são possíveis especulações oportunistas, estão na base da preferência que o público consumidor vem de há muito dispensando às duas organizações que, no género, podem ser consideradas as mais dinâmicas do País — os Supermercados Modelo, em Lisboa, que, como dissemos, foram pioneiros do livre-serviço em Portugal e os Invictos Supermercados, no Porto. Hoje, com mais de vinte estabelecimentos distribuídos nas cidades do Porto e Lisboa, esta cadeia de supermercados esforça-se ainda por melhorar, se possível, o seu serviço — na qualidade dos artigos, nos preços e na comodidade oferecida aos seus clientes. Na verdade, tudo concorre para que o serviço de compras que noutros locais é, porventura, enervante e deprimente pela incerteza de que aquilo que se compra corresponda ao dinheiro despendido, se transforme num agradável passatempo. E, é para este fim que convergem todos os esforços da Organização: — oferecer aos seus clientes e especialmente às donas de casa um ambiente alegre e repousante, onde as compras se efectuam com tranquilidade — a tranquilidade que inspira a confiança.

Porém, até que isto pudessem

ser conseguido, foi necessário criar uma complexa série de serviços, a maior parte deles ignorados do público, uma verdadeira máquina de bem-servir, constituída por mil e uma engrenagens utilizadas pela mais moderna técnica de livre-serviço, que vai desde a conservação em frio dos produtos, passando pelo armazenamento cuidadoso, arejado, quando necessário, e higiénico, até à embalagem e apresentação tão atraentes e funcionais quanto possível. Extensos armazéns, aparelhagens de todas as categorias, pessoal especializado

AGORA O MELHOR SUPERMERCADO DO PAÍS

Entre estes e como prenúncio de novas e arrojadas iniciativas, conta-se o Supermercado MODELO a inaugurar dentro de dias no Campo Grande, junto à saída do Metropolitano — zona de Entrecampos. Trata-se dum vasto estabelecimento, com a área de 2000 metros quadrados, dispondo de todas as secções inerentes a um grande supermercado de alimentação. Arejado,

zia sentir neste sector da cidade, proporcionando aos seus utentes um serviço a nível internacional, idêntico ao que se vem proporcionando em países onde o abastecimento doméstico é feito quase exclusivamente através deste sistema, aprovado como o mais cómodo, higiénico e de maior interesse económico, desde que, como é lógico, beneficie de bases de trabalho como os que já existem na cadeia de Supermercados Invictos-Modelo, a maior do País. Só por isso e para poder ser apreciado um destes estabelecimentos na

idade. Melhores artigos a preços mais baixos, num ambiente acolhedor — lema do Supermercado Modelo do Campo Grande, que, afinal, é o lema da Organização INVICTOS-MODELO Supermercados.

E deixamos para o fim, positivamente, uma alusão ao famoso sistema de OFERTAS ESPECIAIS, iniciado em Portugal por esta Organização. Periódicamente, são postos à venda artigos das melhores qualidades a preços muito mais baixos que os normais, o que constitui um dos grandes



Situação do novo MODELO Supermercado, no Campo Grande, fronteiro ao monumento à Guerra Peninsular

nos vários sectores e uma orgânica própria na escolha, separação e «controlo» de mercadorias, constituem as infra-estruturas daquilo que com todo o aspecto de «coisa fácil» é apresentado nas prateleiras dos estabelecimentos. Hoje a cadeia de Supermercados Invictos-Modelo pode orgulhar-se da sua grandeza. E, não só os seus 20 estabelecimentos, como, sobretudo, pela sua organização interna que lhe permite oferecer produtos em condições de excepcional vantagem para os seus clientes. Alicerçada, como está, com vista a maiores empreendimentos, já não se torna difícil a criação de novas unidades de venda a público. Processa-se assim um movimento de expansão que irá beneficiar outros centros populacionais, não só nas cidades de Lisboa e Porto como também na província. Novos supermercados estão projectados ou em vias de abertura, para proporcionar às donas de casa de Portugal todas as vantagens do verdadeiro livre-serviço e dos já famosos preços INVICTOS-MODELO.

amplo, com uma disposição atraente e um ar alegre e cómodo, característica desta Organização como já fizemos referência, irá levar os benefícios de que tem usufruído todos os clientes dos Invictos-Modelo Supermercados a esta progressiva zona de Lisboa. O novo Supermercado Modelo do Campo Grande preenche assim uma lacuna que se fa-

sua verdadeira dimensão — área, serviço, comodidade e preços — vale a pena fazer uma visita ao novo Supermercado. Mesmo aqueles que porventura possam ser avessos a inovações no campo de fornecimentos domésticos vão sentir a realidade dum serviço do nosso tempo, em que além do factor económico, conta a qualidade, a rapidez e a comodi-

atractivos dos INVICTOS-MODELO Supermercados. Todos os meses em datas previamente anunciadas, as donas de casa de Lisboa e Porto têm a possibilidade de fazer consideráveis economias ao adquirirem os produtos recolhidos para esse fim — as notáveis OFERTAS ESPECIAIS DOS INVICTOS-MODELO SUPERMERCADOS, resultantes dum autêntico sacrifício nos preços feitos com o único fim de corresponder à preferência que lhes vêm sendo dispensada pelo público consumidor das duas principais cidades do País. Aliás, todo este conjunto de benefícios tem verdadeiro interesse nacional e reflecte-se vantajosamente na economia portuguesa, pois, contactando directamente com o produtor e eliminando os intermediários inúteis que dificultam e atrasam o abastecimento público com o lógico agravamento de custos, funcionam como verdadeiro estabilizador de preços, por se tratar duma espécie de «barómetro» que as donas de casa podem consultar em qualquer momento,



Um aspecto do novo MODELO Supermercado, vendo-se à saída do Metropolitano (Estação Entrecampos)

O FUTURO DA CAÇA EM PORTUGAL (7)

A SOLUÇÃO PARA A VENATÓRIA SERÁ DAR-LHE PROPRIETÁRIO

— opinião do autor da maior parte da lei cinegética vigente

A série de artigos publicados sobre o inquérito «O futuro da caça em Portugal», despertou tal interesse que recebemos numerosa correspondência respeitante ao assunto. Parte dela reveste-se de tal importância que implica a continuação do próprio inquérito.

Uma das cartas recebidas a propósito desse inquérito é da autoria do dr. João Maria Bravo, director da revista de caça «Diana».

Reza assim: «Tendo lido a série de artigos sobre o problema da caça no nosso país, publicada, há poucos dias, nesse jornal, não posso deixar de fazer-lhe um pequeno comentário.

Isto porque me coube apresentar, em 1959, na qualidade de procurador à Câmara Corporativa uma sugestão de

foi, por mim, sujeita à apreciação da Câmara estava certa para o ambiente venatório de há 15 anos em que o enorme aumento do número de caçadores e seu poder de destruição não se tinha verificado, ainda.

Assim, caçador apaixonado do terreno livre que sempre fui e admitindo que o belo princípio da caça como bem «da toda a gente» se poderia manter, ainda, por alguns anos entre nós, desde que apoiado numa fiscalização se-

tado como princípio básico o da «res nullius», o princípio romano que equipara a caça a coisa abandonada ou perdida tornando-a, assim, susceptível de apropriação pelo primeiro que a encontrar e pelo qual o grupo de caçadores consultados pelo jornal de V. tanto se bateu.

Daqui resulta, portanto, que temos uma lei da caça que admite a perseguição e abate de toda a caça existente em mais de 85% de todo o território metropolitano português a qualquer indivíduo, nacional ou estrangeiro, que, a troco de umas centenas de escudos, se muna de uma licença de caça e de porte de arma que, praticamente, todos podem tirar.

Qualquer leigo poderá facilmente compreender que semelhante lei, por mais perfeita e actualizada que esteja, não conseguirá impedir que, com o aumento constante de caçadores e suas possibilidades de matar, surja o momento em que o número de exemplares de caça indígena existentes tem que diminuir constantemente e em razão directa do aumento do número dos seus perseguidores.

Esse momento chegou, conforme está previsto no que escrevi há onze anos.

Fui, portanto, durante muito tempo, um defensor acérrimo do terreno livre aquele onde, quanto a mim, o desporto da caça a salto, com o perdigueiro, conhece a sua melhor e mais autêntica expressão.

E fui-o enquanto caçar no terreno livre fazia sentido por o binómio caça-caçador não ter entrado em desequilíbrio irremediável.

Julgo que a sinceridade e boa-fé com que o fiz está bem à vista na lei que, na qualidade de representante dos caçadores portugueses, apresentei à Câmara Corporativa.

A coragem com que, então, defendi o princípio do terreno livre é a mesma, porém, com que, hoje, afirmo que a era da «res nullius» acabou e a caça, exterminada nesse mesmo terreno livre, ter perdido todo o sentido a minguar de

objecto sobre que possa exercer-se.

Portanto, actualmente, a solução é só uma: dar um dono à caça. Sem ele, esta não pode sobreviver.

Nos artigos publicados pelo jornal de V. os caçadores inquiridos insurtem-se contra o regime que permite o couro e o aramado.

Haveria que ver se os perguntados, todos eles caçadores da cidade, e embora mercedeiros de todo o respeito, constituem uma voz suficientemente representativa não só dos que caçam mas, também, dos que labutam na terra portuguesa.

RANCOR POR RANCOR

Não esqueçamos que a nossa ordem jurídica considera o direito privado como um dos seus princípios básicos.

E repare-se que o caçador lisboeta equipara proprietário rural a latifundiário alentejano esquecendo-se que o país a norte do Tejo e no Algarve é propriedade de vários centos de milhares de portugueses, muitos, bem pobres, que só viriam a beneficiar economicamente com a possibilidade de valorizarem os seus terrenos se, contando-os, pudessem caçar ou vender a caça que neles cria ou hiberna e que acaba por ser caçada e comida por terceiros.

Por outro lado, esquece-se o caçador cidadão de que o rancor com que olha o proprietário do couro ou do aramado é o mesmo rancor com que é olhado pelo rural, pequeno proprietário ou não, quando, no dia da abertura, lhe entra pelas terras onde ele viu nascer e crescer a caça para a qual o invasor dos ditos terrenos em nada contribuiu e que mata e leva depois de uma aparição de um dia.

Também sobre este ponto haveria muito a dizer pois vista por este ângulo a entrega da caça ao dono da terra não pode ser considerada uma medida anti-social e muito menos impopular para todo o país.

É que, mesmo para o caçador de menos recursos, parece ser mais vantajoso um regime venatório de terreno contido que, pelo menos, lhe dê uma possibilidade de nele poder caçar desde que consiga meios materiais para vir a fazer parte de um couro que a associação com outros tornará, necessariamente, barato, do que o sistema da «res nullius» actual que põe à sua disposição um imenso terreno livre sem caça.

DEZENAS DE MILHÕES DE CARTUCHOS DISPARADOS

E não me venham com o habitual argumento de que a solução está em repovoar e fiscalizar esse terreno livre, pois é absurdo poder haver um território de caça seja ele o mais

repovoado e fiscalizado do mundo, que resista a dezenas de milhões de cartuchos disparados, todos os anos e durante vários meses, por cento e cinquenta mil espingardas, numero que, dentro de poucos anos, atingirá as duzentas mil.

Por outro lado, a caça é uma riqueza com enormes

(Continua na 14.ª página)



As senhoras vieram (na década de trinta) de devotos de St.º Huberto em Portugal, embora, devido à licenças, haja actualmente menos da publicação da actual lei

«A MÁQUINA SUÍÇA DE FA

Uma carta da emba e um certo F.

Um anúncio de uma firma suíça, publicado na Imprensa Portuguesa, alia as pessoas a mandar vir uma máquina de endereçar envelopes com a promessa choruda de largos proventos. Era só mandar um dinheirito para caução de maquineta.

A desconfiança dos aliados devia partir de que parte da «impressante» carta? Da remuneração? Da caução? Talvez... Duzentos e tantos escudos até três contos... Máquina manual, máquina eléctrica... Quem quer dar a manivela numa época destas?! Máquina eléctrica, claro, e vamos a enviar os três contos, que os «suíços» estão à espera e podem destruir o pedido. Como eles lá por Geneve sabem os endereços de cá, que interessa?

Rede bem montada — Intercontinental World Sales —

e movimento (possível...) de milhares de escudos em selos por semana. Estes «suíços» trabalham em grande. E confiam, pedem apenas 3000\$00 de caução. Só a máquina (eléctrica) de nome arrevesado deve valer muito mais! E por que não entregam a difusão dos «suíços» produtos nipónicos a uma agência especializada? «Método suíço», embora não haja contacto (senão epistolar) com os possíveis compradores... Sim, porque se se tratasse de ir às moradas, falar, convencer, «impingir». Mas deixemos isso de parte, «método suíço». Intercontinental World Sales, sete contos e tanto por mês, trabalho em

Inquérito de ANTÓNIA DE SOUSA

Lei de Caça ao Governo de que a que está em vigor aproveitou a maior parte, lei esta que, nos recentes artigos do «Diário de Lisboa» foi bastante criticada.

Têm razão os que a declararam ineficaz e ultrapassada. Sou, portanto, o primeiro a reconhecê-lo. Como se explica, então, que, sendo assim, me tenha prontificado a apresentá-la e, consequentemente, a aceitá-la como boa?

É simples: essa lei quando

vera e em medidas repressivas pesadas, entendi que se devia fazer um último esforço para se salvar a tradição da «res nullius» em Portugal.

Já nessa altura tinha, porém, perfeita consciência de que estava como que a dar baldes de oxigénio a um moribundo, pois afirmava, simultaneamente com a apresentação dessa mesma Lei, num artigo publicado, também, em 1959, na revista de que sou director:

«Eu sei que a grande maioria dos cento e quase cinquenta mil caçadores portugueses se revolta contra o que parece ser a transformação do direito de todos no de alguns.»

Segue-se a longa transcrição do artigo, escrito e publicado em Dezembro de 1959, em que o autor conclui da seguinte modo:

«E será também, caso para perguntar se haverá alguém que possa garantir, honestamente, que a desproporção entre densidade de caça e densidade de caçadores chegou a um ponto tal, que só a substituição imediata e completa de um sistema que, há muito, regula a actividade venatória de todo o cidadão português a pode evitar.»

E acrescenta, agora:

«As afirmações contidas no texto não deixam dúvidas sobre as certezas que eu, então, já tinha sobre a necessidade de dar à caça um dono como única forma de a salvar. Entendi, no entanto, que a experiência devia fazer-se em homenagem a um hábito muito radicado entre nós. E a experiência falhou. Porquê? Pom a «minha» lei ter adop-



Cintos como este pertencem a um passado remoto

AS JÓIAS, AS PRATAS DA

OURIVESARIA DA
GUIA
SÃO DIFERENTES!



RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

CRUZEIRO MADEIRA CANÁRIAS MARROCOS

no paquete Funchal 11 e 19 de Junho desde 3.450\$00 PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES

escolha de camarotes no momento de inscrição WAGONS-LITS COOK

Av. Liberdade, 103 T. 361521 Av. Roma, 4-C T. 722639 R. Rodrigo de Fonseca, 86 T. 360632 PORTO-COIMBRA-ESTORIL FUNCHAL-LUANDA L. MARQUES

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639. VENDA AO PÚBLICO

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

—i.w.s.—

Exmo (a) Sr (a)

Recebemos o seu pedido de contrato de trabalho e enviamos-lo ao serviço competente para registo.

Devido ao grande numero de respostas recebidas, notará certamente uma demora um pouco maior que a primitivamente prevista entre o registo de seu pedido e o início de seu trabalho. Pedimos-lhe desculpa esta demora.

Temos o prazer de o(a) informar que será contactado(a) em breve pelo Sr. _____, responsável da nossa firma no seu país.

Desejando-lhe um grande sucesso no nosso empreendimento comum, subscrevemo-nos

De V. Excia
Atenciosamente

Charles F. BERANGER Christian H. PRADL

Charles F. Beranger

Genebra, 25. 11.

Phono. (022) 44 12 24 44 26 46 Telex 2 11.

Apareceram os nomes de Charles F. Beranger e Christian H. Pradel...

PORTAL ADDRESS

i.w.s. Marketing
MTI Business Dept
11, rue Voltaire
CH 1201 GENEVA

SALES

WORLD

INTERCONTINENTAL

—i—

SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S.A.R.L. — Av. de Liberdade, 12 — Telef. 36 87 51/7 — 37 01 71/8 — Lisboa.
VISITAS E AGENTES: Arrifens, Avelar, Braga, Cascoia, Castanheira Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa
 (Av. Pedro Álvares Cabral), Lourenço, Lousada, Matosinhos, Miranda da Beira, Mira, Nogueira, Ponta Delgada, Porto, Sagres, Santarém, Santiago do Cacém,
 Setúbal, Sintra, Tondela, Vila Real e Vilva. **CORRESPONDENTES:** Agostinho, Haro, Henriques, Martins, Moura, Pereira, Pimenta, Pinheiro, Rodrigues,
 Sousa, Viana, Zito. **AGÊNCIAS DE VIAGEM:** Agostinho, Almeida, Amato, Barreiros, Bessa, Bragança, Caldeira, Funchal, Horta, Pais, Domingues e S. Tomé.
OFICINAS AUTORIZADAS: Amadora, Bombarda, Caldas das Rainhas, Coa de Piedade, Estremoz, Guimarães, Moors, Parada, Portimão.
STANDS DE EXPOSIÇÃO: Abrantes, Espinhalho, Óvar, Parede, Penafiel, Povoa de Varzim, Portimão, S. Tirso, Torres Novas e Vila Franca de Xira.

O FUTURO DA CAÇA EM PORTUGAL

(Continuação da pág. central)

Implicações desportivas e económicas que, com o sistema venatório que entre nós vigora, está a ser de tal maneira delapidado que já não vem longe o dia em que o terreno livre português não será mais do que um vasto deserto praticamente despovoado das suas mais características espécies cinegéticas indígenas.

Portanto, repito: a verdadeira solução para a caça está em dar-se-lhe um proprietário que não permita o extermínio descontrolado a que hoje está legalmente sujeita no terreno livre português por indivíduos, na sua maioria, completamente alheios às regiões e ao meio onde a essa mesma caça existe.

Só por saudosismo, certamente muito respeitável mas falho de todo o sentido das realidades, se poderá defender o contrário.

Que melhor prova para a verdade do que se afirma haverá do que o exemplo do que se passa no resto da Europa, quer capitalista quer comunista?

É que o regime venatório a que a caça desses países está sujeita deve ser um dos poucos casos em que a afinidade de sistemas entre os dois mundos ocidental e oriental, é absoluta, dado que em ambos a caça tem só um dono: no primeiro, desde a vizinha Espanha e a democrática Inglaterra.

terra aos tão socialistas países escandinavos, esse dono é o proprietário da terra, que faz da caça o que quer, matando-a ele próprio ou vendendo-a para ser morta; no segundo caso, desde a moderada Checoslováquia à inflexível Rússia, a caça é do Estado, o que querendo dizer teoricamente, do povo não significa, necessariamente, poder ser caçada por esse mesmo povo, mas sim pelos altos dignitários do partido e da administração militar ou civil ou, então, pelos caçadores-turistas oriundos dos países capitalistas que a pagam em moeda forte.

«Res nullius» é que de forma alguma.

Sendo assim, à parte a Itália (que, apesar da pátria do direito romano, tem magníficas coutadas de perdizes e faisões fora das quais a caça também desapareceu completamente) porque havemos, nós, portugueses, de insistir em, também neste aspecto, continuarmos a ser dos mais atrasados, mantendo-nos a última aberração da «res nullius» de toda a Europa?

N. R. — Ao defender, com tanto empenho, que o direito à caça deve ser entregue aos proprietários dos terrenos, o sr. dr. João Maria Bravo acaba por confessar que apenas se pretende, com a nova lei da caça, estabelecer um regime de transição conducente a essa situação de facto, sem levantar muita celeuma entre as hostes dos caçadores economicamente menos favorecidos. Por isso e pelo facto de pretender tirar conclusões diferentes das realidades, impõe-se-nos comentar ponto por ponto as afirmações feitas.

1 — A referência segundo a qual 85% do território de Portugal seria terreno livre para caça constitui manifesto exagero, como os nossos artigos provaram. As zonas urbanas actuais, os coutos, os murados, os aramados e as matas nacionais

APEADEIRO DE BOBADELA

Comunica-nos a C. P. de que a partir de 1 de Maio é estabelecida a venda de bilhetes neste apeadeiro.

No seu próprio interesse, é de toda a conveniência que os Srs. Passageiros adquiram os seus bilhetes antes de embarcarem no referido apeadeiro

ocupam área muito superior a 15%. Agora, com o anúncio dos coutos comunitários, vai colocar-se ao dispor de particulares a faculdade de incluírem terrenos baldios nos seus coutos privados. Isto, na prática, constitui o fim da caça como «res nullius».

2 — Os nossos artigos provaram que diminuiu consideravelmente o número de caçadores só pelo facto de ter aumentado o custo das licenças de caça.

3 — É de facto irremediável a progressiva destruição da caça, mas mantemos que, enquanto ela existir, deverá ser de quem a abata, desde que dentro das regras estabelecidas. Essa progressiva destruição tem tanto a ver com as facilidades de transportes e o aumento do poder destruidor das armas, como com a própria industrialização, urbanização e progresso do País. Há que ter em conta todos estes factores que são irreversíveis. Há também que ter em conta as destruições feitas por insecticidas e outros processos agrícolas modernos, que também destroem muita caça.

4 — O nosso inquérito provou que (como de resto sabe toda a gente com experiência) é nos terrenos selvagens onde a caça mais abunda. Os animais bravos fogem do homem.

5 — Por isso se duvida muito da afirmação de que é nos terrenos com dono (explorações agrícolas, etc.) que se cria a caça. Elisário Nogueira, ao depor no nosso inquérito, teve a este respeito considerações que não foram desmentidas por J. M. B. Referiu, também, algumas realidades indubitáveis que não parece terem sido tomadas em conta pelo autor da carta.

6 — É pena que J. M. B. não continue a revelar a mesma coragem para defender o princípio da caça continuar a ser «res nullius», de modo que, enquanto continuar a haver, ela seja para todos. De resto, como muito bem sabe J. M. B., a caça dos terrenos livres, pouco depois da abertura, foge precisamente para os coutos e aramados, o que só vem beneficiar os proprietários destes. Esses mesmos proprietários caçam nos terrenos livres e, uma vez esgotada a caça nestes, organizam batidas nos seus terrenos.

7 — Dar um dono à caça é dar a certas pessoas o monopólio do seu extermínio em detrimento daquilo que, até à entrada em vigor da lei actual, era considerado um direito de todos.

8 — A lei actual, a despeito de parecer defender o princípio da «res nullius» contém em si mesma preceitos pelos quais se pode, na prática, vir a conceder a posse da caça aos proprietários dos terrenos.

9 — Não tem, portanto, que se afligir J. M. B.: o que ele agora tão empenhadamente defende já é matéria legal. Era isso mesmo o que se apontava nos artigos do nosso inquérito.

10 — Não defendemos os interesses dos caçadores da cidade em detrimento dos rurais, mas sim os de todos. De resto, o facto de o número de caçadores ter diminuído a quando da elevação do custo das licenças é prova de terem ficado de fora os caçadores de maior debilidade económica. Ora, o rendimento «per capita», nos meios rurais, é muito mais baixo do que nos centros urbanos.

11 — O regime defendido de dar a caça aos proprietários dos terrenos não virá a contribuir, de modo algum, para proteger os interesses dos caçadores rurais. Se eles já não tiveram dinheiro para pagar licenças mais caras, como o terão para, além de custear estes, ainda terem de



Concedido o direito da caça aos proprietários dos terrenos, como se regulamentará o direito ao abate das espécies que apenas utilizam Portugal como trampolim para as suas migrações periódicas?

investir capitais nos coutos, comunitários ou não?

12 — Não fizemos qualquer equiparação daquilo que não pode ser comparável: proprietários de latifúndios e donos de minifúndios. De resto, como o que mata e escorraça a caça é também o progresso da exploração agrícola, basta a divisão e excessiva cultura do agro noroeste para ter contribuído largamente para a escassez das espécies venatórias naquela região de Portugal.

13 — Na sua defesa de direitos para um número cada vez menor de privilegiados, o autor da carta esquece a caça de arribação e a de passagem, que não se cria no País. Dá-nos, por outro lado, a imagem demagógica e pouco real de um agricultor a ver crescer a caça como quem se remira no crescimento de um campo de milho que custou muito suor.

14 — A entrega da caça ao dono da terra, ao contrário do que J. M. B. diz, é de facto impopular. E tanto assim que, como o autor confessa noutra parte da missiva, a lei actual foi preparada para servir de regime de transição e não ferir muito as susceptibilidades do povo.

15 — Se o caçador de menos recursos já deixou de caçar só com a elevação do preço das licenças, como poderá vir a ser favorecido com o regime venatório de terreno coutado? E como classificar o raciocínio de que o caçador de menos recursos terá mais vantagens «desde que consiga meios materiais» se é isso precisamente que já lhe falta de base?

16 — O número impressionante de «dezenas de milhares de cartuchos» parece-nos exagerado, para uma só época de caça, no nosso País. Os armeiros sabem o melhor do que nós e ainda o ano passado, citando a opinião de um deles, uma revista nacional calculava em uns 18 milhões o número de cartuchos vendidos na época anterior. De qualquer forma, esquecem-se, mais uma vez, as destruições feitas pelos cães, pelos insecticidas, pelos furtivos, pelos profissionais, pelo progresso urbano e agrícola e pelos que caçam com armadilhas.

17 — Como bem sabe J. M. B., o limite de «cinto» é medida eficazmente seguida em numerosos países onde a caça escasseia.

18 — As informações prestadas sobre os países comunistas não nos parecem convincentes, nem ter nada que ver com o nosso caso específico. De qualquer modo, como em todos os outros países, deverá haver condições para o abate da caça. Esta deverá abundar ainda nos terrenos selvagens não cultivados. Quando ele puser em perigo culturas, não nos parece que o seu abate venha a ser interdito a quem vive da agricultura, nesses mesmos países. Por outro lado, falar de turismo nesses países é aludir a algo que ainda está a começar.

19 — Dar um dono à caça não evitará a sua destruição, antes pelo contrário, pois permitirá a exploração comercial generalizada, muito principalmente se os coutos comunitários proliferarem, dando-se a particularização do direito de caça existente em terrenos baldios.

20 — O sr. dr. João Maria Bravo diz ainda que o seu projecto de lei de caça quando foi apresentado já estava ultrapassado. Estaria certo 15 anos atrás, em que o aumento de número de caçadores e o seu poder de destruição se não tinha verificado ainda.

Ora, conforme números que temos à frente, em 1947 havia em Portugal 116 570 caçadores e, em 1968, tiraram licença 116 387, isto é, menos 183 do que vinte anos atrás, embora em 1969 o número tivesse subido para 128 829.

21 — Como já dissemos, nos problemas de caça entrecruzam-se interesses irreconciliáveis. «O res nullius» é uma tradição de centenas de anos, não de dezenas de anos. É uma tradição num país arcaicamente tradicionalista. É ainda um direito consuetudinário. A caça, (perseguição e abate do animal bravo, era sobretudo uma fonte de alimento. Hoje é quase exclusivamente uma actividade desportiva. Mais, dados os condicionamentos do progresso, tende a ser um desporto de classe. É um bem que se concede a quem o possa comprar. E quem o pode comprar não é o caçador de pequenos recursos.

Quem o pode comprar são as mesmas pessoas que podem comprar boas armas, dispor de transportes rápidos, adquirir po-

sições em contadas e aramados e levar a cabo autênticos morticínios. Conceder a estas um direito legal que lhes dê a posse exclusiva da caça é que nos parece manifesto exagero. Do uso que podem fazer desse direito exclusivo também fornecemos exemplos reveladores ao publicar os cálculos do preço que custa caçar num couto, a 1000\$00 por «porta»

Ladrilhos vidrados nova indústria de Coimbra

COIMBRA, 20 — A região de Coimbra esteve, durante muitos anos, desviada da montagem de indústrias, o que contribuiu para um atraso que agora se verificou haver necessidade de recuperar.

Assim, algumas unidades industriais têm sido montadas na área da cidade e nos arredores, algumas de grande importância. Agora, em Ribeira de Frades, vai ser montada uma unidade industrial, que é a primeira do País, destinada a fabricar ladrilhos vidrados para a construção civil, unidade industrial que muito vem valorizar a região.

A CRUZ VERMELHA NA BEIRA BAIXA

CASTELO BRANCO, 20 — O Presidente Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa inaugurou há dias, nesta cidade a primeira delegação local do organismo e empossou a direcção, constituída pelos srs. dr. José Lopes Dias, dr. João Caetano de Abrunhosa, Francisco Pires Marques, Leonel Pires de Paula, dr. Albano da Cunha Pina, cônego Anacleto da Silva Martins e dr. Fernando Dias de Carvalho.

PALACETE NO ESTORIL

Vende-se palacete num dos melhores locais do Estoril

informa:

Tels. 280749-282388

DECOMUR...

...Porquê?

PELA MAIOR E MAIS EXCITANTE COLECÇÃO DE PAPEIS PINTADOS PARA JUNTAR A ESTES ALCATIFAS E O TECTO MAIS CONVENIENTES PARA UMA APLICAÇÃO MAIS EFICIENTE

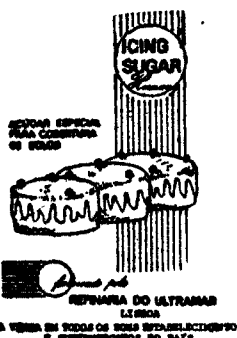
DECOMUR

PAPÉIS PINTADOS ALCATIFAS — TECTOS

Av. Defensores de Chaves, 33 B e C — Tel. 58936 — LISBOA
Rua Clemente Meneses, 2 — Telefone 23928 — PORTO

TERRENO INDUSTRIAL

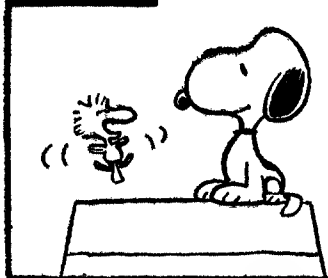
Vende o próprio, melhor oferta, pronto construir, cerca 60.000 m2, bons acessos por estradas alcatroadas e transportes directos ao Metropolitano (Areeiro). A 3 km de Sacavém e 10 minutos de Lisboa. Não trata com intermediários. Avenida João XXI, 9-A — Telefone 72 61 15.



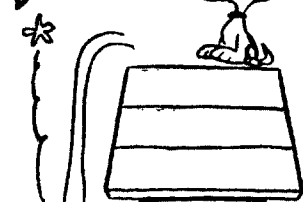


Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

PIANUS

PROMETI OFERECER-
LHE UM LIVRO PARA
COLORIR E LAIS DE
COR, PELOS ANOS...

BONK!!

NUNCA
É COM-
PLETA-
MENTE
FELIZ!

OS PEATNUTS

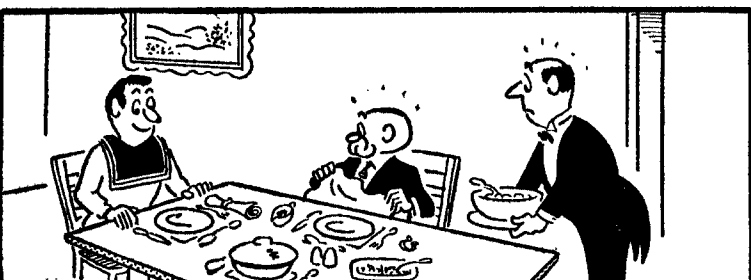
CAROL DAY

by KENNETH
INNS

A077

ACHAS QUE DEVES FA-
ZER ISSO, ADAM? PETER
DIZ QUE
PODE AER
RORIZAR-
-SEE...E SE TIVER O BÉBÉ
NO CARRINHO...
QUE FARÁS?

CAROL DAY

AVENTURAS
DO TIO CARLOS

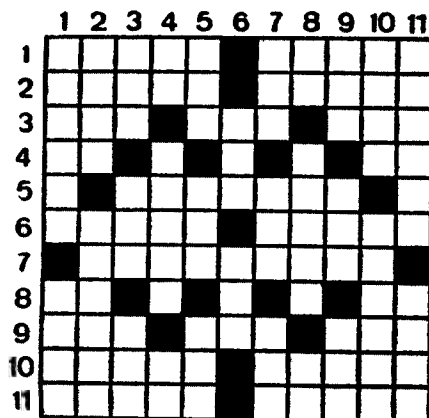
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5898

HORIZONTAIS: 1 — Buzina feita dum buzio grande ou camuço, com que os índios supõem atrair o peixe. Desordem. 2 — Esmerada. Gostais muito de. 3 — Cidade dos Países Baixos. Seguias. Autoridade honorária no Camandó para os despesos do qual concorre, tamando-as, não raro totalmente para si. 4 — Compaixão. Artigo definido. 5 — Excitar (fig.). 6 — Rotavim. Cidade do estado da Baía (Bras.). 7 — Aplanar. 8 — Campeão. Mulo. 9 — Mitologia. Rio de Portugal. Prefixo que designa ar. 10 — Chamo a atenção. Origem. 11 — Adicionar. Tribo indígena brasileira.

VERTICAIS: 1 — Anu. Governantes. 2 — O indispensável. O mesmo que casiano. 3 — Ica. Oásis. Possui. 4 — Platina (s. q.). Nome de mulher. Em a. 5 — Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Ave pernaltia. Pesar. 6 — Prefixo que designa ar. Transpira. 7 — Chefe estofado. Irmã da mãe. Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os Japoneses. 8 — Antigo indefinido. Cidade do estado da Baía (Bras.). 9 — Erro (s. q.). 9 — Saudável. Mãe de Rómulo e Remo. Peixe dos mares do Brasil. 10 — Consta. Princípio. 11 — Guarnecesse de asas. Bois selvagens.



Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PRO-
VERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5897

HORIZONTAIS: 1 — Gorta. Saror. 2 — Récuo. Agora. 3 — Arada. Oásis. 4 — Medo. GADO. 5 — AAA. Aer. Dou. 6 — Sistema. 7 — Fa. Março. Má. 8 — Ri. Proas. Er. 9 — Arpai. Içada. 10 — Era. Dal. 11 — Olras. Assaf.

VERTICAIS: 1 — Grama. FRACO. 2 — Aérea. Air. 3 — Içadas. Per. 4 — TUDO. Impara. 5 — AAA. Asarias. 6 — Metro. 7 — SÃO. Recalida. 8 — Agag. MOSQAS. 9 — Rosada. Ais. 10 — Arido. Med. 11 — Rosau. Arabi.

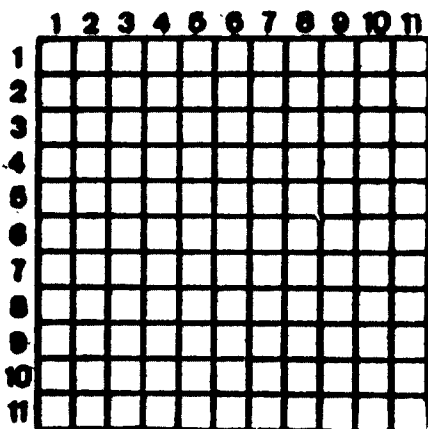
Provérbio: GADO FRACO, TUDO SÃO MOSCAS.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9741

HORIZONTAIS: 1 — Refrigerar. 2 — Repi-
sara. 3 — Oferece. Apelido. Compaixão. Pago
(abrev.). 4 — Composição poética. Saudável. Re-
ma para trás. 5 — Uma das Cidades. Ecoar.
6 — Dominar. 7 — Lama. Rio de Portugal. 8 —
Falsa. Popular. Primeira das três palavras que
formam o nome de uma freguesia do concelho
de Agueda. 9 — Letra grega. Germão (s. q.).
Língua antigamente falada ao sul do rio Loire.
Atomo (abrev.). 10 — Rio do estado da Baía
(Brasil). 11 — O mesmo que sepear.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Polónia. Objecto
com que se escreve ou riscar. 2 — Crescente. Rio
da Sibéria. 3 — Frâncio (s. q.). Região da
Grécia antiga na costa do Peloponeso. Senhor.
4 — Rente. Ombro. Cidade de França. 5 — Aves
pernaltas. Casca. 6 — Solitário. Aguço. Prefixo
de negação. 7 — De madrugada. Médico inglês
celebre pelos seus estudos sobre a doença das
vértebras lombares. 8 — Anel. Sádias. Greda
branca. 9 — Batráquio. O mesmo que alcorão.
Palavra latina pela qual começam muitos da-
cumentos pontifícios de interesse para Portugal.
10 — Piedosa. Cidade. 11 — Cidade da Índia.
Aldeia de Itália.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9740

HORIZONTAIS: 1 — Cá. Forim. Má. 2 —
Oasis. Maman. 3 — Rumos. Prega. 4 — Paira.
Içais. 5 — Or. Airão. As. 6 — Ps. Sim. 7 — Vi.
Cáu. AC. 8 — Piara. Netas. 9 — As. Al. Ir. Ru.
10 — Italo. Costa. 11 — Sabór. Assas.

VERTICAIS: 1 — Corpos. País. 2 — Acuar.
Vista. 3 — Ami. Pia. Ab. 4 — Fioras. Rato. 5 —
Assaf. Color. 7 — Impia. Única. 8 — Marcos.
Eras. 9 — Meã. Mat. SS. 10 — Magia. Carta.
11 — Amossas. Suas.

Tema de um curso
ABSORÇÃO ATÓMICA
NA METALURGIA

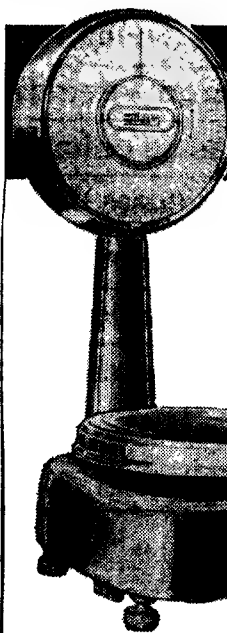
PORTO, 20 — Na sede da Associação Industrial Portuense decorrerá, nos dias 31 do corrente mês e 1 de Junho, um curso teórico e prático de absorção atómica aplicada à metalurgia, que será dirigido pelos srs. drs. Ximenes Secu e Luis Ximenes, respectivamente, do Centro de Investigação Metalúrgica de Espanha e de Perkin-Elmer Hispania.

O programa, que é gratuito, inclui temas de muito interesse para a indústria metalúrgica, nomeadamente sobre a técnica, instrumentação e espectroscopia de absorção atómica, análise de ligas à base de ferro, cobre, zinco, chumbo e estanho, bem como sobre o manejo de equipamento, curvas de calibração e comparação.

Certificados especiais
da dívida pública

Foi autorizada a Junta do Crédito Público a emitir, durante o ano corrente, certificados especiais de dívida pública, até ao montante de 1 036 000 000\$00, a favor das instituições de previdência social incluídas em qualquer das quatro categorias previstas na base III da Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962, ou a favor do Fundo Nacional do Abono de Família.

A Direcção-Geral da Fazenda Pública transmitirá à Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas as formalidades a cumprir para se promover a entrada nos cofres do Tesouro das importâncias a investir.



tipo 2003/12
força 12 kg
frações 5gr

ATLAS

mod. 2003

a nova balança
inteiramente automática
para estabelecimentos
modernos

CONSTRUIDA SEGUNDO
AS MAIS RECENTES
INOVAÇÕES DA TÉCNICA

ACABAMENTO CROMADO
OU INOX



preço moderado
grandes facilidades de pagamento
demonstrações sem compromisso
aceitamos trocas

Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. NIDA - SUECA, Limitada

Rua de S. Nicolau, 15-17 - Telef. 369331 - LISBOA-2

EXCURSÃO DA C. P.

CARAMULO — MUSEU
DO AUTOMÓVEL
E SERRA...

Dia 23 de Maio

Viagem em carruagem de 1.ª classe até Colmbra-B, e volta, seguida de um percurso, em autocarro, do maior interesse e que abrange parte da região do Vouga, a bonita serra do Caramulo e uma parcela ainda da Beira Alta.

Preço por pessoa — 295\$00
Este preço inclui:
Pequeno almoço, servido no

comboio, almoço regional na Pousada de Serém (V. Vouga) e visita ao Museu do Automóvel, no Caramulo.

Informação telefónica (Te-
lefone 36 75 20).

Distribuição de programas
descriptivos, informações e ins-
crições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa; E. G. T., Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens.

Sem encargos Sem dificuldades Sem cuidados

pague:



realize:

transferências para todo o país
transferências entre contas
operações de cobrança

através de uma conta do
SERVICO DE TRANSFERÊNCIAS

peça informações nas filiais, agências
ou delegações, existentes em todos
os concelhos do país, ou directamente
na sede do serviço, Rua Aurea 49-Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

MÁQUINA DE FAZER DINHEIRO

(Continuação da pág. central)

são precipitados e alguns, embora certamente não desconfiem da I. W. S., acham demasiada fartura, e, antes do envio do dinheiro, procuram informar-se sobre as actividades da firma. Vamos ver como procedeu, por exemplo, o sr. Dinis José de Almeida Figueiredo, residente na Rua Marquês de Olhão, 75, Bairro da Madre de Deus, em Lisboa. Escreveu para a representação diplomática portuguesa na Suíça e recebeu a seguinte resposta: «Embairrada de Portugal, Berne, Secção Consular».

Ex.^{ma} Senhor Dinis José de Almeida Figueiredo, Rua Marquês de Olhão, 75, Bairro da Madre de Deus, Lisboa-6, Portugal. Com os melhores cumprimentos e em resposta à sua carta junto remeto uma informação sobre o assunto elaborada pelo Consulado de Portugal em Genebra.

A informação está dactilografada em papel não timbrado e é do seguinte teor:

A casa IWS Marketing, 11, Rue de Voltaire, 1201, Genebra, é, conforme indicação dada pela mesma, a representante europeia de um grupo de firmas japonesas e tem licença de vários países para importação de produtos japoneses.

A firma em questão informou este Consulado, de que a quantia solicitada como caução representava o custo de uma máquina para endereços, tipo Adressograph, fornecida aos seus colaboradores.

«Este Consulado sugere que o pagamento da quantia solicitada seja feito por intermédio de um banco e pago contra documentos de envio da referida máquina.

«Como referência a firma IWS indicou em Portugal o: Secretariado Nacional da Emigração, Delegação do Porto; e na Suíça o:

Kommerzialbank
68, Bahnhofstrasse
CH — 8000 Zurique.

AS GRUTAS DE PORTUNHOS

CANTANHEDE, 20 — Doze jovens rapazes, estudantes, que se denominam «Os Myotis - Myotis», representando um nome de morcego, símbolo universal da espeleologia, há quatro meses que se dedicam a explorar grutas na zona planáltica da freguesia de Portunhos, deste concelho, onde abundam as pedreiras.

Foram até agora feitas algumas explorações e estudada uma gruta que em tempos passados foi aberta ao público, e que actos de vandalismo destruíram parte da sua beleza e austeridade, muito embora ainda existam deslumbrantes formações: estalactites, estalagmites, «lan-deiras», «dentes de cão», pérolas das cavernas etc. Se esta gruta, entre Pena e Portunhos fosse aberta ao turismo, teríamos mais um meio para dar a conhecer as belezas naturais da região.

EXPOSIÇÃO «AGRO 71»

BRAGA, 20 — Está já assegurada, em cada dia da «Agro 71», a presença de um membro do Governo, que, de manhã, visitará o certame e, à tarde, presidirá a um colóquio em que serão debatidos problemas dependentes do respectivo departamento.

Assim, deslocar-se-ão a esta cidade os secretários de Estado da Agricultura (25 de Junho) e da Informação e Turismo (26), o ministro do Interior (27) e os secretários do Comércio (29), da Indústria (30) e do Trabalho (3 de Julho).

Embora não assinada a informação incutiu ao visado uma certa confiança.

Antes de mais nada, o papel timbrado, a proveniência de um organismo oficial, a citação, como fontes de informação, de um departamento oficial (Secretariado Nacional da Emigração) e de um banco suíço (todos temos das instituições bancárias suíças uma ideia de coisas tão sólidas como as pirâmides do velho Egipto).

Bem, mas o «posto» está em

seu trabalho. Pedimos-lhe desculpa esta demora.

«Temos o prazer de o (a) informar que será contactado (a) em breve pelo sr. F. H. DA SILVA (carimbado a azul), responsável da nossa firma no seu país.

«Desejando-lhe um grande sucesso no nosso empreendimento comum, subscrevemo-nos De V. Excia Atenciosamente (e aparecem dois nomes, o primeiro dos quais com assinatura por baixo) Charles F. Beranger e Christian H.

**EMBAIXADA DE PORTUGAL
BERNE**

SECÇÃO CONSULAR

Exmo. Senhor
Dinis José de Almeida Figueiredo
Rua Marquês de Olhão 75 Bairro
Madre de Deus

Lisboa-6 Portugal

Com os melhores cumprimentos

e em resposta à sua carta junto remeto
uma informação sobre o assunto elaborada pelo Consulado de Portugal em
Genebra.

A informação da secção consular pesou na decisão de
alguns dos interessados no «posto»

jogo (sete contos por mês, sem mais preocupações, sem «elétricos», sem horários!) É de enviar o dinheiro, portanto, isto embora já haja uma contradição bem flagrante: em princípio, a IWS dissera que o dinheiro se destinava a caucionar uma porção de coisas; agora, representa apenas o valor da máquina a enviar...

Mas a «desinteressada» firma volta à carga, entretanto, com um dos pretendentes ao posto que não enviara o dinheiro. Eis o teor da carta: «Genebra, 11 MARS 1971 (carimbado a azul) Ex.^{ma} Sr., Ex.^{ma} Sr.

Recebemos o v. pedido de contrato de trabalho o que agradecemos.

«Contudo, e apesar das nossas investigações não nos foi possível encontrar qualquer dado sobre o v. pagamento de caução.

«Em consequência, pedimos-lhe o favor de nos indicar a seguir a data e o modo desse pagamento (riscar as menções inúteis SFF).

«Vale do correio para: Vale internacional para: (morada do costume). Esperando a sua resposta subscrevemo-nos De V. Ex.^{ma} Atenciosamente (assinatura ilegível — mas idêntica à da primeira carta da IWS).

A IWS, em 11 de Março, interessava-se sobretudo pela caução. Sem dinheiro recebido, nada feito. E depois de entrar nos seus cofres a quantia pedida? Bem, uma outra carta, datada de 29 de Março de 1971, enviada a um dos interessados, rezava assim: Ex.^{ma} (*) Sr. (a),

Recebemos o seu pedido de contrato de trabalho e enviámo-lo ao serviço competente para registo.

«Devido ao grande número de respostas recebidas, notará certamente uma demora um pouco maior que a primitivamente prevista entre o registo de seu pedido e o início de

Pradel talvez o que assinou as cartas precedentes)».

O tempo foi passando e... mais nada! F. H. da Silva não apareceu aos interessados em trabalhar para a IWS. O representante dos «sulcos» que pagam bem o trabalho de enviar envelopes, com um apêlido bastante vulgar para haver possibilidades de detetá-lo (no caso de existir, claro), não apareceu até à data. Algumas das pessoas que haviam confiado na firma IWS começaram a ficar inquietas. Nem todas se puseram em campo para deslindar o assunto. Mas algumas fizeram-no e, por isso, a história continua...

BRAGANÇA VIU E OUVIU JOSELITO

BRAGANÇA, 20 — O congonetista e actor espanhol, Joselito, que anda em digressão pelo norte do País, bem pode inscrever em lugar de honra, nas suas memórias, o êxito que conquistou nesta cidade, onde foi aplaudido de modo interminável.

Joselito deu dois espectáculos no Cine Teatro Camões, sendo acompanhado pelo conjunto angolano «The African Boys». A primeira parte de cada espectáculo foi preenchida com a exibição de um filme de que Joselito é protagonista.

Os bragançanos puderam assim, ver e ouvir ao vivo o conhecido cantor, ao qual não foram regateados aplausos. É certo que esta cidade pouco habituada está a ser visitada por artistas, mesmo nacionais, e por isso não admira o entusiasmo que a vinda de Joselito provocou. Além disso, os bragançanos ficaram muito contentes ao saber que o artista espanhol escolheu Portugal para uma primeira apresentação do seu «show» internacional.

A Barragem de Fratel funcionará dentro de dois anos

• O secretário de Estado da Indústria observou as obras

VILA VELHA DE RÓDÃO, 20 — Deverá entrar em funcionamento dentro de dois anos o aproveitamento hidroeléctrico de Fratel que hoje foi visitado pelo secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins. Situado no rio Tejo, no local anteriormente conhecido por Lagoa do Pratas, a cerca de 20 quilómetros a jusante de Vila Velha de Ródão, o aproveitamento de Fratel constitui uma das obras programadas para o período 1968/73 do III Plano de Fomento, no sector de energia eléctrica, juntamente com os aproveitamentos de Carrapatelo, Regua e Valeira, no rio Douro, Vilarinho das Furnas, no rio Homem, e ainda a ampliação da central termoelectrica do Carregado, formando no total um conjunto de empreendimentos

a que corresponde um investimento global da ordem dos 9 milhões de contos. A Companhia Portuguesa de Electricidade, concessionária dos empreendimentos de produção e de transporte de rede eléctrica primária, tem ainda programados para o período do plano de trabalhos de construção de subestações e linhas de transporte, nomeadamente as necessárias ao escoamento da energia gerada nos novos centros produtores com investimentos globais que ultrapassam os 500 mil contos.

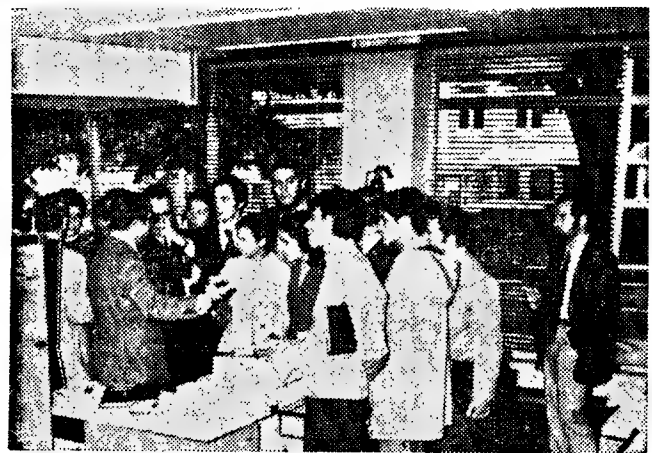
O eng.º Rogério Martins, que era acompanhado pelos directores gerais dos Serviços Eléctricos, dos Combustíveis e dos Serviços Industriais, assim como pelo seu secretário, foi aguardado nos estaleiros das obras pelo eng.º Machado Vaz,

presidente do conselho de administração da CPE, eng.º Ivo Gonçalves, presidente do conselho de gerência, administradores eng.º Amaro da Costa e drs. Pedro Reis, Oliveira Campos, Almeida e Sousa, Moreira Ribeiro, Elísio Pimenta, Hermes dos Santos e gen. Júlio Pereira, e o membro do conselho fiscal dr. António Amaral. Presentes ainda o eng.º Rebelo Pinto, presidente da Comissão de Fiscalização das Obras dos Grandes Aproveitamentos Hidroeléctricos, e eng.º Pereira dos Santos, técnico da Comissão; o eng.º Carvalho Xerez, director, e sub-directores e chefe dos serviços administrativos da direcção da Produção Hidráulica do Sul, departamento da empresa que tem a seu cargo a responsabilidade do projecto e a supervisão da construção do aproveitamento, engenheiro-residente e outros engenheiros e técnicos das obras.

A exploração da central do Fratel, com uma produção anual média de 490 GWh, beneficiará do grande armazenamento na albufeira de Alcântara situada em Espanha, (cerca de 3100 milhões de m³), e contribuirá, por sua vez, para a regularização estival dos caudais do Tejo.

O eng.º Rogério Martins percorreu a pé uma parte do estaleiro, ouviu as explicações que lhe foram dadas sobre as obras e deslocou-se depois a Vila Velha de Ródão para visita à fábrica de celulose do Tejo.

Um grupo de alunos do Instituto Comercial visitou os serviços do Banco Português do Atlântico



Um aspecto da visita de alunos do Instituto Comercial às instalações do Centro Electrónico do Banco Português do Atlântico

Um grupo de alunos finalistas do Instituto Comercial de Lisboa efectuou ontem uma visita de estudo ao Banco Português do Atlântico. Os visitantes, acompanhados por dois professores, drs. António de Almeida e Fernando da Fonseca Madeira, foram recebidos nas modernas instalações do Centro Electrónico daquela instituição pelos drs. José Palla e Carmo, director-adjunto, Lopes Chaves, chefe do referido centro e sr. António Sá da Costa, do Departamento de Relações Públicas.

O dr. Palla e Carmo, em nome da administração daquele Banco, depois de dar as boas vindas aos visitantes fez um breve historial da instituição, desde as suas origens até ao quadro actual do seu dimensionamento entre os grandes bancos comerciais portugueses. Seguidamente, o dr. Lopes Chaves prestou pormenorizados esclarecimentos técnicos sobre o sistema do computador em actividade nos referidos serviços e respondeu a numerosas questões que lhe foram postas, procedendo à demonstração de processa-

mento efectivo de depósitos á ordem.

Seguidamente, os alunos dirigiram-se para as instalações da sede central, na Rua do Ouro, onde foram recebidos e guiados pelo dr. Pedrosa Duarte, director adjunto, que lhes prestou desenvolvidas informações sobre as modernas técnicas bancárias durante a detalhada visita aos serviços de Expediente Geral, Aluguer de Cofres, do Estrangeiro, de Posições TV, de Contabilidade Central fornecendo, a propósito de cada um deles, elucidativas e pormenorizadas explicações de molde a que os jovens visitantes ficassem com uma completa panorâmica da complexidade que é característica da organização bancária. Despertou especial atenção o Serviço de Teletelera, recentemente inaugurado, e a respeito do qual o dr. Palla e Carmo fez ainda oportunas considerações salientando as vantagens desta iniciativa — única no nosso País — que permite simultaneamente acompanhar as operações que se vão realizando na Bolsa, acentuando ainda o facto de ela ser também extensiva aos clientes da sede social do Banco, no Porto.

Por fim, os visitantes foram obsequiados com um «lanche» tendo manifestado o seu vivo interesse e apreço por tudo quanto lhes fora dado obser-

UM MEMBRO DO GOVERNO NO ALGARVE

FARO, 20 — Por via aérea, chegou hoje de manhã, a esta cidade acompanhado de uma equipa de técnicos do seu departamento, o secretário de Estado das Comunicações e Transportes, que assim inicia uma visita de três dias ao Algarve.

Durante a sua permanência nesta província inaugurará a Central Telefónica Automática de Portimão visitará o aeroporto desta cidade e as instalações portuárias e tomará contacto directo com outros serviços dependentes do Ministério das Corporações.

ANTIGOS ALUNOS DO INSTITUTO SIDÓNIO PAIS

Realiza-se, no dia 29 às 20 horas, nas dependências da secção masculina do Instituto Presidente Sidónio Pais do Professorado Primário, em Santos-o-Novo — Santa Apolónia, o jantar de confraternização dos antigos alunos e alunas daquele estabelecimento de ensino.

O jantar, para o qual são convidados todos os antigos elementos das secções masculina e feminina (Lisboa e Porto) do I. P. P. O. P., será precedido, às 18 horas, de uma reunião em que se espera poder anunciar os estatutos da Associação dos Antigos Alunos e em que se procederá à eleição dos corpos gerentes.

As inscrições fazem-se, até ao dia 25, nas secretarias das secções de Lisboa (masculina e feminina) ou para o telefone 50049, de Lisboa.



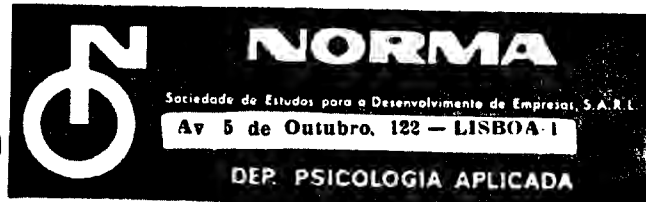
a melhor
despensa

Na vanguarda da técnica...
o frigorífico do futuro.

ambra

um produto da MAGIC CHEF italiana

REPRESENTANTES **SABEL**
Rua D. Estefânia, 98 - LISBOA
Rua de São Catarina, 1209 - PORTO



CONDUÇÃO DE REUNIÕES

(Princípios e Prática)

14 e 18 de Junho

A condução de reuniões
é uma das atribuições
mais importantes do Chefe

• COMO MELHORAR A SUA EFICÁCIA?

Neste curso não serão apenas ministrados os princípios gerais de animação de grupos — 12 horas serão dedicadas à prática de condução, para permitir aos participantes julgar e melhorar a sua própria actuação.

INTERESSA ESPECIALMENTE A:

- Quadros directivos
- Chefes de pessoal
- Monitores de formação
- Educadores e Psicólogos
- Chefes de grupos de trabalho

Passagem de modelos

Amanhã, às 22 horas, no Mercado da Primavera, em Belém, decorre uma passagem de modelos da «Asta», de Cascais.

Actualidade internacional

REJEITADA A PROPOSTA DE MANSFIELD DE REDUÇÃO DAS TROPAS NA EUROPA

WASHINGTON, 20 — (F. P. e R.) — O Senado rejeitou a noite passada a proposta do «leader» democrático Mike Mansfield, para se reduzir para metade os efectivos militares americanos na Europa.

A votação contra a emenda do senador Mansfield foi

de 61 contra 36 e assinalou o ponto culminante de um dia de diligências intensas sobre a sensível questão de efectivos militares.

Constituiu, também, uma vitória táctica para o governo de Nixon, que desencadeou uma campanha tremenda para impedir o Senado de

forçar a mão no que diz respeito ao problema.

A emenda de Mansfield — apresentada a uma lei para prorrogar o recrutamento militar — teria reduzido fundos no fim deste ano para manter mais de 150 000 soldados americanos na Europa Ocidental.

Na realidade, o governo de Nixon obteve o que pretendia: manter o pulso livre para participar em negociações com os russos, se as perspectivas forem favoráveis, após consultas com os seus aliados durante as próximas semanas numa série de sessões ministeriais da NATO, que se efectuará em Lisboa.

Leonid Brejnev, chefe do Partido Comunista soviético, é, em parte, responsável por este importante sucesso do presidente Nixon, pois anunciou a semana passada em Tiflis que a URSS estava pronta a abrir negociações com os países ocidentais, com vista à redução mútua das forças e dos armamentos na Europa, o que deu oportunidade ao Governo americano de afirmar que seria loucura decidir, sem contrapartida, uma redução unilateral das forças americanas.

Foi o senador Mansfield, chefe da maioria democrática,

que provocou a prova de força com o presidente, ao propor, para antes do fim deste ano, a redução a metade dos efectivos das tropas americanas na Europa, que totalizam 310 000 homens. Esta seria, em sua opinião, uma das causas principais do «deficit» da balança de pagamento americana.

RAIOS DA MORTE (LASER) EM NOVO BOMBARDEIRO

WASHINGTON, 20 — (R.)

— A Força Aérea americana está a estudar a possibilidade de utilizar raios da morte (laser) nos seus novos superbombardeiros B-1, segundo afirmaram a noite passada funcionários do Departamento da Defesa.

«Estamos muito interessados no laser. É muito promissor como um possível sistema de armas para o B-1», afirmou o major-general Douglas Nelson, administrador do projecto do bombardeiro.

A sua observação, feita numa entrevista, foi confirmada ontem por oficiais da Força Aérea.

O laser, um fino raio de luz, está já a ser usado para auxiliar a dirigir bombas para os seus alvos e nos últimos dois anos a Força Aérea tem investigado o seu potencial como arma.

Mais de 200 dos superbombardeiros, que custarão 30 milhões de dólares (840 000 contos) cada, foram encomendados pela Força Aérea. O primeiro deverá voar em 1974.

Até agora, os raios laser têm sido utilizados como auxílio de outras armas. O laser, cuja descoberta foi anunciada em 1960, é um raio de luz de alta intensidade.

O Senado derrotou a tentativa para reavivar o projecto SST

WASHINGTON, 20 — (R.) — O Senado derrotou, na noite passada, as esperanças que ainda restavam no avião de transporte de passageiros supersónico, por uma votação de 58 votos contra e 37 a favor, que deixou pouca margem para novas discussões sobre o assunto.

Um dos principais antagonistas do SST, William Proxmire, declarou depois da contagem dos votos: «Penso que o assunto ficou realmente morto. A votação foi decisiva e é pouco provável que o

assunto ressuscite».

Proxmire declarou que a única maneira que os Estados Unidos tinham para voltar à carga seria por meio de provas irrefutáveis de que o SST não contribuiria sensivelmente para a poluição atmosférica e que seria financiado pelos sectores particulares.

Não se espera agora que a Câmara dos Representantes insista na sua posição, depois de ter, na semana passada, dado um fraco apoio ao projecto.

VAI A CAMINHO DE MARTE UMA NAVE SOVIÉTICA DE GRANDES DIMENSÕES

MOSCOVO, 20 — (R.) — Uma nave espacial soviética de grandes dimensões, pesando mais de quatro toneladas, foi lançada hoje em direcção a Marte, sendo esta a primeira tentativa soviética nos últimos sete anos para explorar os segredos daquele planeta misterioso.

A agência Tass descreveu a nave como estação interplanetária, mas não deu pormenores sobre os seus objectivos, limitando-se a dizer que se destina a pesquisas científicas sobre o planeta e o espaço circundante.

A nave, baptizada com o nome de Marte-2, deverá atingir o seu objectivo dentro de seis meses.

Esta é a terceira sonda lançada para Marte pelos soviéticos e a sua característica mais impressionante para já é o peso, pois tem 4650 quilos, ao passo que a última sonda soviética interplanetária lançada para Vénus pesava apenas 1180 quilos.

A Tass não revelou se esta nova sonda tentará descer suavemente em Marte, tal como aconteceu com a Vénus-7, que poeou no planeta Vénus tornando-se a primeira nave fabricada pelo homem que transmitiu para a Terra informações da superfície de outro planeta.

Os observadores salientam que a gravidade em Marte é três vezes menor do que na Terra, pelo que a nave Marte-2 pesará ali três vezes menos.

Este lançamento soviético segue-se ao malogro da recente tentativa americana quando uma sonda Mariner caiu no Atlântico, pouco depois do lançamento de Cabo Kennedy, sendo cancelado o projectado lançamento de um segundo Mariner até estar concluído um inquérito sobre o malogro do primeiro.

Em Dezembro, um cientista espacial soviético declarou numa entrevista que veículos controlados a distância como o tractor lunar Lunokhod

exploraram um dia a superfície de Marte.

As dimensões da sonda hoje lançada admitem a hipótese de uma tentativa desse género, o que, a confirmar-se, representaria um avanço extraordinário da ciência soviética no estudo de outros planetas. Os observadores salientam, porém, que os cientistas soviéticos ainda não conhecem a superfície de Marte suficientemente bem para se aventurarem a colocar lá um veículo, tal como fizeram na Lua.

A lava do Etna avança semeando o pânico

CATANIA, 20 — (R.) — Lenta e implacavelmente, uma impiedosa muralha de lava com vinte metros de altura e cerca de um quilómetro de frente continua a avançar em direcção às aldeias das faldas do Etna, semeando o pânico entre os habitantes.

Alguns dos habitantes das três aldeias que correm mais perigo, Sant'Alfio, Fornazzo e Milo, estão praticamente tomados de pânico, ao ponto de ontem o ministro sem pasta Giuseppe Lupis se ter deslocado à região para declarar que a situação estava a ser dominada e os prejuízos seriam pagos.

Até agora, o vulcão já destruiu 35 propriedades agrícolas, seis pequenas vivendas, uma grande vinha e um pomar. A lava avança cerca de 200 metros por hora, proveniente de uma fenda com cratera secundária a meia encosta. Com o seu avanço já foram soterrados cerca de 140 hectares de terra, na sua maioria cultivada, e o trânsito ficou immedido em cerca de três quilómetros de estrada.

SACAVEM



ALBERTINO LEITE
PACHECO
FALECEU

Etelvina Valença Pacheco, Fernando Valença Pacheco, Vasco Valença Pacheco e esposa, e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 15 horas, da capela Francisco Pedrosa, n.º 5, em Sacavém para o cemitério local.

A Funerária de Moscavide R. Almirante Gago Coutinho, 15-A — Telefone 2519157

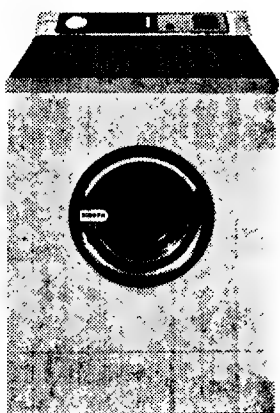
AGRADECIMENTO CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

RAUL AUGUSTO DOS SANTOS, gerente da CASA SONOTONE vem por este meio agradecer bem sinceramente ao operador Ex.º Senhor Dr. JORGE BANDEIRA bem assim à Ex.ª anestesista D. MARIA AIDA DE NORONHA, a maneira hábil e inteligente como o operaram de urgência de uma grave enfermidade. O agradecimento é extensivo ao Ex.º Senhor Dr. professor cardiologista CARLOS RIBEIRO e Dr. SIMAS ABRANTES, pela maneira carinhosa como o trataram, encontrando-se já em sua casa em plena convalescença. Agradece também ao Ex.º Sr. administrador DANIEL PINTO e sua Ex.ª esposa e englobando neste agradecimento todo o pessoal às suas ordens, bem como aos seus empregados e aos muitos dos seus amigos que se interessaram pelo seu estado de saúde.

RAUL A. SANTOS

2 NOVIDADES SINGER

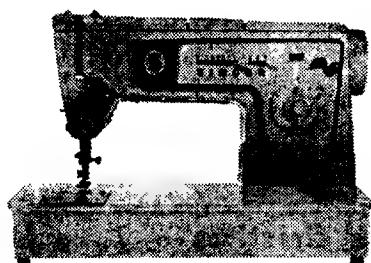
OFERTA DE DETERGENTE PARA 1 ANO



na compra de uma máquina de lavar roupa Singer! Aproveite esta oferta que se prolonga só até 4 de Agosto e beneficiará da qualidade e assistência Singer.

AGORA-MENOS 500,00

Redução de preço na máquina de costura Singer modelo 478



Caseie, faça pontos decorativos ou zigue-zague com este modelo Singer e beneficie, até 30 de Junho, do desconto de 500\$00 mas sempre com a assistência e qualidade Singer.

VISITE HOJE A LOJA SINGER
MAIS PRÓXIMA

Enviar a Singer, Av. 24 de Julho, 42 — Gostaria de obter acerca desta oferta informações. Nome _____ Morada _____

Doze mortos num desastre

SANTANDER (Espanha), — (ANI) — Morreram 12 pessoas e outras oito, pelo menos, ficaram gravemente feridas, quando um camião militar espanhol, transportando 40 veteranos italianos da guerra civil espanhola, se despenhou de uma altura de 80 metros numa passagem da montanha, ontem à noite — anuncia a Polícia.

Outras 15 pessoas sofreram ferimentos de menor gravidade.

A maioria dos ingleses contra a CEE

LONDRES 20 (R.) — Sessenta e dois por cento de eleitores interrogados numa sondagem de opinião pública realizada pelo «Daily Express» são contra a entrada da Grã-Bretanha para o Mercado Comum.

Aquele jornal, contrário à entrada do país para o Euromercado, publica hoje as suas conclusões numa reportagem na primeira página com o título «eis a vossa resposta».

Das 1031 pessoas interrogadas no inquérito apenas 20 por cento se manifestaram a favor da entrada para o Mercado. Dezoito por cento não sabiam, deixando 62 contra.

Um informador do «Daily Express» declarou hoje: «A sondagem foi efectuada com eleitores em 120 círculos eleitorais e os métodos mais modernos e sofisticados foram usados».

«REVELAÇÕES» NO CAIRO:

Os rivais políticos de Sadat projectavam assassiná-lo

CAIRO, 20 — (F. P.) — Os rivais políticos do presidente Sadat projectavam assassiná-lo durante uma visita a Alexandria, no fim da semana passada, segundo revelaram hoje fontes fidedignas.

Porém, o governador de Alexandria, Mahmoud Salem, teve conhecimento do plano e avisou o presidente, que cancelou a visita.

Salem é o novo ministro do Interior em substituição de Sharawy Gomaa, que se encontra preso juntamente com outros antigos ministros e altos funcionários do regime.

Abdel Farid, que ocupou o importante cargo de secretário da União Socialista Árabe no Cairo, foi a mais recente vítima da depuração, que continua, tendo sido demitido, ao mesmo tempo que lhe é aberto um inquérito, sob a acusação de espalhar boatos e propaganda sediciosa.

Falando ontem no gabinete, Sadat disse que, de momento, o principal objectivo deve ser a defesa da unidade nacional. Referindo-se à paz com Israel, afirmou que não pretende obtê-la por qualquer preço, insistindo na re-

tirada total dos territórios ocupados.

«COM O CORAÇÃO NAS MÃOS»

O presidente expôs hoje na Assembleia Nacional as suas ideias sobre o que considera uma nova era de reformas no Egipto.

Sadat anunciou que ia ter uma conversa «com o coração nas mãos», declarando que se devia encarar o futuro, pondo a luta com Israel acima de tudo.

«Devemos concentrar-nos na luta, se quisermos continuar a marcha de Nasser em direcção ao progresso e ao socialismo. Não queremos parar para descansar dos acontecimentos da semana passada. Estivemos durante algumas horas expostos ao perigo de nos desviarmos do caminho tracado por Nasser. Mas o novo inteiro resistiu e corrigiu a sua trajectória» — declarou ainda o presidente na Assembleia Nacional.

ENCONTRO HISTÓRICO EM PARIS

Ameaçado de morte se jogar na Irlanda

LONDRES, 20 — (R.) — Tony Jacklin, o melhor jogador de golfe da Grã-Bretanha, foi ameaçado de morte se jogar no próximo mês num torneio na Irlanda do Norte, segundo revelou a noite passada a Scotland Yard.

A ameaça de que Jacklin seria morto a tiro foi feita na semana passada por intermédio de um jornal da tarde de Londres, quando o campeão, de 26 anos se encontrava no Japão.

Jacklin, que ganhou em 1969 o campeonato de golfe da Grã-Bretanha e, em 1970, o campeonato dos Estados Unidos, declarou a noite passada que ia pensar duas vezes, acerca de jogar na Irlanda do Norte.

Acrescentou: «Que diabo não desejo ser alvejado a tiro. Poderá ser uma mistificação, mas por outro lado pode ser algo relacionado com o I. R. A. (Exército Republicano Irlandês)».

Piscinas de água mineral

MOSCOVO, 20. — (F. P.) — Podem vir a ser construídas, no Cáucaso piscinas públicas de águas minerais se for seguido o conselho dado nas «Izvestias» pelo director do Instituto Termal Sotchi, no mar Negro.

Essas piscinas, afirma, evitarão a construção de instalações dispendiosas sem por isso deixarem de assegurar à população o benefício da cura termal.

A avaliar pela variedade de fontes de grande caudal descobertas no ano passado nesta região, os aquistas podem escolher entre as águas gasosas ou não, sulfurosas, iodadas ou alcalinas.

(Continuação da 1.ª página)

te entre franceses e britânicos, as negociações de Bruxelas devem ficar agora grandemente facilitadas.

Há de resto um certo número de problemas que não serão directamente abordados na negociação de Bruxelas, mas que se ligam com a mesma: o problema da moeda internacional, o papel do esterlino no futuro, a existência das balanças em esterlino e mesmo o problema do idioma, que parece preocupar Pompidou.

Preso em França um contrabandista português

MULHOUSE, 20 — (F. P.) — Um contrabandista português, José Manuel Pereira Oliveira, foi preso anteontem, em Ferrette (Alto-Reno) sob a acusação de importar produtos de contrabando, de resistência às forças da ordem e, ainda, de falsificação e uso de documentos falsos.

Pereira Oliveira, de 25 anos, tentava passar, em fraude, 150 000 cigarros, no valor de 20 000 francos suíços (cerca de 140 contos).



As melhores classificações nas mais duras provas

E, além, disso... poltronas e alcatifa como em sua casa.

Um carro que «queima» o quilómetro de arranque em 33" e que, na estrada, lhe dará a segurança necessária ao mais duro dos ralies. Da travagem à suspensão, o hidropneumática Citroën, o

maior avanço técnico. E, além disso, o conforto de que você gosta. A que está habituado em sua casa. Mesmo a velocidades de ponta. Segurança em cada curva e no pior dos pisos.

Identificado com a sua personalidade em cada pormenor.

CITROËN

Hoje, a técnica de amanhã, com anos de avanço.

DS 21
INJEÇÃO ELECTRÓNICA
PRÊMIO DA SEGURANÇA
2 ANOS CONSECUTIVOS
(1970-1971)

DSpecial — O prestígio, a técnica e a experiência DS ao preço dos carros vulgares.

POSSÍVEL INTERVENÇÃO INDIANA NO PAQUISTÃO ORIENTAL

NOVA DELHI, 20 — (F. P.) — «A Índia poderia ser obrigada a intervir militarmente no Paquistão Oriental» — afirmam hoje, nas primeiras páginas, todos os jornais da capital indiana.

Os jornais, citando «fontes autorizadas», dão a entender que uma possível intervenção indiana pode resultar da aparente recusa do Governo pa-

quistanês de criar, no Paquistão Oriental, as condições favoráveis ao regresso ao seu país dos três milhões de refugiados bengalis, recebidos na Índia desde o fim de Março.

Segundo os jornais, as grandes potências ocidentais teriam sido informadas recentemente do ponto de vista de Nova Delhi a este respeito.

CHEGOU O VERÃO!

TEM PROBLEMAS DE MODA?
NÃO PROCURE MAIS.

VISITE
Cidade de Lisboa
BOND STREET

RUA BRAAMCAMP N.º 9 — LISBOA

ONDE AOS MELHORES PREÇOS
ENCONTRA AS MELHORES SUGESTÕES

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 37 - 10. Época

Diário de Lisboa — 122 1x1 22x x211; Beira Baixa — 111 111 111 1x11; Brados do Alentejo — 112 111 2x1 2121; Ca. Valgada do Ritmo — 1x1 111 1x1 2x2; Comércio de Porti. mão — 112 111 211 1121; Correio dos Açores — 112 111 111 1211; Correio de Coim. bra — 112 111 11x 1111; Correio da Horta — 11x 121 1x1 111x; Distrito de Setúbal — 112 1x1 1x1 1x11; Ecos de Cacia — 112 111 1x2 1x11; Ecos do Desporto — 112 111 1x1 1x11; Estrela da Manhã — 112 111 1x1 1x1x; Eu Sei Tudo — 11x 1x1 121 1x11; Imagens Piedenses — 1x2 111 21x 122x; Jornal das Aves — 211 21x 111 2x11; Jornal do Barreir — 1x2 121 1x2 1x2; Jornal do Fundão — 111 1x1 1x1 1x1x; Jornal da Lixa — 112 111 12x 1121; Jornal de Sintra — 112 111 1x1 1x11; Jornal de Viseu — 11x 112 1x1 1111; Linhas de Elvas — 112 111 11x 1111; Litor — 112 111 1x1 1x11; O Norte Desportivo — 111 111 12x 1x11; Notícias do Douro — 112 11x 211 2x1x; Notícias de Felgueiras — 112 111 1x1 1x11; Povo Algarvio — 111 111 111 1x11; A Rabeca — 11x 111 111 1x11; Rádio Alentejo — 11x 111 1x1 1111; Rádio Oceano — 112 1x1 1x1 1112; Reconquista — 112 111 111 1111; Bondiazinho — 1x2 111 2x1

111 221 1111; Jornal Notícias — 1x1 111 1x2 111x; Açores — 11x 111 1x1 1111; Boletim Desportivo (ENR) — 111 1x1 211 1x11; O Comércio do Porto — 112 111 111 1111; Correio do Vouga — 112 111 111 1111; De Tudo Um Pouco — 11x 111 121 1111; Diário de Coimbra — 112 111 111 1x12; Diário do Minho — 1x2 11x 1x1 1x1x; Eco de Estremoz — 121 211 111 2x11; Folha do Domingo — 112 1x1 111 1x11; A Jha — 1x2 111 1x2 1x1x; Maria da Fonte — 11x 111 1x1 2212; Momento do Totobola — 112 111 1x1 1x11; Mundo Desportivo — 112 111 1x1 1x11; Notícias de Chaves — 11x 211 1x2 1121; Notícias de Évora — 112 111 1x1 1x11; Notícias de Guimarães — 122 1x1 111 21xx; Novidades — 112 111 1x2 1211; Peça Que Não Maça — 112 111 111 1111; Programa Diário do Porto — 112 1x1 11x 1x2x; Programa Sem Nome — 111 1x1 111 1111; Rádio Clube do Norte — 111 121 121 1x11; Auto Rádio — 1x2 111 1x2 121x; Campeão Português — 111 111 112 1x1x; Renovação — 11x 111 222 1212; Repórter do Dia — 112 111 1x1 111x; Repórter do Dia (Angola) — 111 11x 1x1 1x11; República — 111 121 12x 1112; Resenha Desportiva — 1x2 111 1x2 1x21; Revista de Som — 111 1x1 212 1211; Passatempo J. J. — 212 111 1x1 1x11; O Telégrafo — 112 111 1x1 211x; O Templário — 112 111 111 1x11; Voz do Casa Pia — 112 111 1x1 1x11; A Voz Desportiva — 1x2 111 112 1111; A Voz do Domingo — 112 111 111 11x1; Voz de Lamego — 21x 111 221 1111.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA RIBEIRO DOS REIS

TRIUNFOS DA ACADÉMICA ESPINHO E U. COIMBRA

Com três jogos respeitantes à segunda jornada — um, da segunda série (Espinho-Boavista) e dois da terceira (Lamas-Académica e U. Coimbra-Sanjoanense), a Taça Ribeiro dos Reis. Para triunfos da Académica, U. Coimbra e Espinho.

U. Lamas, 1- Académica, 3

Estádio Comendador Henrique Amorim, em Santa Maria de Lamas. Árbitro: Melo Acúrsio, do Porto.

U. LAMAS — Domingos; Neves, Redol, Chico e Amadeu II; Rui Manuel e Romão; Amadeu I, Neri, Bastos (Pinho) e Carlos Silva.

ACADÉMICA — Cardoso; Bernardo, Lince, Freixo e Marques; Simões e Oliveira Duarte; António Jorge, José Manuel, Vala (Vitor Gomes) e Serafim.

Após intervalo, 0-1. Marcadores: Carlos Silva, aos 50 minutos, pelo União de Lamas, e José Manuel, aos 44 e aos 70, e Serafim, aos 82, pela Académica.

Superioridade técnico-táctica e física da Académica (na- 1111).

tural) mas boa réplica, até quando pôde, do Lamas.

U. Coimbra, 4- Sanjoanense, 2

Campo Eng. Arantes e Oliveira, em Coimbra.

Árbitro: Bastos da Silva, do Porto.

U. COIMBRA — Rasteiro; Baptista, Seabra, Carlos e José Vítor; Niza, Almeida e Cruz; Chipenhe, Brasfemes e José Carlos.

SANJOANENSE — Manuel; Vítor, Queirós, Faria e Durbalino; Narello, Moreira e Correia; Vasco, Adé e Ernesto.

Na Sanjoanense, logo após o intervalo, Manuel foi substituído por Topé e Azevedo rendeu Narello; no União, aos 70 minutos, Carlos cedeu o seu lugar a Beto e, aos 85, Alexandre entrou para o lugar de Niza.

Após intervalo, 3-1. Marcadores: José Carlos, aos 14 e aos 37 minutos; Almeida, aos 89 e aos 70, pelo União; Adé, aos 42 e Ernesto, aos 47, pela Sanjoanense.

Triunfo certo dos «unionistas» bem contestado pela equipa mais fraca, mas que soube, em certas alturas do jogo, explorar algumas facilidades concedidas pelo União.

O União comanda com 4 pontos de duas vitórias — mais um que a Académica.

Sp. Espinho, 2- Boavista, 1

Campo da Avenida, em Espinho.

Árbitro: Francisco Rodrigues, de Leiria.

ESPINHO — Nicolau; Ribeiro, Simplicio, Gonçalves e Gomes; Ribeiro e Acácio (aos 65 minutos, Artur Augusto); Momade (aos 60 minutos, Meireles), Bétinho, Louro e Julio.

BOAVISTA — Luz; Canário, Barbosa, Bino e Braga; Fraguito e Tal (aos 65 minutos, Antoninho); Augusto (aos 75 minutos, Pedro), Moura, Ronaldo e Vítor.

Após intervalo, 2-1. Marcadores: Bétinho, aos 20 minutos de jogo, de grande penalidade, aos 38, pelo Espinho; Fraguito, aos 8, pelo Boavista.

Jogo bastante equilibrado e de despiques vibrante, a que não faltou certa qualidade técnica.

O Sporting de Espinho com a sua vitória (justa) assumiu o comando da série com 3 pontos em 2 jogos, seguido do Tirsense e do Leixões, a um ponto, mas com menos um jogo.

TEMPO DE TAÇA (S)

Taça de Portugal (um jogo) e Taça Ribeiro dos Reis (dez) dão o contributo para hoje.

Tirsense e Almeirim jogam às 16 horas para a Taça de Portugal.

Para a «Ribeiro dos Reis»:

Famalicão-Braga; Varzim-Riopele; U. Tomar-U. de Leiria; Peniche-Oriental; e Montijo-Barcelosense, também às 16 horas. CUF-Belenenses, às 17.30; Beira Mar-Gouveia, às 18; Guimarães-Vizela, às 21.15; Torrensense-Benfica e Setúbal-Seixal, às 21.30.

ARQUIVO

Os visitantes de Munique, por altura dos Jogos Olímpicos, não deverão ter problemas quanto ao sono (reparador) bem necessário no intervalo das variadas e constantes emoções que, concertemente, as competições vão proporcionar. A Comissão organizadora anunciou que há já a garantia de 188.000 camas para os estrangeiros que se deslocarem a ver a maior festa do desporto mundial. Por outro lado, a comissão chegou a acordo com os hotéis e particulares que cedem camas, para que os preços se conservem a um nível razoável.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

CAPITAL: 450 000 000\$00

Sede: Rua Alexandre Herculano, 244 — PORTO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

No dia 17 do próximo mês de Junho, pelas 10 horas, proceder-se-á, num dos escritórios desta sociedade, na Rua Duque de Loulé, n.º 98-1.º, no Porto, ao sorteio de 35 798 obrigações, sendo 33 887 do valor nominal de 100\$00 e 1 911 de 1000\$00 cada uma, para efeito de amortização a partir de 1 de Julho de 1971 — data em que se iniciará também o pagamento de juros das obrigações das diversas séries, relativos ao primeiro semestre de 1971.

(São 2613 obrigações da série de 4 1/2 % — 1944; 4911 da série de 4 % — 1945; 2274 da série de 3 3/4 % — 1946; 4191 da série de 4 % — 1948; 1926 da série de 5 % — 1951; 3667 da série de 5 % — 1952; 4984 da série de 5 % — 1954; 4771 da série de 5 % — 1957; 4550 da série de 5 % — 1958; 370 da série de 5 % — 1960; 500 da série de 5 % — 1963; e 1041 da série de 6 % — 1968 (18.ª Emissão), conforme consta dos respectivos quadros de amortização).

Porto, 17 de Maio de 1971

Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

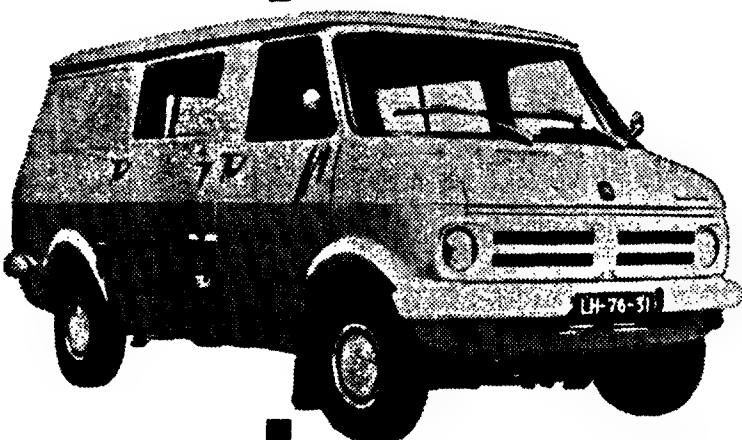
O Director-Gerente

(a) Mamede Fialho

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Riopele-Famalicão	81	10	8	10	1	1
2. Sanjoanense-Gouveia	81	12	6	10	1	1
3. T. Novas-U. Tomar	16	23	60	2	3	7
4. U. Leiria-Tramagal	85	8	6	10	1	1
5. Sintrense-Oriental	78	16	5	9	2	1
6. Peniche-Torrensense	86	9	4	10	1	1
7. Seixal-Portimonense	55	32	12	7	4	1
8. Soure-Felrense	45	29	25	5	4	3
9. Odiveiras-Almeirim	64	20	15	8	2	2
10. Caldas-Marrazes	74	17	8	9	2	1
11. Juventude-C. Piedade	44	36	19	5	5	2
12. Almada-Lusit. Évora	75	15	9	9	2	1
13. Grandolense-Amora	70	18	10 (-1)	9	2	1

E a chave lógica será: 112 111 111 1111

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sortelo nas quantidades indicadas no presente mapa.



CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

FURGÕES BEDFORD CF

- cargas úteis até 1270 kg.
- modelos a gasolina e a gasóleo
- travões assistidos por servo-freio
- distância do solo ao estrado de carga 54 cm.

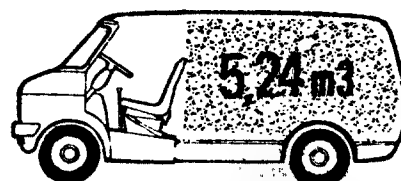
consulte a

SOREL

Rua Tomás Ribeiro, 97-A

Rua Filipe Folque, 12 — Telef. pp ca 56 34 41

Rua D. Luiz I, 28 — Telef. 66 27 55 — LISBOA



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ROMÉNIA, 1-PORTUGAL, 0, EM JUNIORES

Para «ensaio» esteve mau...

A três minutos do termo do encontro de futebol particular entre as seleções de juniores de Portugal e da Roménia, ontem disputado em Trigoviste, o jogador Mircea, de cabeça e a centro de Szabadel, anichou o esférico nas redes confiadas a Fidalgo, estabelecendo o resultado final. Um resultado certo na medida em que traduz uma vitória para a melhor equipa; um resultado escasso desde o momento em que não reflecte a superioridade da selecção

romena sobre o «onze» português.

Pois foi assim. Os romenos atacaram que se fartaram e os portugueses foram obrigados a defender-se desta maneira, daquela e de mais outra — que o mesmo é dizer de qualquer uma. E lentos que era só vê-los. E sem qualquer tipo de disciplina. Tática ou de manobra de conjunto. Aquilo era mesmo um salve-se quem puder que o barco vai ao fundo. Como foi. Mais devagar do que aquilo que poderia ter ido.

E com um a salvar-se: Fidalgo. Ele esqueceu-se do apêlido, trabalhou como operário que se preza, conseguiu evitar «muita coisa» e até foi o melhor da equipa lusa. E quando o guarda-redes é o melhor da equipa...

Claro que o jogo era particular; que foram oitenta minutos de «rodagem» com vistas ao Torneio Internacional da U. E. F. A.; que Portugal só perdeu o jogo e não perdeu mais nada; incluindo as hipóteses...

...E claro, também, que a

derrota até pode ter sido útil. Se tiver servido de alarme.

As equipas:

ROMÉNIA — Costas; Dobru, Smarandache, S. Gabriel e Ciocirlan; Bedea, Dumitriu e Danila; Mircea (cap.), Aelenei e Cojocaru.

PORTUGAL — Fidalgo; Franque, Casquinha, Vítor Pereira (cap.) e Jaime; Sheu, Alves e Eurico; Ibraim, Gregório e Nando.

Alinharam, ainda, por Portugal: Alexandre, Jordão, Costa Almeida e Rodolfo.

Vítor Alves lesionou-se aos 23 minutos. E só hoje poderá conhecer-se exactamente se a lesão é recuperável ou se o jovem futebolista terá que regressar a Lisboa.

VELA

O «MUNDIAL» DE «SNIPES» DISPUTA-SE NO BRASIL

De 9 a 17 e Outubro disputa-se ao Rio de Janeiro na baía da Guanabara, o XXV Campeonato Mundial de «Snipes», que é organizado pelo Iate Clube do Rio de Janeiro, com o patrocínio da Confederação Brasileira de Vela e Motor, da Federação Carioca de Vela e Secretaria Nacional de «Snipes».

Para este certame foram convidados 32 países: Alemanha, Argentina, Austrália, África do Sul, Bélgica, Bahamas, Bermudas, Canadá, Chile, Colômbia, Dinamarca, Estados Unidos, Espanha, França, Finlândia, Holanda, Inglaterra, Itália, Ilhas Virgens, Jugoslávia, Japão, Noruega, Portugal, Paraguai, Porto Rico, Roménia, Suécia, Turquia, Uruguai e Venezuela.

Em face da teimosia do norte-americano Earl Elms, actual campeão do mundo da classe, que insistia em levar para o Brasil o seu barco, foi decidido que todos os concorrentes participariam em barcos de construção semelhante ao do velejador norte-americano. São barcos de «fiberglass», tipo «sandwich» com espuma de uretano mastro e bolina de alumínio cujos protótipos já estão sendo submetidos a testes em S. Paulo por Joerg Bruder, antigo campeão mundial daquela classe.

No Brasil estão a ser construídos 30 barcos daquela tipo, vinte dos quais já foram encomendados por concorrentes brasileiros ao preço de oitocentos mil cruzeiros.

A final da Taça das Taças

JOGO BEM DISPUTADO E BEM EMPATADO

Entenda-se por bem disputado, bem discutido; bem empatado, porque foi o resultado justo e, por cima, alcançado

que se equivaleram tanto na qualidade, como na quantidade de jogo. Nenhuma delas foi brilhante, nem decepcionante.

A FINAL É REPETIDA AMANHÃ A R. T. P. VOLTA A TRANSMITIR

nos últimos cartuchos do Real Madrid... que não merecia ser vencido.

No Estádio Karaiskaki, de Atenas, perante 45 mil presentes e alguns milhões de «tele-presenças», estiveram presentes duas equipas com concepções diferentes de futebol:

(No caso do Real teremos que pôr de parte o seu passado, para não influenciar o julgamento...). Foi jogo de Taça. No caso, Taça das Taças.

No primeiro tempo, superioridade do Chelsea. Assente num maior realismo de jogo, que chegou a dar a ideia, ao

menos entendido, de superioridade técnico-táctica. Que não existiu. Ontem, pelo menos...

No segundo tempo, furia espanhola (o «científico» Real de outros tempos já não é...), que rodou a 180 graus a apreciação devida aos primeiros 45 minutos.

Só na segunda parte houve golos — primeiro do Chelsea, por Peter Osgood, aos 10 minutos; o do Real, por Zoco, mesmo ao «queimar» do jogo — isto é, do tempo regulamentar.

O prolongamento (que não trouxe qualquer novidade, antes foi um repositório do tom geral dos 90 minutos) foi a «ver quem marcava primeiro, que unico...». O Real terá sido o que mais perto esteve de o conseguir: uma velha tradição terá tocado os espanhóis. Mas não sucedeu, e acabou por estar bem. E o jogo recomeça amanhã, à mesma hora e no mesmo local... E para quem quiser ver: os «pagantes» do estádio e os que podem recorrer à Televisão, incluindo os telespectadores portugueses; que a R. T. P. volta a transmitir.

CICLISMO

Agostinho em grande plano no «Dauphine Libéré»

Na segunda das duas etapas de ontem, a contar para o Troféu «Dauphine Libéré», Joaquim Agostinho — 8.º na etapa, 3.º na «Montanha» e 3.º na classificação geral — cotou-se como o grande animador da tirada, tendo sido ele a impor o ritmo a Merckx e aos restantes na subida para a contagem do «Prémio da Montanha», a 17 quilómetros da chegada.

Segundo os observadores, a prova de Agostinho foi francamente excepcional. Ele colocou-se à cabeça de um grupo de 14 fugitivos que abalaram do pelotão, impondo um andamento extremamente duro e dando mostras de uma facilidade impressionante.

Esta etapa (Tournou-Saint-Etienne, 78 quilómetros) foi ganha por Merckx e na anterior, corrida de manhã entre Orange e Tournon (128 quilómetros), o triunfo pertenceu a Lemon.

Na classificação geral, Merckx comanda. Seguem-se o francês Bonkoux, a 5 segundos e Agostinho, a 10 segundos. Em 15.º lugar surge o francês Lemon, com mais 1 m e 58 s que Agostinho.

Hoje corre-se a etapa entre Saint-Etienne e Grenoble, na distância de 188 quilómetros.

BOA PRESENÇA DA COELIMA NA «VOLTA A ARAGÃO»

Nada menos de cinco representantes da Coelima entraram com o pelotão no termo da etapa inaugural da «Volta a Aragão», alcançando o mesmo tempo de Ramon Saez (Werner), que venceu a tirada. São eles: Juan Sillónis (5.º), Fulgêncio Sanchez (24.º), José Pereira (25.º), Mário Miranda (26.º) e José Martins (27.º). Fernando Ferreira e José Ribeiro classificaram-se, respectivamente, em 32.º e 34.º lugares, com mais 6 m e 18 s.

Na contagem para o «Prémio da Montanha» (2.ª categoria) verificada nesta etapa (de 112 quilómetros), José Pereira foi o segundo atrás do espanhol Echevarria.

Hoje corre-se a segunda tirada: Saragoça-Teruel, na distância de 190 quilómetros, com três contagens para o «Prémio da Montanha»: uma de terceira e duas de primeira categoria.

CLUBES E FUTEBOL

■ Benfica e Arsenal sempre se defrontarão: 28 e 31 de Julho, ficando por decidir se cá, se lá, o primeiro jogo. Uma data de reserva: 4 de Agosto.

■ O setubalense Pedro jogará pelo Belenenses na próxima época. Acordo entre as três partes interessadas.

■ A crise (?) directiva do Vitória de Setúbal parece resolvida. Silvério Jones e Francisco Nascimento «aderiram» à presidência de Fernando Pedrosa. A lista completa, a sancionar na próxima semana, será de UNIDADE.

■ No Benfica tudo deve «explicar-se» numa reunião marcada para amanhã. Mas é provável, embora se venha a falar no contrário, que a lista dr. Mário Oliveira-Ferreira Queimado-dr. Borges Coutinho vá em frente...

CAMISARIA



LISBOA - MADRID

PRONTO A VESTIR

Novas instalações (provisórias) com as últimas novidades nacionais e estrangeiras e onde TODOS os n/ clientes e amigos encontrarão a atenção e competência dos nossos colaboradores.

CAMISA *Pluma* ALGODÃOTRIPLA DURAÇÃO
Preço 210\$00

Pedimos a todos os nossos Ex.ºs Clientes, aos quais seja possível, que efectuem as suas compras na parte da manhã, em virtude da aglomeração que se verifica da parte da tarde não nos permitir dispensar-lhes a costumada boa atenção.

A CAMISARIA MODERNA
GARANTE TODAS AS SUAS CONFECÇÕES

ROSSIO, 110

LISBOA

APARTAMENTOS MOBILADOS

aluguer e venda

LOCAIS DAS PROPRIEDADES

Paço de Arcos — Bº Comendador Joaquim Matias ■ Cascais — Con-
junto Turístico da Pampilheira ■ Reboleira — Edifício Oeiras
Lisboa — Olivais ■ Parede ■ Alapraia ■ Venda Nova

Consulte: J. PIMENTA

S. A. R. L

LISBOA—Pr. Marquês de Pombal, 15—Tel. 45843-47843



Artesanato
e
Mobiliário
Materiais
de
Construção
Azulejos
Nacionais
e
Estrangeiros
Mosaicos
Decorativos
Japoneses



APARTAMENTOS TURÍSTICOS EM PAÇO DE ARCOS E CASCAIS
A SOLUÇÃO IDEAL PARA GRUPOS E FAMILIAS A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS

ÀS DONAS DE CASA FRANGOS

KILO 24\$00

Assim como todos os pro-
dutos de alimentação,

MAIS BARATO
ENCONTRAM V. EX.ª
NOS

**SUPERMERCADOS
AGUIAR**

Av. António Augusto
de Aguiar, 68-70

Telefs. 4 08 63 - 53 28 31

NÃO DEIXE DE VISI-
TAR A NOSSA SECÇÃO
DE TALHO



Rodrigo Ferreira dos Santos Maia

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

Sua mulher, filhos, nora, genro, netos, irmãos e mais fa-
mília, profundamente sensibilizados por tantas provas de ami-
zade recebidas na dolorosa conjuntura, agradecem a todas as
pessoas que os acompanharam na sua grande dor. Aproveitam
para participar que a missa sufragando a alma do saudoso
extinto será celebrada amanhã, sexta-feira, às 12 e 45, na
igreja paroquial de Santo António das Antas, tornando exten-
sivo o seu agradecimento às que caridosamente assistam à
piedosa cerimónia.

CASA ALBERTO PEREIRA



LITOGRAFIA MAIA

AGRADECIMENTO

Vem por este meio agradecer a todas as pessoas e enti-
dades que se dignaram assistir ao funeral do seu saudoso
sócio fundador senhor Rodrigo Ferreira dos Santos Maia, bem
assim aos que de outro modo lhes endereçaram o seu pesar,
e participar que a missa do 7.º dia por sua alma se celebra
amanhã, sexta-feira, às 12 e 45, na igreja paroquial de Santo
António das Antas.

CASA ALBERTO PEREIRA

Boisa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Atos	Compra	Venda	Ultramarinas	Atos	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4% ..	—	—	486\$	Ag. 3.ª Lame e Príncipe ..	—	95\$	210\$
Consolidado 3% ..	—	—	488\$	Boror ..	121\$	71\$	22\$
Consolidado 3 1/2% ..	—	—	604\$	Buz ..	72\$	71\$	75\$
Centenários 4% ..	—	—	400\$	Labinda ..	—	200\$	208\$
Org. Tesour. 5% ..	—	—	600\$	D. Amantes Angola ..	2.000\$	2.000\$	—
Externa 3.ª Série ..	—	590\$	600\$	M. e Revue ..	—	620\$	640\$
Externa 3.ª Série ..	607\$	605\$	—	ino do Príncipe ..	—	—	—
Externa 3.ª Série ..	—	700\$	750\$	Vicente ..	183\$	83\$	84\$
Externa 3.ª Série ..	—	—	—	sonete ..	—	—	420\$
Cauteia 3.ª Série ..	—	50\$	175\$	sonete ..	425\$	425\$	430\$
Cauteia 3.ª Série ..	—	—	—	Zambézia ..	—	67\$	—
OBRIGAÇÃO				Diversas			
Agua. Lisboa 5% ..	—	—	—	Alto ..	—	—	6.950\$
A. P. I. 5% 56 ..	—	885\$	—	Am. Lame ..	—	4.450\$	—
A. P. I. 5% 58 ..	—	885\$	—	Am. Lame ..	8.100\$	8.050\$	8.200\$
C. P. 4 1/2% 65 ..	—	—	840\$	Co. Navegação ..	—	1.500\$	1.550\$
C. P. 5 1/2% 61 ..	—	—	930\$	U ..	—	—	—
C. U. F. 6% ..	—	910\$	925\$	Ind. Alentejo ..	—	—	—
C. U. F. 6% 68 ..	—	920\$	—	Nac. Navegação ..	—	—	—
Gás. Elect. 4% 48 ..	—	—	860\$	Petroquímica ..	1.195\$	1.190\$	1.195\$
Gás. Elect. 5% 54 ..	850\$	—	875\$	Port. e Colónias ..	1.000\$	1.000\$	1.010\$
Gás. Elect. 5% 53 ..	—	—	—	Port. Celulose ..	—	3.900\$	3.950\$
Gás. Elect. 5% 59 ..	—	—	—	Port. Pesca ..	1.220\$	1.210\$	1.240\$
Gás. Elect. 5% 62 ..	—	955\$	975\$	Port. Tabacos ..	605\$	605\$	607\$
Gás. Elect. 5% 63 ..	—	—	—	Port. Tabacos ..	3.800\$	3.750\$	3.850\$
Gás. Elect. 5% 65 ..	—	—	—	Soc. ..	3.270\$	3.260\$	3.280\$
Gás. Elect. 5% 67 ..	—	—	—	Tabacos de Portugal ..	6.130\$	6.100\$	6.140\$
H. E. A. Alentejo 5% ..	—	—	810\$	Tabacaria ..	640\$	635\$	640\$
H. E. Cavado 5% ..	—	770\$	—	J. F. Azote ..	—	—	—
H. E. Cavado 6% ..	960\$	960\$	970\$	Agua. elect. Gás.			
H. E. Dour. 5% ..	—	770\$	—	Agua. Lisboa p ..	—	390\$	—
H. E. Norte Port. 5% ..	—	—	—	Agua. Lisboa 34 ..	—	405\$	—
H. E. S. Estreito 6% ..	—	930\$	—	Agua. Lisboa 36 ..	—	390\$	—
H. E. Zezere 5% 55 ..	—	770\$	—	C. P. Electricidade ..	1.192\$	1.192\$	1.193\$
H. E. Zezere 5% 57 ..	—	—	—	C. P. Electricidade n ..	—	1.805\$	1.905\$
Lisnave 6% ..	—	950\$	—	C. P. Electricidade 969 ..	—	—	—
Metropolitano 4% ..	—	890\$	—	Elect. Beiras ..	—	615\$	620\$
Metropolitano 5 3/4% ..	940\$	930\$	950\$	Gás. Elect. ..	182\$	82\$	825\$
Mocimboa 5% ..	—	680\$	710\$	H. E. Alto Alentejo ..	—	—	—
Nac. Elect. 5% ..	—	775\$	—	H. E. Norte Portugal ..	—	223\$	230\$
N. Tratos 5% ..	—	—	—	H. E. S. Estreito ..	—	—	—
N. Tratos 5% 60 ..	—	—	—	Nac. Electricidade ..	—	—	—
Petroquímica 5% ..	—	850\$	—	J. E. P ..	194\$	194\$	194\$
Port. Celu. 5% ..	—	—	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Socor. 5% 54 ..	—	—	—	C. Atlântico ..	—	126\$	30\$
Socor. 5% 60 ..	—	—	—	C. D. E. S ..	—	—	—
Socor. 5% 62 ..	—	715\$	—				
Socor. 5% 64 ..	—	715\$	725\$				
Socor. 5% 66 ..	—	715\$	—				
Socor. 5% 68 ..	—	810\$	—				
Socor. 5% 70 ..	—	900\$	—				
Socor. 5% 72 ..	—	770\$	—				
Termoelect. Port. 5% ..	—	—	—				
U. E. P. 3 1/4% ..	—	—	—				
U. E. P. 4% ..	—	87\$	89\$				
U. E. P. 4 1/2% ..	—	91\$	—				
U. E. P. 5% ..	71\$	715\$	72\$				
U. E. P. 5% 50 ..	—	—	750\$				
U. E. P. 5% 63 ..	—	880\$	—				

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

ACCÕES

Bancos

Agência

Alentejo

Angola

Burmas

Créd. Predial

E. Santa

E. Santa n

Fonseca & P

Fomento

L. & Açores p

L. & Açores n

P. Atlântico p

Portugal n

Portugal p

Totta Alentejo

Ultramarino n

Ultramarino p

Seguros

Alentejo

Douro

Mundo

Sogres

Transatlântico

Ultramarino

2.340\$

1.125\$

4.150\$

7.500\$

6.500\$

26.900\$

2.750\$

6.490\$

3.500\$

4.200\$

6.980\$

3.970\$

4.300\$

141\$

2.400\$

1.020\$

2.900\$

70.000\$

41\$

3.500\$

1.030\$

3.500\$

92.000\$

—

2.340\$

1.125\$

4.150\$

7.500\$

6.500\$

26.900\$

2.750\$

6.490\$

3.500\$

4.200\$

6.980\$

3.970\$

4.300\$

141\$

2.400\$

1.020\$

2.900\$

70.000\$

41\$

3.500\$

1.030\$

3.500\$

92.000\$

—

2.340\$

1.125\$

4.150\$

7.500\$

6.500\$

26.900\$

2.750\$

6.490\$

3.500\$

4.200\$

6.980\$

3.970\$

4.300\$

141\$

2.400\$

1.020\$

2.900\$

70.000\$

41\$

3.500\$

1.030\$

3.500\$

92.000\$

—

2.340\$

1.125\$

4.150\$

7.500\$

6.500\$

26.900\$

2.750\$

6.490\$

3.500\$

4.200\$

6.980\$

3.970\$

4.300\$

141\$

2.400\$

1.020\$

2.900\$

70.000\$

41\$

3.500\$

1.030\$

3.500\$

92.000\$

—

2.340\$

1.125\$

4.150\$

7.500\$

6.500\$

26.900\$

2.750\$

6.490\$

3.500\$

4.200\$

6.980\$

3.970\$

4.300\$

141\$

2.400\$

1.020\$

2.900\$

70.000\$

CARTAZ DOS CINEMAS



*** EDEN**
(Adultos) Tel. 329748
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
Color
UGO TOGNAZZI em
**CASAMENTO
SEM NUPCIAS**

15.15 e 18.30 — Últimas exhibições
(M. 12 anos)
36 HORAS NO INFERNO

*** SÃO JORGE**
(Adultos) Tel. 54153
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
Considerado pela crítica o me-
lhor filme do ano!
PAIXÃO
de Ingmar Bergman

*** POLITEAMA**
(Adultos) Tel. 426385
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
UM FILME ESPECTACULAR
E DE ACÇÃO SEMPRE
EMOCIONANTE
O SÓZIA
com John Richardson — Anita
Ekberg — Margaret Lee
(Eastmancolor)

HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO
CLASSICA com o excepcional
filme «O HOMEM DE KIEV»
(Adultos)

*** ESTÚDIO**
(Adultos) Tel. 555134
3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima do cinema
sueco
A ILHA
ULTIMAS EXIBIÇÕES
Um filme de Alf Sjöberg
com Bibi Andersson

*** VOX**
(Adultos) Tel. 120404
As 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Um filme onde a crítica,
a análise, o quotidiano e a ma-
ladrice, andam — solta — e
de que maneira
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comédia colorida
com Jean YVES e Fran-
çoise Fabian
(Joint-A-Son)

*** RESTELO**
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
**SELVA, MULHERES
E MACACOS**
com Sidney James

*** ALVALADE**
(Adultos) Tel. 717400
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
Color
UGO TOGNAZZI em
**CASAMENTO
SEM NUPCIAS**

15.45 — Últimas exhibições
(M. 12 anos)
36 HORAS NO INFERNO

*** SAO JORGE**
(Adultos) Tel. 54153
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
Dois jovens lutando contra as
exigências de uma sociedade!
Michael Serrazin e Barbara
Hershey em
**EM BUSCA
DA FELICIDADE**
(The Pursuit of Happiness)
Um filme de Hubert Mulligan
Colorido

*** BERNAL**
(Adultos) Tel. 338743
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
As 15.30 e 21.45
Claudette Bergman e Peter Strauss
no empolgante e inesquecível
filme de Ralph Nelson, rodado
nas pradarias do México
SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITÓRIA)
Um Panavision e Technicolor
A obra-prima de De To

*** MUNDIAL**
(M. 17 anos) Tel. 338743
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE SENSACÃO!
Charles Bronson e Telly Sa-
valla
vivem uma extraordinária e
emocionante aventura em
CIDADE VIOLENTA
Metro Estação Picoas

*** AVIS**
(M. 17 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
5.ª SEMANA
A. Girardot — Mireille Darc
e B. Blier
numa divertida história de
namor quase negro!
**ELA NÃO BEBE,
NÃO FUMA, MAS...**
EASTMANCOLOR

*** LIZ**
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 h.
**UM TIRO PELA CULATRA
VIDAS PERIGOSAS**

*** TIVOLI**
(M. 12 anos) Tel. 60500
As 3 da tarde (a p. red.)
e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Um novo grande cinema
francês
PIERRE RICHARD
numa comédia sensacional
O DISTRAÍDO

*** ESTÚDIO 444**
(M. 12 anos) Tel. 779995
As 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Novo e retumbante êxito para
TRUFFAUT
**O MENINO
SELVAGEM**
O melhor filme estrangeiro apre-
sentado na América em 1970!

*** CHIADO
TERRASSE**
(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
**QUERIDO JOEY
MERGULHO NO PASSADO**

*** EUROPA**
(Adultos) Tel. 661016
15.15 - 21.30
No esplendor inigualável
dos 70 mm e em 5.ª SEMANA
O VALE PERDIDO
Colorido
c/ Omar Sharif — Michael Caine
— Florinda Bolkan

*** LIDO**
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21.30 h.
Maravilhoso e deslumbrante
espectáculo em 70 mm
**A CANÇÃO
DA NORUEGA**
Um encanto de paisagens, de
cor, ritmo e ternura!!

*** LUMIAR**
(M. 12 anos) As 21 h.
**O CANTICO DA CARNE
A PAZ VOLTOU A CIDADE**

*** CONDES**
(Adultos) Tel. 323523-326710
As 14.15, 18 e 21.45
13.ª SEMANA
Um filme de David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor
Howard, John Mills e Sarah
Miles

*** ROYAL**
(Adultos) Tel. 865087
As 21 horas
**UM BEATLE NO PARAÍSO
OPERAÇÃO TP-91**

*** ODEON**
(Adultos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
UM FILME DE ALTA CLASSE
EM CONTINUAÇÃO
DE ESTREIA
**UMA QUESTÃO
DE HONRA**
com Nicoletta Machinavelli
e Bernard Blier
UMA EXCEPCIONAL REALI-
ZAÇÃO DE LUIGI ZAMPA
— Eastmancolor —

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**A CARTA DO KREMLIN
NÃO INCOMODE**

*** SATELITE**
(Adultos) Tel. 602032
13.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy
Schneider
Situado no edifício
do Monumental

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**A CARTA DO KREMLIN
NÃO INCOMODE**

*** MONUMENTAL**
(M. 12 anos) Tel. 808233
As 15 e 21 h.
4.ª SEMANA
Peter O'Toole e Omar Sharif
LAWRENCE DA ARABIA
No ecrã gigante de 70 mm
ATENÇÃO: O filme começa a
ser exibido às 15.15 e 21.15 h.

*** SATELITE**
(Adultos) Tel. 602032
13.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Sautet
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy
Schneider
Situado no edifício
do Monumental

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**A CARTA DO KREMLIN
NÃO INCOMODE**

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**A CARTA DO KREMLIN
NÃO INCOMODE**

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**A CARTA DO KREMLIN
NÃO INCOMODE**

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**A CARTA DO KREMLIN
NÃO INCOMODE**

*** IMPÉRIO**
(Adultos) Tel. 865134/3
As 15.15 e 21.30
Um filme de Claude Sautet
**O ESTRANHO CASO
DO INSPECTOR MAX**
(Max e los ferrailliers)
com Romy Schneider, Michel
Piccoli e François Peller
Eastmancolor

*** ROMA**
(Adultos) Tel. 78778
As 15.30 e 21.45
Franco Nero e Florinda Bolkan
em
**DETECTIVE
PARTICULAR**
Um filme da mais forte tradição
dramática!
EASTMANCOLOR

*** CASINO
ESTORIL**
(M. 17 anos) Tel. 261621
As 17 e 21.30
O CEGO DESEJO
com Carol Baker, Lou Castel,
Collette Descombes e Tino
Carraro

*** CASINO
ESTORIL**
(M. 17 anos) Tel. 261621
As 17 e 21.30
O CEGO DESEJO
com Carol Baker, Lou Castel,
Collette Descombes e Tino
Carraro

*** CASINO
ESTORIL**
(M. 17 anos) Tel. 261621
As 17 e 21.30
O CEGO DESEJO
com Carol Baker, Lou Castel,
Collette Descombes e Tino
Carraro

*** CASINO
ESTORIL**
(M. 17 anos) Tel. 261621
As 17 e 21.30
O CEGO DESEJO
com Carol Baker, Lou Castel,
Collette Descombes e Tino
Carraro

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS
LAURA ALVES — As 21 e 45: «Se
as borboletas são livres» (17
anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A
Quem da Mãe» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«A Cozinha» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — As 22:
«O Fim» (17 anos).
VARIADA — As 20 e 45 e 6
28: «Quarenta quilates» (17
anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e
6 23 h.: «Cala-te boca» (17
anos).
TEATRO ACADEMIA — As 21 e
45: «O Santo e a Porca» (12
anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«Jogos de Sociedade» (17 anos).
CINEMAS
OLIMPIA — As 2: «Taurus, filho
de Afrodite» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Chuva no
Primavera» (17 anos).
JARDIM-CINEMA — As 21: «Dout-
or cuidado com elas» (17 anos).
PARIS — As 21: «5 para o in-
ferno» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «Deus per-
doa eu não» (17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Tarzan e
os inimigos da Selva» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «Matar
ou não matar» (12 anos).

● PORTO

TEATROS
RIVOLI — As 21 e 45: «O rei
está a morrer» (17 anos).

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45:

«Quarenta quilates» (17 anos).

● LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Stadium — As 21 e 30:
«Os seis invernos» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21:
«A marca do vencedor» e «Três
degraus para a morte» (17 anos).
PARADE — ROYAL-CINE — As 21:
«Angelique à conquista do cor-
tes» e «O Aventureiro de Thaitis»
(17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
21 e 30: «O cego desejo»
(17 anos). PALACIO — As 21
e 30: «Melinda» (17 anos).
ESPLANADA — As 21 e 30: «O
grande pistoleiro» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «As noites quentes de Lady
Hamilton» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «Galileu» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E
RECREIO — As 21 e 30: «Jo-
ões pinguins» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «Zita» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21: «O da do pedal»
e «A Deus de Ouros» (12 anos).
AMADORA — RECREIO DESPOR-
TIVOS — As 2 e 5: «O Senhor
das Linhas» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINEMA —
As 2 e 5: «Doutor... cuidado
com elas» e «A morte do Dre-
gão» (17 anos).

● COIMBRA

TEATROS
AVENIDA — As 20 e 30 e 6 23
e 45: «Frangos na grelha» (17
anos).
CINEMAS
GIL VICENTE — As 21 e 30: «Do-
mínio conjugal» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Quem se
mete com rapazes» (17 anos).
SOUSA BASTOS — As 21 e 30:
«Sete contra todos» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Mendes G-
mes, Calçada da Ajuda,
22 (tel. 638256) * Tapa-
do, Calçada da Tapada,
83-A (tel. 634721).
ALCANTARA — Ester
Nogueira, Rua de Alcân-
tara 5-A (tel. 637563).
ALFAMA — Cruz de
Malta, Largo Cruz de
Dentro, 36 (tel. 886261).
ALTO DE S. JOÃO —
Dalton, Avenida Mouzinho
de Albuquerque (à Propa
Pavia Couceiro), 7-A (tel.
843571).
ALVALADE — Liba, Av.
da Igreja, 4-B (tel. 71681).
* Celta, Rua Moura Gi-
rão, 3-B (tel. 710621).
AMOREIRAS — Amorei-
ras, Praça das Águas Li-
vres, 8-D (tel. 68551).
ANJOS — Antelha, Ave-
nida Amante Reis, 88-B,
(tel. 4473). * Megalhães,
Avenida Amante Reis,
4-D (tel. 49479).
ARCO DO CEGO — Pro-
vidência, Rua D. Filipe de
Vilhena, 9-C (tel. 770324).
AREIRO — Maribel, Av.
de Roma, 31-A (telefone
776235). * Lusitânia, Ave-
nida de Roma, 8-A (tel.
725443). * Chinda, Rua
Agostinho Lourenço, 6-B
(tel. 710331). * Celta, R.

Moura Girão, 3-B (telefo-
no 710621).
BAIRRO ALTO — Gon-
çalves, Rua da Rosa, 76
(tel. 262687).
**BAIRRO DA LIBERDA-
DE** — Zenel, Rua A, 82
(tel. 65840).
BAIXA — Formosinho,
Praça dos Restauradores,
18 (tel. 30927). * Ner-
mal, Rua da Prata, 220
(tel. 32342-32553).
BELÉM — Botânica, R.
da Junqueira, 38 (telefo-
no 63832).
BENFICA — Macedo, Es-
trada do Poço do Chão,
69-C (tel. 703697). * Ben-
tiliz, Estrada de Benfica,
444-A (tel. 782606). *
Cento, Estrada das La-
nheiroas, 202-B (telefone
780841).
CAMPOLIDE — Nova,
Rua de Campolide, 297-C
(tel. 687475). * Raul, Rua
Rodrigo da Fonseca, 53
(tel. 683438).
CAMPO DE OURIQUE —
Rindor, Rua Maria Pia, 514
(tel. 687949).
CAMPO DE SANTANA —
Penitenciar, Campo dos
Martires, da Pátina, 117
(tel. 533308).
CASTELO — Santa Lu-
cia, Rua da Saudade, 2-B
(tel. 869831).
CONDE BARÃO — Ago-

riens, Largo do Conde Ba-
rão, 2 (tel. 66330).
ENCARNAÇÃO — Zira,
Praça das Casas Novas,
s/n 66 (bairro da Encar-
nação) (tel. 3072).
ESTEFANIA — D. João,
Rua Acorés, 32 (tel. 52388).
ESTRADA DA DAMAIA —
Progresso, Estrada do
Damaia, 64-C (tel. 102246).
ESTRELA — Limalde, R.
Ferreira Borges, 30 (tele-
fone 660955). * Neves, R.
da Bela Vista, 35 (telefo-
no 661251).
LUMIAR — Patuleira, R.
do Lumiar, 122 (tel. 790332).
* Douro, Alameda dos
Linhares de Torres, 93-A (tel.
991131).
MADRE DE DEUS — Ma-
dre de Deus, Rua da Mar-
gem, 5-B (ao Barro de
Gomes) (tel. 382470).
OLIVAIS — Simão, Rua
Cidade de Coimbra, 6-A
(junto à piscina) (telefo-
no 3058).
PEDROUS — Higilux,
Rua de Pedrouços, 50 (te-
lefone 610280).
PENHA DE FRANÇA —
Europa, Avenida General
Rocados, 27-A (tel. 843880).
Fonseca, Rua e Carvalho
Araújo, 46-B (tel. 84708).
* Higilux, Rua Heliodo-
ro Salgado, 20-A (telefo-
no 844361). * Zema, Rua

General Justiniano Padrel,
21 (à Calçada dos Barbo-
dinhos) (tel. 832580).
PICHELEIRA — Mariz,
C. da G. da Picheleira,
40-B (tel. 720703-728395).
SANTA MARTA — Ma-
reia Sarmiento, R. de San-
ta Marta, 5-A-B (telefo-
no 46490).
S. BENTO — Miguel, R.
de S. Bento, 380 (telefo-
no 66262).
**S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA** — Berna, Ave-
nida de Berna, 44-A (telefo-
no 773568). * S. da Ban-
deira, Rua Marquês de
Bandeira, 36-42 (telefones
4196-54672). * Oliveira
Viegas, Rua do Vinheiro,
29-A (tel. 48066-55360).
● Linha de Cascais
ALGÉS — Combatentes
— Av. Camp. G. Guerra,
186 (tel. 213953).
CAXIAS — Nova — R.
Bernardino Ribeiro 1-A (Te-
le 242839).
PAÇO DE ARCOS —
Trindade Brás, R. Costa
Pinto, 86 (tel. 2432034).
OEIRAS — OEIRAS — L.
Henrique Pavia Couceiro
(tel. 2430455).
PARADE — Meco — R.
J. Elias Garcia, 60-C (Tel.
2471785).
S. PEDRO DO ESTORIL —

S. Pedro — (Tel. 263052).
ESTORIL — Marques dos
Santos — R. Ferreira, 1-A,
5 (Tel. 26016).
CASCAIS — Marginal —
Av. Marginal (Tel. 280078).
* A. Costa — R. Freitas
Reis, 24-C (Tel. 280214).
● Outra Banda
AMADORA — Melo —
P. D. João I, Lote 46 —
B. D. João I, Lote 46 —
* Central — Av. Carlos
Lopes, 25 (Tel. 93220). *
Igreja — P. da Igreja, 22-A
(Tel. 93740). * Jardim —
Av. Conde de Oeiras, Lote
X-1 (Tel. 938242).
DAMAIA — D. João V
— Av. Gurgel do Amador,
2-A (Tel. 97048).
QUELUZ — Zeller, Rua
República, 83 (Tel. 950045).
* Correia, L. do Mercado,
3 (Tel. 950905).
CACÉM — Garcia — Av.
dos Missionários, 2 (Tel.
29428).
MEM MARTINS — Qui-
mita — Estrada Mem Mar-
tins, 285 (tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA —
Valentim — (Tel. 980456).
SINTRA — Marrazes —
L. Rainha D. Amélia, 20
(Tel. 980155).
COLARES — Colares —
Abreu (Tel. 299088).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gamelo
— L. António dos Santos
Jorge, 15 (Tel. 29400).
ALHOS VEDROS — Por-
tugal — Av. da Bela Ro-
sa, 8 (tel. 224250).
ALMADA — Megalhães
— R. Capitão Leitão, 8-A
270271.
BAIXA DA BANHEIRA —
Nova Fátima — Est.
Nacional, 221-B (telefone
224141).
BARREIRO — Central —
Av. Atrada da Silva, 48
(Tel. 2273207).
COVA DA PIEDADE —
Castro Rodrigues — L. 5 de
Outubro, 62 (Tel. 27021).
MOITA — União Mo-
lense — Av. Dr. Teófilo
Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Higilux —
R. José Joaquim Marques,
142 (Tel. 230370).
SESIMBRA — Lopes, R.
Candido dos Reis, 67 (Tel.
229028).
SETUBAL — Higilux, R.
Fre. Agostinho da Cruz
(Tel. 22408). * Portugal,
R. Camilo Castelo Branco
(Tel. 23211).
SEIXAL — Godinho —
L. da Igreja 5 (Tel.
2218580).

● PORTO
Alves, R. E. do Liberto-
do, 62 (Tel. 60002). *
Alves Moreira, Av. Rodrí-
gues de Freitas, 67 (Tel.
5872). * Antiga Porta do
Olivar, Campo M. do Pa-
trão, 14 (tel. 24262).
Avenida, Av. da Boavista,
U. C. (tel. 60342). * Bar-
ros, L. da do Bonjardim,
2 (tel. 47032). * Be-
tânia, P. da Botafina, 26
(tel. 29524). * Boa Hora,
R. da Boa Hora, 80 (Tel.
28753). * Campo, P.
da República, 18 (Tel.
e 2516). * Couto, L.
de Domingos, 06 (Tel.
2953). * Estácio, Rua de
da da Bandeira, 20 (Te-
lefone 22664). * Menezes
de Lima, P. Dr. Pedro I
Pereira, 227 (Tel. 51764).
* Nau Vitória, Rua Nov.
Vitória, 123 (Tel. 490427).
* Silva Pereira, Rua Cos-
ta Cabral, 293 (Tel. 4076).
* Foz, Rua Senhora do
Luz, 382-Foz (Tel. 680727).

● COIMBRA

M. Nazaré — Avenida
João das Regras (tel. 22033).
* Figueiredo — Rua do
Sofia (tel. 22337). * Correia
— Rua Visconde da Luz

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

• SITUACÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado; o vento era fraco e calm aguçados em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima Alvalade, 19,8; mínima: Penhas da Saúde, 3,5.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 17; Coimbra, 5; Portalegre, 9; Lisboa, Faro e Funchal, 6.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 6,7; na água do mar: 15,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado; vento fraco; aguaceiros; possibilidade de trovoadas durante a tarde.

Amãhã
Nascer às 6 e 20
Ocaso às 20 e 46

DIAS 24 DIA 1 DIA 9 DIA 16

MARES:

PREIA-MAR: Hoje — 0 e 28 (3,7 m); 12 e 59 (3,6 m); Dia 21 — 11 e 19 (3,8 m); 13 e 51 (3,8 m); Dia 22 — 2 e 14 (3,9 m); 4 e 44 (4 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 6 e 11 (1,2 m); 18 e 38 (1,3 m); Dia 21 — 6 e 56 (1 m); 19 e 21 (1 m); Dia 22 — 7 e 48 (0,9 m); 20 e 15 (0,9 m).

APREENSÃO DE RELÓGIOS

No seguimento de diligências iniciadas há já algum tempo, a Guarda Fiscal efectuou, no dia 19 do corrente, num estabelecimento e armazém da Avenida de Roma, em Lisboa, uma apreensão de cerca de 2200 relógios, no valor aproximado de 440 000\$00.

Os relógios encontravam-se em contravenção das leis e regulamentos fiscais.

MODELOS: 1300-1600-2000 E O FAMOSO 1600 G. T.

STAND MODERNO

CONCESSIONARIOS



Rua João Saraiva, 15 (Alvalade) — LISBOA
Telef. 71 10 65 (10 linhas)

Salão de Exposição:
Avenida Fontes Pereira de Melo, 15-A

Conduza uma super-estrela — o novo **FORD CORTINA**

A eleição da «Princesa das Teen-Agers»

(Continuação da 1.ª página)

A repercussão do concurso de 1970 e, muito principalmente, o nível de que o mesmo se revestiu reunindo um grupo de jovens cujos atributos intelectuais podem considerar-se verdadeiramente expressivos da nova geração, explica o entusiasmo com que a notícia foi recebida entre as nossas leitoras mais jovens, interessadas em participar numa iniciativa que além de lhes proporcionar um agradável convívio com «teen-agers» de outros países, pode ainda dar-lhes valiosos prémios, pois a vencedora terá,

como candidata ao título mundial, todas as possibilidades de realizar as viagens a que esse título habilita.

Esperávamos poder divulgar já hoje o texto integral do Regulamento para a eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» mas, a necessidade de acertar algumas datas e alguns detalhes, obrigaram-nos a adiar para amanhã a sua publicação.

Entretanto podemos desde já explicar que, basicamente, podem participar na eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» todas as jovens solteiras de nacionalidade portuguesa, que ainda não te-

nham completado 19 anos à data da realização da referida eleição.

Convém esclarecer que o concurso para eleição da «Princesa das Teen-Agers» não tem qualquer objectivo de natureza comercial e que não se trata apenas de um concurso de beleza. A apre-

ciação das candidatas basear-se-á nos predicados verdadeiramente representativos da juventude, contando com maior coeficiente a cultura geral, intelecto, apresentação, personalidade, etc. No conjunto dos valores estéticos, frescura e juventude são atributos essenciais.

ROMAGEM AO TÚMULO DE RAUL PROENÇA FALECIDO HÁ TRINTA ANOS

Há trinta anos que morreu Raul Proença. Polemista temível, defensor das ideias democráticas e da República, por ambas se bateu com a pena e de armas na mão. No assalto a Monsanto na Monarquia do Norte e anos depois, Raul Proença não foi apenas o teórico, o escritor. Foi o cidadão vibrante que expõe a vida em pro das ideias que defende.

magem ao seu túmulo, no cemitério do Alto de S. João, concentrando-se ali, às 11 horas, muitos dos seus companheiros da «Seara Nova» e das lutas políticas. Outros não o conheceram, mas admiram-lhe a obra e lhe seguem o exemplo.

«DIA DA ESPIGA»

É hoje Quinta-feira da Ascensão, mais conhecida por «Dia da Espiga». Simultaneamente data do calendário litúrgico e rememoração pagã, foi noutros tempos pretexto para festas de belo sabor campestre, onde, nomeadamente, se apanhavam espigas. Reminiscência dessa tradição, ainda hoje, em diversos locais da cidade, se venderam flores e rebentos.

Um dos fundadores da «Seara Nova», nas páginas da revista se acha documentada a sua cultura, a senção e firmeza de carácter. Funcionário da Biblioteca Nacional, ali se tornou exemplar a sua obra de bibliófilo e bibliotecário, autor de regras de catalogação modelares.

Depois de 1927 conheceu o exílio e a doença o prostrou, deixando os seus em condições difíceis. Tudo sacrificara à cidadania ao seu espírito de homem livre.

Lembrando a data da sua morte, efectuou-se uma ro-

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS
17012 — 4 200 000\$
20176 — 420 000\$
23131 — 240 000\$

APROXIMAÇÃO AO 1.º PRÉMIO
17011 — 12 870\$
17013 — 12 870\$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS
7182 8647 10089 13089 14106
15985 16515 18015 21518 22292
23264 28989 29166 29633 34066
34565 36076 36204 38660 39978
41021 41112 41173 41373 41438
42751 43487 44640 45035 45802
46981 48401

PRÉMIOS DE 480\$00 (Centenas)
17001 a 17100: 20101 a 20200 e 23101 a 23200

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 022 são premiados com 1260\$00; os terminados em 114, 294, 375, 403 e 525, são premiados com 960\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 42, são premiados com 900\$00 e os terminados em 28 ou 63, com 600\$00. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 2, têm direito ao prémio de 300\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Sociedade Histórica da Independência

No salão nobre do Palácio da Independência, e por iniciativa da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, o sr. Eurico Gama faz, amanhã, às 18 e 30, uma conferência sobre «Vitorino de Almada, cronista-mor de Elvas».

Europeta

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
31, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

DEPOIS DO ÉXITO DA SEMANA ANTERIOR MAIS UM PRÉMIO GRANDE

23.131 — 3.º PRÉMIO — 240 CONTOS
PARA OS 16 MILHÕES DO SANTO ANTÓNIO

BILHETES A 2000\$00, DÉCIMOS A 200\$00, DESDE JÁ A VENDA NA

CASA DA SORTE

A CASA PREFERIDA PELA SORTE E PELO PÚBLICO

CURRITO RIVERA
O FENÓMENO MEXICANO TRIUNFADOR DE ESPANHA • ESTREIA EM PORTUGAL

JOSE FALCÃO
o «diestro» português de maior projecção internacional
Cavaleiros **MANUEL CONDE SOMMER DE ANDRADE**
Forçados Amadores de Montemor comandados por Antonio Jose Kuzarte

CAMPO PERDIDO

Domingo, 23 de Maio às 17,45 horas

Teka
LAVA-LOUÇA-FOGÃO ELÉCTRICOS OU A GÁS

Teka Hergóm
FABRICADO POR
Representante **ANSELMO SANTOS**
AVEIRO-APARTADO 130 LISBOA-R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAIS

DAS POLÉMICAS, AQUI, se diga algo: que as não provocamos mas que igualmente nos não furtamos a dar-lhes guarida, numa linha de respeito por ideias e posições não forçosamente coincidentes com as nossas. Mais: que ao silêncio cúmplice ou à estagnação rotineira, preferimos a INCOMODIDADE de albergar o debate e o RISCO de, por tal e tanto, poder a nossa atitude prestar-se a interpretações nem sempre benévolas e nem sempre isentas. Mais ainda: que bem pesadas as vantagens e desvantagens de uma tal política, somos, SERENAMENTE, pela sua continuidade, mantendo-nos (como nos compete) imparciais ante as posições polémicas em confronto. Saiba o leitor avisado extrair as sínteses necessárias, como peça inte-

grante que é do processo cultural. Saibam os polemican-tes merecer a atenção e o respeito dos leitores avisados. Saibam os partidários dos paninhos quentes que o diálogo, contundente que seja, é sempre INTERVENTIVO e RESPON-SABILIZA sempre. Saibam os adeptos do escândalo-pelo-escândalo compreender qual o exacto sentido da nossa actuação — que não é o do fomento de querelas, nem uma exploração oportunística e espertalhona das solicitações de uma leitura rasteira e acritica. Esclareça-se, de vez, o seguinte: se aqui não tomamos uma atitude «policia» (o que não poucos demonstram pretender, para nossa cons-tante surpresa) é porque acreditamos ser necessária a circulação das ideias, esta dinâmica positiva.

Sartre e Flaubert (desenho de Tim):
alteração com um mestre



SUPLEMENTO LITERÁRIO

663 ■ 20 MAIO ■ 1971

SARTRE APRESENTA O "SEU" FLAUBERT

“O IDIOTA DA FAMÍLIA”

AGUARDADO há cinco anos (foi no Outono de 1966 que a revista «Les Temps Modernes» publicou dois capítulos da obra), o livro que Sartre consagrou a Flaubert surgiu finalmente no passado dia 12. Título provocante: «O Idiota da Família»; dimensões gigantescas: dois volumes que totalizam mais de duas mil páginas. E trata-se apenas de um começo. A última página anuncia-nos uma continuação necessária para compreender o «mal de Flaubert»: um estudo da França burguesa de Louis Philippe e do «movimento artístico em 1850» (dado que, segundo Sartre, «esta nevrose é histórica e social») e uma releitura de «Madame Bovary». Porém, quantos tomos ainda?

Tais dimensões, a importância que Sartre confere a esta alteração com um mestre (no entanto muito afastado dele), a ruptura de um silêncio literário que dura desde 1964 («Les Mots») fazem da publicação de «L'Idiot de la famille» um acontecimento. Eis o prefácio do livro:

«O IDIOTA DA FAMÍLIA» é o seguimento da «Questão de método». Assunto: que se pode hoje saber de um homem? Pareceu-me que só se poderia responder a tal questão pelo estudo de um caso concreto: que sabemos nós, por exemplo, de Gustave Flaubert? O que resulta em «totalizar» as informações de que dispomos sobre ele. Nada prova, à partida, que esta totalização seja «possível» e que a verdade duma pessoa não seja plural; os dados informativos são muito diferentes «de natureza»: nasceu em Dezembro de 1821, em Rouen — eis um deles; muito mais tarde, escreve à amante: «A arte aterroriza-me» — eis outro. O primeiro é um facto objectivo e social confirmado por documentos oficiais; o segundo, igualmente objectivo se nos cingirmos à coisa dita, remete-nos, pela sua significação, a um sentimento vivo — e nós nada decidiremos sobre o sentido e o alcance desse sentimento que não teria-

mos estabelecido se Gustave não fosse sincero, em geral, e particularmente naquela circunstância. Não correremos o risco de chegar a tipos de significações heterogêneas e irreduzíveis? Este livro tenta provar que a irreduzibilidade é apenas aparente e que cada informação, posta no seu lugar, se torna na porção de um todo que incessantemente se faz e, ao mesmo tempo, revela a sua homogeneidade com todas as outras.

É que um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamá-lo um «universal singular»: totalizado e, por isso mesmo, universalizado pela sua época, ele retotaliza-a, reproduzindo-se nela como singularidade. Universal pela universalidade da história humana, singular pela singularidade universalizante dos seus projectos, ele exige ser estudado simultaneamente pelos dois aspectos.

Será necessário encontrarmos um método apropriado. Já indiquei os res-

pectivos princípios em 1958 e não repetirei o que disse: pretiro mostrar, sempre que for caso disso, como ele se «faz» no próprio trabalho para obedecer às exigências do seu objecto.

Uma última palavra: porque Flaubert? Por três razões. A primeira, de todo pessoal, já há muito tempo que nada representa, ainda que esteja na origem da escolha: em 1943, lendo a sua «Correspondência» na má edição Charpentier, tive o sentimento dumas contas a ajustar com ele e de que devia, em vistas disso, conhecê-lo melhor. Posteriormente, a minha antipatia inicial transformou-se em «empatia», única atitude requerida para compreender. Por outro lado ele objectivou-se nos seus livros. Qualquer pessoa vos dirá: Gustave Flaubert é o autor de «Madame Bovary». Qual será então a ligação do homem com a obra? Até agora, eu nunca o disse. Nem ninguém, que eu tenha conhecimento. Veremos que ela é dupla: «Ma-

dame Bovary» é de rota e vitória; o homem que se retrata na derrota não é o mesmo que ela requer na vitória; é preciso compreender o que isto significa.

Finalmente, as suas primeiras obras e a correspondência (treze volumes publicados) aparecem, vê-lo-

mos, como a confidência mais estranha e mais facilmente decifrável: dir-se-ia estarmos a ouvir um nevrosado falando «ao acaso» no divã do psicanalista. Julguei que seria permitido, para esta difícil tarefa, escolher um assunto fácil, que se entrega facilmente e sem

o saber. Acrescento que Flaubert, criador do romance «moderno», se encontra na encruzilhada de todos os problemas literários de hoje.

Agora, é preciso começar. Como? Por onde? Isso importa pouco: entra-se num morto como num moínho. O essencial é partir de um problema. Aquele que escolhi, fala-se normalmente pouco dele. No entanto, vejamos esta passagem de uma carta a Mlle. Leroyer de Chantepie: «É a força de trabalho que chego a fazer calar a minha melancolia natural. Mas o velho fundo reaparece muitas vezes, o velho fundo que ninguém conhece, a chaga profunda sempre escondida» (Croisset, 6 de Outubro de 1864). O que quer isto dizer? Uma chaga pode ser natural? De toda a maneira, Flaubert remete-nos à sua proto-história. O que é preciso tentar saber é a origem desta chaga «sempre escondida» e que remonta em todo o caso à sua primeira infância. Isto não será, estou em crer, um mau ponto de partida.

Jean-Paul Sartre



Flaubert dissecando Madame Bovary (charge de Lannet, 1869)



DOIS ROMANCISTAS AMERICANOS

PHILIP ROTH

JOHN UPDIKE

Por Pierre Dommergues

QUANDO, em 1959, surge *Goodbye Columbus*, a «intelligentia» nova iorquina aclama Philip Roth que, antes de qualquer outro, limita os contornos da nova ética judia americana situada a igual distancia entre a «estrita ortodoxia» e o chauvinismo hebraico: o judeu é homem e, como todos os homens, pode acontecer-lhe cometer adultério. Os romances seguintes não são tão bem acolhidos; mas com o *Complexo de Portnoy* (1969), imediatamente traduzido em numerosos países, Roth atinge a massa de publico que pretendia. A carreira de John Updike é espantosamente semelhante: após o sucesso de *Corre, Coelho* (1960) que especifica, desta vez, as normas da ética protestante (Updike é luterano) e depois de uma intensa fase de produção (romances, novelas, poemas e ensaios autobiográficos) apreciados sobretudo pelos «conhecedores», Updike atinge em 1968 a celebridade internacional (obega a aparecer na capa da «Ti-

mes») com a publicação de *Casais*. O sucesso desta obra (a ecologia do casal moderno), como o de *Portnoy* (a descrição rabelaisiana da infância e da adolescência judias) é em grande parte devido a uma forma de demagogia sexual que não sabe mais mascarar o risível das situações e das palavras.

Quando ela era gentil foi publicado nos Estados Unidos em 1967. Por essa altura, Roth é ainda capaz de uma certa discreção; demonstra mesmo capacidades imaginativas: renunciando ao «décor» sofisticado de Nova Iorque, instala os seus personagens no Middle West «selvagem» (de facto, uma típica cidadezinha de província); nenhum deles é judeu; e, pela primeira vez, conjuga no feminino o seu personagem principal. Lucy tem ideias precisas: sabe distinguir o Bem do Mal; conhece as Tábuas da Lei; descobre que estes valores não são respeitados; tudo isto é intolerável para ela. Lucy quer mudar os homens; pretende salvar o mundo. Para tal, sempre que o julga útil, enverga a armadura, monta no cavalo e, armada do seu gládio, parte para o combate: seu pai (um alcoólico preguiçoso mas cheio de boas intenções) não corresponde à imagem que ela tem do homem responsável — então, se bem que na altura ela seja uma moça bastante jovem, não hesita em prevenir a polícia para que ele seja posto à sombra.

Joana d'Arc dos tempos modernos, Lucy detecta à distância os Cauchons (bis-

pos) de toda a espécie: advogados, juizes, professores. Aos dezassete anos, oferecem-se-lhe duas possibilidades: ou sublimar o seu ideal de perfeição e tornar-se freira (flirta um momento com o catolicismo, que lhe permitiria dar livre curso ao seu espírito de cruzada), ou



Philip Roth

então realizar na terra a vontade de transformar os homens. Grávida contra sua vontade, é levada a escolher a segunda solução e casa com um mediocre perfeitamente plácido, um americano médio, inofensivo, que ela tenta melhorar. Finalmente, submersa pelo meio ambiente, Lucy-a-intransigente torna-se Lucy-a-desvairada e depois Lucy-a-louca; transforma-se num monstro contra o qual todos se encarniçam justamente. No seguimento de uma cena que dura mais de cinquenta páginas, Lucy foge para a neve. Dois dias mais tarde, encontram o seu cadáver enterrado no gelo. Tal é a sorte de Joana em terra de Cauchons.

A OBRA MOLE

A situação é fascinante; contudo, o leitor fica insatisfeito — será que se tornou insensível à violência (difícil de ultrapassar, neste domínio, após o *Quem tem medo de Virginia Woolf*)? Talvez fique também desiludido pelo autor que pára a meio-caminho: no fim de contas, porque é que Lucy falha? E porque insiste em transformar o mundo?

Em parte, porque teve a coragem de aplicar até ao fim os princípios que lhe inculcaram: bate-se contra

o pai e o marido em nome duma concepção de virilidade que não foi ela a inventar, que partilha com os outros mas que os outros não tentam concretizar. De facto, é toda uma cultura que está em processo. É isto que atormenta Roth, que prefere deixar planar a ambiguidade: demasiado lúcido para iludir o problema, é também demasiado burguês para lhe descobrir as raízes. A sua obra, é mole; é o produto de um conservador latente que não ousa afirmar-se e que se crê obrigado a «arranhar» a sociedade em que vive.



John Updike

A posição de John Updike é muito semelhante nas *Quatro faces de uma história*, que agrupa vinte contos escritos no decorrer dos últimos dez anos. Aqui, Joana d'Arc toma a forma de um «eremita» (aliás, o título do último conto): oprimido pela hipocrisia familiar, Stanley abandona os irmãos (um professor primário e um empreiteiro); instala-se numa casa em ruínas escondida numa floresta tornada

selvagem; todas as manhãs mergulha num ribeiro de onde sai rebrilhante, depois caminha ao sol para secar-se. As raras pessoas que o visitam assustam-se pelo seu novo modo de vida; certo dia, um rapazinho vê-o nu na floresta; põe-se então a fugir, perseguido pelo eremita. Alguns dias mais tarde, aproxima-se da casa uma delegação conduzida pelos dois irmãos que acompanham o rapazinho e um homem de fato cinzento. Trata-se de um médico sanitário. Avançam todos rapidamente para ele; ouvem-se golpes surdos, um corpo a cair e, mal reprimido, um grito.

A VOZ DA AMÉRICA SILENCIOSA

Reconhece-se o esquema fundamental do romance liberal americano: diante do que já Huck Finn chamava de «civilização», o herói revolta-se; mas, demasiado tímido para conduzir um combate que poderia derrubar todos os valores (incluindo os seus), o personagem refugia-se na loucura, na regressão infantilista e no primitivismo. Ou ainda — e é o caso do personagem de Updike — procura uma solução no plano da imaginação, da ficção e da música.

Para além das divergências religiosas e das diferenças de escrita (Roth é pesado e geométrico, Updike delicado até ao maneirismo), é a mesma voz que fala nos dois autores, a voz da América silenciosa, a voz da classe média em busca de civilização. Por vezes, esta maioria tranquila é tomada de náusea ante o edifício



cultural que ela contribui para perpetuar; prepara-se então para algumas revisões reformistas. Um pouco de lucidez, muito humor, uma enorme sensibilidade permitem uma vez mais atingir-se o fim em vista. O sofrimento não é prova da existência do homem? E depois há ainda o eu, o querido *euzinho* que todas as manhãs se mira no espelho (num gesto de rebelião, o eremita de Updike quebra-o em mil pedaços!) e todas as semanas consulta o psiquiatra. Finalmente, existe a esperança, a possibilidade duma «vida nova», o Oeste — o alibi eternamente presente: amanhã o pai de Lucy retomará o trabalho; amanhã o seu marido partirá à conquista da Lua, porque é que não deveria tornar-se astronauta?



«INQUISIÇÃO E CRISTÃOS NOVOS»

Por absoluta falta de espaço, só na próxima semana poderemos começar a publicar a resenha de António José Saraiva às questões abordadas polémica e prof. I. S. Révah na entrevista que nos concedeu.

SOCIOLOGIA GERAL

GUY ROCHER

obra completa em 5 volumes
quatro volumes já publicados

1.º VOL. O objecto de estudo da sociologia. A Socialização. Determinismo e liberdade. Max Weber. Talcott. Parsons. Emile Durkheim. Cultura e ideologia. A noção marxista de ideologia.

2.º VOL. Sociologia, cultura, personalidade. Freud. As técnicas de comunicação de massas. Augusto Comte. Marx e Engels. As relações de produção. A sociedade capitalista burguesa.

3.º VOL. Sociedade industrial e sociedade post-industrial. Movimentos sociais e participação. Agitação e contestação. Estrutura e estruturalismo. Da linguística à antropologia.

4.º VOL. Transformação social e acção histórica. Advento do Terceiro Mundo. Crises nas sociedades avançadas. A revolução tecnológica. As ideologias. Conflitos e contradições. Análise crítica de Marx.

5.º VOL. As Elites. Movimentos sociais e grupos de pressão. Industrialização, desenvolvimento, modernização. As diferentes formas de subdesenvolvimento. O modelo do Sudeste Asiático. O modelo latino-americano.

Pega sem compromisso o nosso Catálogo

EDITORIAL PRESENÇA

Rua Augusto Gil, n.º 2-cv., esq. — Tel. 76 69 12 — LISBOA

ARROZ
agulha

«MOÇAMBIQUE»

ARROZ

«TREVO»

Especiarias

«TREVO»

3 produtos procurados
de alto renome

Distribuidores:

A. D. Oliveira
Magalhães

EXPORT — PORTO

DIALOGO IMAGINÁRIO (INGÉNUO E RÁPIDO) DO ENTREVISTADOR COM O AUTOR



Júlio Moreira: sem explicação

UMA APROXIMAÇÃO à leitura (ao entendimento) de «O Insecto Perfeito», novela de Júlio Moreira agora dada à estampa pela Bertrand, é-nos fornecida pelo próprio autor na badana do livro. O documento é curioso e justifica transcrição. A obra, essa fia mais fino...

E. — Li o seu livro e não entendi nada. Onde quer o senhor chegar?

A. — A sua questão é bem razoável. Por um lado, não quero chegar a lado algum e, por outro, nem sempre seria capaz de explicar o que escrevi.

E. — Mas então porque escreve? E sobretudo porque publica?

A. — Porque escrevo é questão pessoal. Publico por necessidade de comunicação.

E. — Qual comunicação se ninguém entende nada?

A. — É uma grande responsabilidade responder à sua pergunta. É a própria validade da literatura que está a pôr em causa.

E. — ?

A. — Não se espante. Será o plano de comunicação da literatura o mesmo da linguagem?

Linguagem e literatura não são a mesma coisa.

E. — Não são a mesma coisa? A literatura é um domínio particular da linguagem. Não há literatura sem linguagem.

A. — Dum ponto de vista linguístico é óbvio. Não dum ponto de vista semântico.

E. — Como assim?

A. — A literatura começa exactamente onde a capacidade de comunicação da linguagem se esgota. E a estrutura lógico-gramatical do discurso esgota-se exactamente no limite onde o social dá lugar ao humano.

E. — ?

A. — Quer dizer que a linguagem preenche o domínio da comunicação objectiva; a literatura procura comunicar o (provisoriamente) incomunicável...

E. — Nesse caso, quanto mais absurdo mais verdadeiro...

A. — Tem toda a razão. E também quanto mais verdadeiro mais absurdo. Porque verdadeiro é ainda o que pertence ao domínio da linguagem. No domínio da literatura temos de pensar em termos do real.

UMA CARTA DE ERNESTO DE SOUSA

CRÍTICA OU RECUSA

Meu Caro Rocha de Sousa

A PROPÓSITO da «Intervenção» que diz Você «levaram a cabo» na Galeria Quadrante os operadores estéticos do Porto, Alberto Carneiro, João Machado e Zulmiro de Carvalho, lê-se na sua crítica a palavra-chave: a palavra solena e tremenda que põe tantas vezes em risco os alicerces mesmo da Nação: provincianismo. Que aquilo é provincianismo, que não se faz e Você, meu — em alguma coisa confrade (será na A. I. C. A.?) até diz o que é que o artista deve fazer, e interessar-se e tudo o mais, e tudo. Assim as coisas parecem fáceis os críticos dizem quais são os devidos e correctos interesses e fazeres dos artistas, os artistas que leram a longa e sinuosa prosa, longa, longa: erculam. E, na pior das hipóteses, ao menos valha-nos isso, já não se lhes chama provincianos... mesmo que sejam do Porto ou alhures. Porque isto de provinciano é o que ninguém quer ser, um verdadeiro auto-de-fé a evitar.

Mas vejamos, amigo. Embora Você às vezes se horrorize com o ser-crítico, a verdade é que deontológica e sistematicamente o é... Portanto vai às exposições, às mais que pode e procura lê-las correctamente. Pelo

menos E é evidente que não fica por aí... por muito impressionista que (mau grado seu!) seja a sua «intervenção». Ora para já, para esta vez, parece evidente que Você nem leu ou leu mal a referida «intervenção», a dos três do oPrto. E isto é evidente porque? Primeiro: Você leu a intervenção em conjunto, quando ela consiste em três actos rigorosamente separados, correspondentes a três paredes, a três diversos e declaradamente distintos propósitos intervencionistas. Segundo: consistindo uma das paredes apenas numa colagem de jornais, e num «grafitis» de vaga leitura, Você parece não ter verificado que a quase totalidade de acenos, frases, papéis escritos, e máquin e desenhos insultuosos ou semi-obscenos foram lá pregados depois, por espectadores («todo o espectador é um cobarde e um traidor») porventura caídos esses também num logro de grande alcance sociológico. No entanto, nem todas as frases escritas na aquela parede subitamente reveladora são tão tolas como isso (e aquilo)...

...ora, Você não chegou a ler, ou leu apressadamente. Desculpe não é para ofender, uma distração acontece a qualquer. Mas talvez concorde comigo no seguinte: que Você vá todas as sema-

nas, por sistema, classificando as obras e os artistas (ou coisa assim vulgarmente nomeada) num muito seu sistema de valores, é lá consigo, com o jornal onde escreve, com quem o lê... (Eu — quando o tempo sobra, e às vezes até gosto, porque gostos não se discutem). Sobretudo Você lá sabe para que é que isso serve: prémios a este palmatoado daquele, às vezes as duas coisas com uma habilidade de se lhe tirar o chapéu. Bom, que vá e diga e classifique, Lineu-das-artes, e valente, pontual. Mas, amigavelmente sempre vamos agora estar de acordo primeiro tem que ver, tem que ler. E minimamente, informar-se dos passados e dos futuros pro-



postos. Cá ou lá fora. Porque já reparou que esta coisa das províncias toca a todos? Olhe lá a sua volta, faça 'aror', e depois diga-me.

Esta vai, longa e desalviada, mas se dá licença — e é por causa dos coitados dos leitores — ainda lhe digo o que parece que poderia ter sido fácil ver, só ao meio dia.

Três intervenções. Diferentes, distintas e só conjunturalmente reunidas. Primeiro, a conjuntura. Diríamos que é uma boa conjuntura, porque tende à estrutura. São as três paredes de um teatro (a quarta somos nós, é um velho problema cénico, como sabe): a da esquerda e a da direita (colê cour, colê jardim) correspondem a operadores ou artistas (como queira, como queiram eles) que se têm interessado pela construção ou reconstrução dos espaços. Os plásticos que Você trata tão desprezivelmente são um material em si mesmo tão nobre como o forro ou as madeiras que já conhecíamos doutras exposições ou peças isoladas de Zulmiro e Machado. E aí Você enganou-se outra vez, meu Caro, não há nenhuma provocação à vista nem programada: trata-se apenas de uma intervenção mínima, de um bom outro programa, outra atitude, que pode até



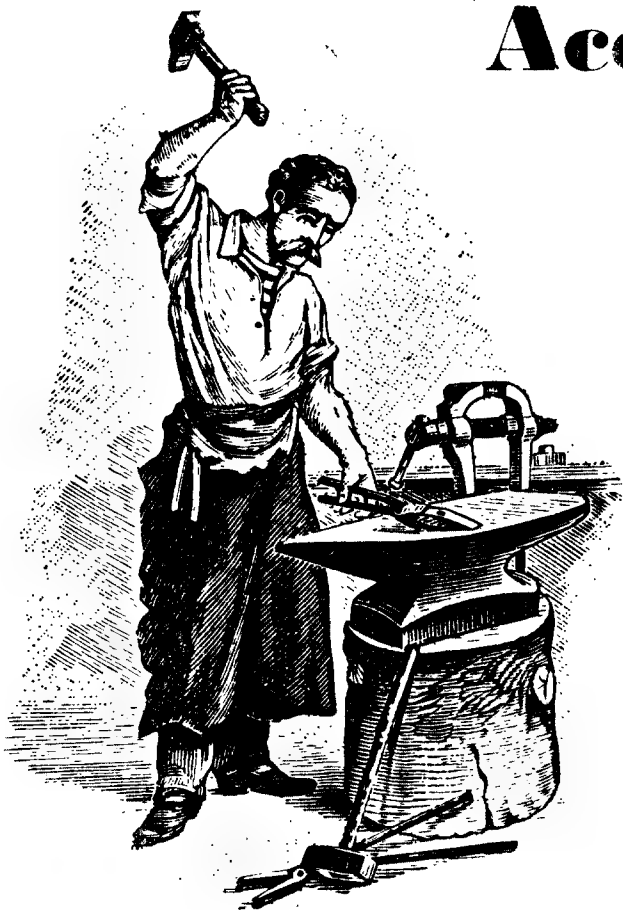
incluir algumas preocupações metafísicas (que é lá com eles, os respectivos autores). Ou Você acha que uma bela folha de plástico preto descendo suavemente desde a cimalha para o rés-do-chão, sugerência de assíntota e declarada «uma porção da grande curvatura», lá porque não tem o material e a durabilidade (!!) das pirâmides do Egipto, não merece mesmo respeito nenhum? Porque não medita no explosivo encontro do efêmero (material e postura frágil) com o eterno (ou assim aludido: a grande curvatura). Tenho a impressão que dava pano para a página e meia do Kultura. Mas continuemos na conjuntura: ao fundo, uma parede forrada de jor-

nais, um saco (de lixo?), a mesa de trabalho, a máquina de escrever e um volume de «Comunicações», do Alberto Carneiro, o qual volume consiste numa paginação de recortes-quaisquer de jornais. Você agora falará de provocação, impacto banal, panfletário agressivo, e outras coisas (que aquilo era falar para surdos e cegos... e que nem sempre terá deixado de ser, lá isso...) Aqui Você não viu, ou não quis ver o principal: que a máquina de escrever e a parede, ofendida, suja, eram um convite discreto à ofensa, ou a outras manifestações, claro. E que o convite não foi em vão. Trata-se pois de um pro-vocação,

Cont. na pág 7

Acertar na cabeça do prego, eis a questão

Por Rocha de Sousa



um esforço de atenção constante, uma disciplina, até uma crença. A intervenção que parece escapar a esse comportamento mas que nele afinal se estrutura, os actos aparentemente isolados mas decisivos, a convicção dos que verdadeiramente se sacrificam às exigências éticas do seu próprio trabalho — tudo isso leva a sério e só isso de facto me esclarece e compromete. Lastimo portanto não poder colaborar directamente no jogo da carta de Ernesto de Sousa, levando a sério os antecedentes que a justificariam e alguns dos objectivos evocados («coitados dos leitores» do «Diário de Lisboa») — ou considerando o tom irónico de lição com que sou brindado, para que eu saiba quem de facto é culto, informado e lúcido, quem de facto sabe ler e ver cientificamente, sem impressionismos.

Sou acusado indirectamente de não saber ler, ou ver, e de não remunciar a minha informação sobre «os passados e os futuros propostos, cá e lá fora». Sou acusado de classificar os artistas e as obras segundo um sistema de valores muito meu e de dizer aos «operadores estéticos» o que devem fazer. Entre outras coisas menores, mas que de igual modo desvendam a minha capacidade nestas matérias, sou ainda acusado de ter visto apressadamente, ou de não ter entendido, a «intervenção» levada a cabo na Galeria Quadrante — intervenção equivocamente

ligada a um circuito institucionalizado de distribuição da arte.

Não me passa pela cabeça tecer tão grande número de acusações ao crítico Ernesto de Sousa, nem pôr em causa a sua habitual clarividência, a sua valentia ou a sua pontualidade (uma pontualidade «histórica» e não semanal), mas tenho de reconhecer que ele não «chegou a ler, ou leu apressadamente», (que ele me desculpe, «não é para ofender, uma distração acontece a qualquer») a parte significativa das minhas intervenções neste Suplemento, ao longo dos últimos anos. Bem sei que o Ernesto de Sousa (segundo as suas próprias palavras) não tem muito tempo de sobra, às vezes até gosta e os gostos não se discutem — mas é isso justamente que conduz a juízos apressados e a «habilidade(s) de se lhe(s) tirar o chapéu». É que o leitor que pretende interiorizar-se, a sério, sobre um comportamento crítico, também tem de ser pontual e a pontualidade não parece ser o forte do cineasta Ernesto de Sousa. Não faço muita questão nesse aspecto — o Ernesto de Sousa tem lá um sistema de valores muito seu, é lá com ele, com as pessoas para quem ele produz ou que o lêem. Mas faço questão de referir que os seus juízos não decorrem, quanto ao meu trabalho crítico no «Diário de Lisboa», de uma análise atenta e isenta, baseada em leituras (as mais que pudesse) de um

comportamento que excede o limite semanal de um só artigo. Se assim procedesse, o animador Ernesto de Sousa talvez acabasse por reconhecer, com a seriedade que o caracteriza, que eu sempre me situei contra os críticos que procuram impor um comportamento criativo aos artistas, dizendo o que devem fazer e como; que eu sempre procurei, por isso mes-

mo, não me confundir com a crítica das «palmatoadas» e dos «prémios»; que sempre me aceitei como crítico (ao contrário do horror de ser-crítico de que sou acusado) mas na base em que o artista o pode ser legitimamente e às vezes com vantagem; que sempre sublinhei as atitudes de intervenção, a de-

Cont. na pág 7

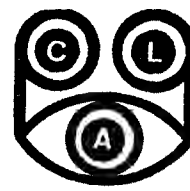
ERNESTO DE SOUSA (que não sabe em que coisa é meu confrade) dirigiu-me uma carta, publicada neste jornal, a propósito da nota que escrevi sobre a «intervenção» dos artistas Alberto Carneiro, João Machado e Zulmiro de Carvalho. Talvez eu saiba em que coisas não sou confrade de Ernesto de Sousa e há pelo menos outras em que não lhe reconheço a competência que ele julga ter, no conjunto de actividades ou acções a que dedica a sua generosidade de animador-kultural. A carta de Ernesto de Sousa, fazendo a cari-

catura apressada e premeditada de posições críticas que indevidamente me são atribuídas, promovendo-se a um efeito de rua de êxito sempre certo, termina com um aviso cheio de certeza e determinação, para eu levar a sério e tomar nota. Tomei nota mas não levo a sério, pelo menos no sentido eventualmente imaginado por Ernesto de Sousa. Para mim, o que é sério, ou a sério, tem que ver com um trabalho cuidadoso, longo, assíduo, persistente e sistemático, que terá os seus erros também, mas que pressupõe

QUAL SORTE?!



Não foi a sorte que promoveu o seu colega Esteves... Porque não faz como ele? Prepare-se para a vida. Abra os olhos (e os ouvidos e a boca) para o mundo à sua volta, o seu mundo. Aprenda línguas!



CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS

Praça Luis de Camões, 36-3.º. Esq. LISBOA — Chiado — Tel. 3 49 88

O bom senso, o bom gosto e o profissionalismo ao serviço da sua educação linguística

algumas notas sobre o espectáculo manuel joão gomes (2)

CARLOS PORTO CONTRA - ATACA

«A minha intenção não consiste em provar que tive razão até agora, mas em verificar se tive razão».

BERTOLD BRECHT

UM DOS EQUIVOCOS em que assenta o tortuoso raciocínio de Manuel João Gomes provém do facto do grito «o rei vai nu» (que lança aos quatro ventos) não ter nada a ver com a situação da crítica de teatro em Portugal.

É claro que o que há de negativo na história de Andersen não é o facto do rei ir nu, mas o facto de estar convencido que leva um maravilhoso tecido que cobre a sua nudez. Seria, evidentemente, tolo pensar que os críticos portugueses não têm o mínimo de lucidez para se aperceberem da curteza da tanga que (n)os cobre.

O importante seria estudar as causas múltiplas que explicam a situação do teatro em Portugal na sua totalidade: autores, intérpretes, técnicos, público, crítica.

M. J. G. pensou que bastaria o grito aparentemente subversivo para clarificar as coisas, para as tornar remediáveis. M. J. G. esqueceu-se de olhar para si próprio.

A CRÍTICA COMO LINGUAGEM

Ai está (finalmente!) um ponto em que M. J. G. acerta. As suas críticas, aliás, fazem lembrar-me um jogo de tiro ao alvo. Em 10 disparos, 9 parecem feitas às escuras — o 10.º acerta.

O tema: adjetivos. M. J. G. acusa os críticos de excesso de adjetivação. O adjetivo é cómodo, facilita, literatiza, abusa-se dele — é exacto. Recordo que essa facilitação se explica, pelo menos em parte, pelas condições em que as críticas são feitas. Lembremo-nos de que os críticos dispõem apenas de 2 horas, mais ou menos para meditar o es-

pectáculo e regidir os respectivos textos (e isto, para os críticos dos jornais da manhã; para os da tarde, as circunstâncias não são muito melhores, no caso de trabalharem no dia seguinte, como é o caso). E depois os adjetivos...

«Uma intenção discutível — isto é — falsa; uma forma descuidada, isto é, não trabalhada ou preguiçosa; uma escrita excessiva num espaço precioso demais para: uma nudez intencional como maneira de vestir; e uma maneira de vestir que é a forma de ocultar certa nudez!» (II)

«Um vocabulário provinciano (...) e deslocado por ser não violento, velho, es-

quemático, colaborante.» (II)

«Um texto imaturo e pacífico como «A COZINHA»» (III)

«Vagamente progressista, obscurantistamente culta, politicamente neutra, sentimentalmente muito afectiva, culturalmente esfomeada, teatralmente sempre satisfeita...» (III)

Pois é, os adjetivos...

Falemos, então, da linguagem da crítica. M. J. G. tem razão no sentido de a nossa crítica não ter ainda conseguido criar uma linguagem adequada à prática crítica a que se propõe, embora não se trate de arguer

uma construção teatral, como aquele queria (II), porque tal pressuporia uma peça em vez de uma crítica, o que é um disparate. Vol-

que se chama um modo idiossincrático de ver teatro. Em parte nenhuma do mundo se olha o teatro pelo esquema texto: interpretação: técnicos porque em qualquer parte do mundo se olha o teatro como um todo chamado espectáculo ou função teatral». II

Estamos no centro da problemática da crítica teatral. Não sei como escrevem os nossos colegas chilenos, australianos ou chilenos — quem o sabe é o M. J. G. O que posso garantir é que os que conheço — espanhóis, brasileiros, franceses, ingleses —, fazem-no à nossa, aliás, deficiente maneira. Sobre isto recordo o que disse aqui o crítico espanhol José Monleón: «A relação entre fundo e forma, é uma relação escolástica pois no facto artístico fundo e forma são uma e a mesma coisa, e, consequentemente, não existem possibilidades de distinguir a crítica ideológica que pertenceria ao fundo, e a crítica estética, que pertenceria à forma. Se fundo e forma são uma e a mesma coisa, a percepção ideológica e a percep-

ção estética acontecem simultaneamente. Pela minha parte, estou cada vez mais interessado numa concepção do teatro como facto unitário. É possível que, secundariamente, a fim de explicar o fenómeno, uma vez entendido o espectáculo como uma unidade, a crítica possa fazer a análise separada dos elementos respectivos, todavia referindo sempre o sentido e o valor desses elementos no seu papel, na sua função dentro dessa unidade que é o objectivo e a razão de ser do facto teatral» (b).

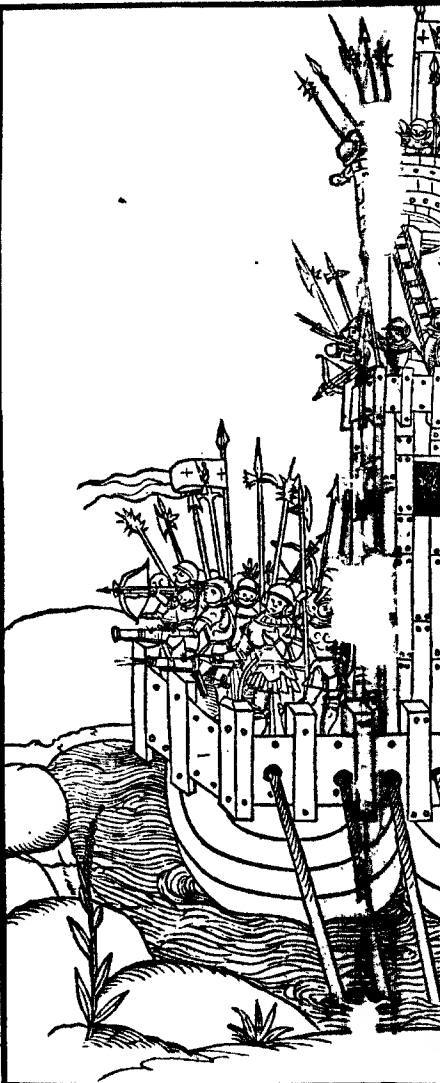
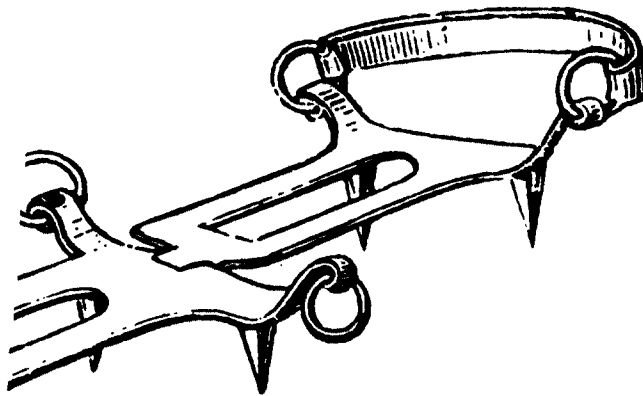
Aliás, sobre a dificuldade de encontrar uma linguagem mediadora rigorosa, fala esta breve transcrição de uma nota inserta no número de Março-Abril dos «Cahiers du Cinéma»: «A ausência de toda a tentativa do género (isto é, uma reflexão teórica semelhante à dos «Cahiers», «Tel Quel» e «Cinématique» no campo do teatro», etc., nota assinada pelo «Groupe de Recherches Théâtrales de l'Université de Caen». Começou há meses a publicar-se na Suíça uma revista — «Travail Théâtral» — cujas críticas me parecem no caminho certo para a descoberta de uma linguagem adequada à crítica teatral. Também os textos incluídos nos dois volumes de «Les Voies de La Création Théâtrale» (Ed. do «Centre National de Recherches Scientifiques») parecem-me muito satisfatórios sob esse ponto de vista. Remeto os leitores interessados para essas publicações.

No entanto, tenhamos presente o facto de estarmos em Portugal. Quase

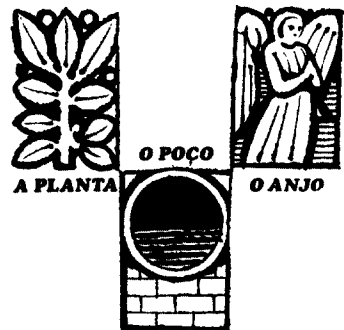
Em vão procuramos a linguagem que o crítico exige aos outros — o que encontramos quase sempre é pretextos para atacar a crítica (tratar-se-á de um complexo de Édipo?).

A certa altura, escreve M. J. G.: «O que será isso de utilizar esteticamente o corpo com segurança perfeita? A crítica será dizer isso. Dizer isto não é crítica; é o que tenho estado a dizer». (I)

M. J. G. exige, pois, que o crítico apoie os seus juízos e as suas afirmações em análises que os documentem. Está certo. O que não estará certo é que o crítico dos críticos use outro critério para ele



TRILOGIA



VASSILIS VASSILIKOS

Uma obra constituída por três novelas (A Planta, O Poço e O Anjo) através das quais o leitor é levado para uma Grécia moderna ainda entregue aos presságios, aos monstros e aos prodígios de outrora.

Colecção Autores Universais

Série Monumental
preço 70\$00



LIVRARIA BERTRAND

AFANADOR 37 AMADORA

uma obra que responde à polémica das críticas

crítica do gosto

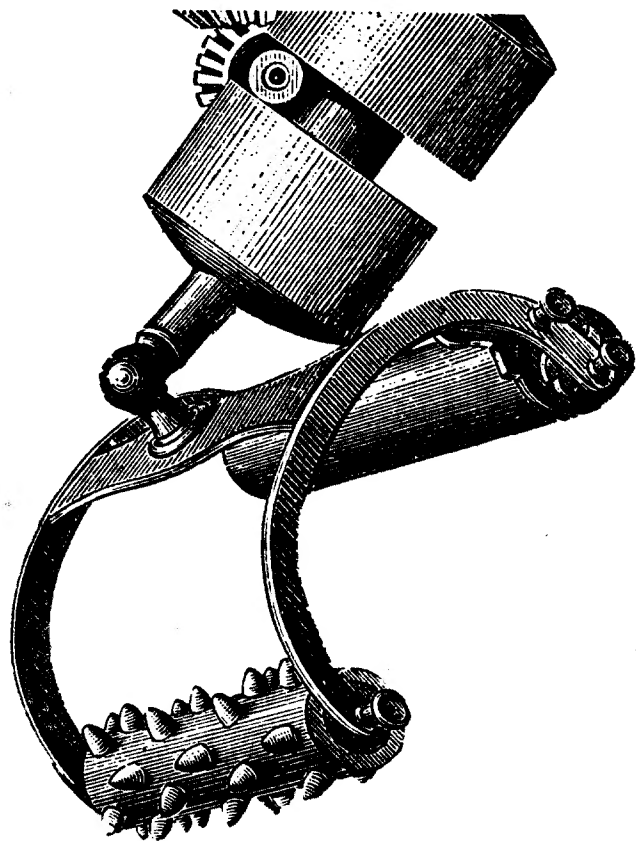
GALVANO DELLA VOLPE

- Crítica da «imagem» poética
- A chave semântica da poesia
- Sobre o conceito de «vanguarda»
- A questão crucial da arquitectura contemporânea
- Linguagens artísticas e sociedade
- Linguística e crítica literária

CRÍTICA DO GOSTO é um livro indispensável

EDITORIAL
PRESENÇA

R. Augusto Gil, 2-cv., esq.
Tel. 766912 — LISBOA



vontade, claro). Quando se sublinha o facto de Rogério Paulo tentar uma composição física identificadora do autor-protagonista da peça — está-se a referir um facto objectivo (que, aliás, se integra na concepção biográfica que o encenador deu ao texto) como o é, por exemplo, a marcada composição do vagabundo de «O Avançado-Centro Morreu ao Amanhecer», utilizada pelo actor Manuel João. O mesmo poderia dizer de Lourdes Norberto e das suas (assinadas) semelhanças com Marilyn Monroe. Ora, a esta visão do espectáculo, baseada em factos objectivos, chama M. J. G. o seguinte: «É o ver-se o teatro com mentalidade de leitor da crónica — funcionário público». (I)

Eu não dizia que o «espectáculo M. J. G.» é sobretudo cómico?

«E a história das semelhanças físicas? Onde está a vantagem?» (I)

Repare-se nesta terminologia (e recordem-se as exigências linguísticas do autor). É claro que as semelhanças físicas dos actores com as personagens não existem para serem vantajosas. Existem como *signos* de um determinado código proposto pelo encenador. Graças a essa caracterização física, o espectador pode determinar certas *conotações* que interessam à leitura do texto. Por exemplo, a história que está a ver tem raízes históricas — Miller viveu um problema semelhante. A semelhança de Lourdes Norberto com Marilyn Monroe coloca-nos perante o contexto holly-

Cont. na pág. 6

próprio. Para o comprovar basta pescar algumas das suas afirmações cuja única demonstração é de ordem puramente dogmática. Por exemplo: «Temos Eduarda Pimenta (que não tem nada de actriz — M. J. G.)» (I)

Porquê? «Crítica tão destrutiva que não é capaz de deitar abaixo um desce-nário de Abel Manta, a servir uma encenação totalmente errada de Artur Ramos». (II) Porquê? «Depois da queda» é teatro irrepresentável, impuro, sujo». (II) Porquê? «Um texto imaturo e pacóvio como «A Cozinha». Porquê? «Encenação descabeçada como a da «Cantora Careca». (III) Porquê?

A CRÍTICA COMO VEDETIZAÇÃO

Outra acusação feita que M. J. G. faz aos críticos:

a de fabricar vedetas (aqui esqueceu-se de se referir à crítica desportiva, com excepções, como principal fabricante de mitos). É claro que uma crítica séria de teatro (e não está provado que a portuguesa não o seja) recusa o culto do vedetismo. A denuncia da política publicitária do vedetismo está, aliás, implícita em «Depois da queda» — terá sido essa uma das fortes razões das críticas favoráveis que a peça recebeu. Acontece, todavia, que não há que confundir o actor com a vedeta. Não há nenhuma razão que leve a pensar que os críticos estabeleceram essa confusão (a não ser a má fé e a má

Prontuário das Letras

Ao Norte e ao Sul, a Feira

São 80 pavilhões, 67 dos quais ocupados por editores, livreiros e distribuidores, 10 por livreiros antiquários e os restantes pelo Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, Câmara Municipal de Lisboa e Banco Português do Atlântico. Tudo isto na Avenida da Liberdade (à esquerda de quem desce), organizado por uma comissão de que fazem parte os dres. Ruy Netto (Livros do Brasil) e José Sequeira (Atica) e o sr. Carlos Silva (Parceria A. M. Pereira), e com a abertura marcada para amanhã à tarde. Nome: 41.ª Feira do Livro de Lisboa.

O certame prolonga-se até 10 de Junho e foi anunciado que, «como nos anos anteriores, será praticado o (magro) «desconto de 10 por cento», ressaltando-se aqueles casos em que o embaratecimento poderá ascender — ó gesto liberal! — a 70 e a 80 por cento.

Entretanto o Porto já tem a funcionamento a sua Feira na Praça do Município, organizada por dois delegados do G. N. E. L. naquela cidade, arquitecto Alvaro Moura Bessa e sr. Carlos Carneiro. A inauguração, no sábado passado, teve a presença de um membro do Governo, o subsecretário de Estado da Administração Escolar, e o público — segundo o nosso prezado colega «O Comércio do Porto» — «apesar da chuva quezilhenta afluíu em grande número, dando ao recinto o aspecto característico dos actos inaugurais. A intelectualidade portuense estava representada, como de costume, por algumas das suas figuras salientes. Escritores, jornalistas, editores e professores». Fazemos inteira fé na informação.



Marmelo e Silva: um escritor a descobrir (redescobrir)

quotidiano e a aventura» e as versões definitivas de «Em cada instante cabe o mundo» e «Cantigas de circunstância». Recém-licenciado, foi-se a uns centos de poemas de que não gostava e queimou-os. Também disse à «Eva», mas era «boutade», que tinha «uma grande preguiça de escrever». Quem acredita?

«Vamos contar histórias?»

Grande especialista do fabulário africano, foi por aí, parece, que Manuel Ferreira arrancou para a literatura infantil. A sua primeira experiência chamava-se «O sandinó e o corá» e reinventava coisas do mundo dos bichos da Guiné passadas em fala de gente.

Agora, depois de «No tempo em que os animais falavam» e «A Maria Bé e o finório Zé Tomé», Ferreira propõe «Vamos contar histórias?», com personagens tão simples — ou não tão simples — como a raposa-raposo, o cágado, o lavrador e a filha, a tartaruga mais o caracol e a pomba, os gatos e o macaco, o elefante que foge com uma seta espetada no lombo. Textos exemplares pela vivacidade de linguagem, tratando o maravilhoso por tu e pendendo o pequeno ouvinte com a mola do «suspense». O contrário da fancaria que por aí abunda.

Pronto para ler

SILVA (José) — Em distribuição da Livraria Júlio Brandão, «Memórias de um operário». Victor de Sá no prefácio: «pegados a ler as primeiras folhas deste livro de memórias, não é fácil suspender a sua leitura. (...) O que o autor conta de si, com uma franqueza que por vezes roça pela ingenuidade, é um documentário vivíssimo do que têm sofrido e sofrem ainda incontáveis legiões de trabalhadores».

VASSILIKOS, Vassilis — A Bertrand descobre um dos maiores escritores da Grécia moderna. Três novelas num só volume: «A planta», «O poço», «O anjo».

KIRST, Hans Helmut — Romancista alemão, escreve exaustivamente sobre a guerra de 39-45. Mais um livro vertido para português pela Europa-América: «O direito do mais forte».

FIGUEIREDO, Tomaz de — Com a chancela da Verbo a 2.ª edição, emendada ainda em vida pelo autor, do romance «Nó cego». Um fresco de Coimbra nos anos vinte.

VALABRÈQUE, Catherine — Traduzida pela Moraes, que apresenta «A condição masculina e a emancipação da mulher».

ARENDT, Hannah — Igualmente em lançamento da Moraes: «Sobre a revolução». A esquerda «tradicional», a «New Left» e outros pontos «quentes» da mesma agenda.

Conhece Marmelo e Silva?

Autor de «Sedução» (1937), «Depoimento» (1939), «O sonho e a aventura» (1943), «Adolescente agrihoado» (1948), enfim «O ser e o ter» e «Anquilose» (1968). Provavelmente pouco ou nada conhecido dos leitores mais jovens, pois, como apontou um crítico, não pertence aos utilizadores da «estratégia da glória». Pior (ou melhor) que isso: radicado nos arredores do Porto, escolheu durante duas longas décadas o silêncio, escrevendo e reescrevendo a sua obra pudicamente alheio aos tropismos daqueles que se apressam a marcar lugar no panteão das letras. Conhece José Marmelo e Silva?

É um escritor a descobrir (redescobrir) através, por exemplo, da reedição ampliada de «Anquilose», que do volume duplo de há três anos passou agora a ter existência autónoma e inaugurou nos Estúdios Cor a série das obras do ficcionista. Tema: de como o D. Juan subsiste entre nós, mas trazido em dialecto do país — o «coureur de femmes» prolongadamente adolescente, logo sentimental, logo ingénuo; de como esse D. Juan não existe para o caso, porque era afinal (cremos nós) o escritor auto-ironizante-se.

O médico de Alfama

Entrevistado em Março de 1968 pela revista «Eva», Armindo Rodrigues («não olho para nada de olhos plácidos / em cada pensamento estou inteiro») declarava textualmente: «Em certa época da minha vida cheguei a pensar que podia ser um poeta de ofício, á semelhança de Maiakovski ou de Juan Ramón Jiménez. Não ter outra actividade senão essa: escrever versos. Mas entre nós não há uma solicitação pública para o ofício de poeta. (...) Hoje escrevo para a gaveta. Tenho, como dizer, certo desencanto de publicar».

De repente, porém, tudo se modificou. Uma casa de Lisboa, a S. E. Ç., propõe-lhe editar as obras poéticas e a gaveta (700 poemas inéditos!) abre-se de vez. Aí está o terceiro volume deste singular regresso do médico de Alfama, incluindo o inédito «Entre o

ALBERTO FERREIRA

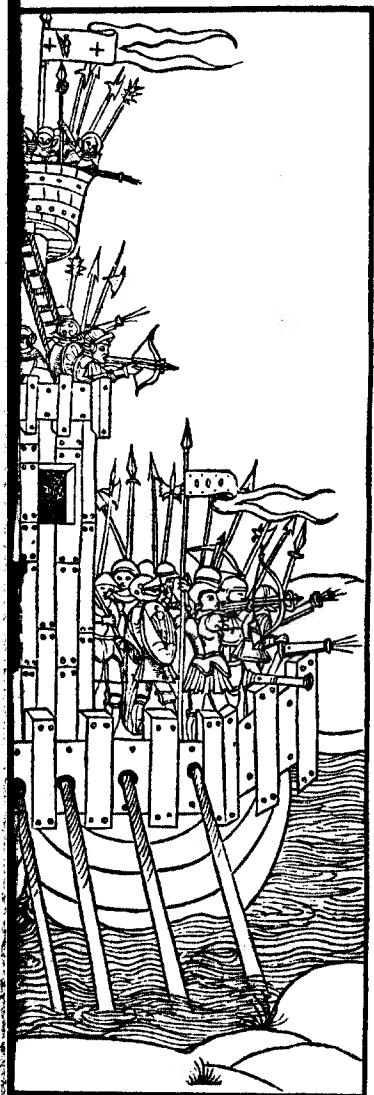


REAL E REALIDADE I

Filósofos houve e há para quem o ponto de vista materialista é um conceito frio e indiferente, que retira ao mundo o seu espírito colorido e alegre, a sua rumorosa vida, o seu mistério aliciente. Filósofos que nunca compreenderam o materialismo como ele é, como ele nos é explicado por Alberto Ferreira: pela clarificação do conceito como instrumento humano de descoberta do maravilhoso do mundo, pela desmontagem (aqui sim, fria e indiferente) do conceito que petrifica e reduz o maravilhoso ao passo metafísico do homem alienado, a crítica materialista de Alberto Ferreira é profundamente humana nas suas raízes mesmas.

Colecção AS PALAVRAS E AS COISAS
274 pág. / 70000

EDITORIAL INOVA/PORTO



Carlos Porto contra-ataca

Cont. da pág. 5

woodiano da vedeta e das alienações que esse contexto implica.

Sem entender estas coisas elementares como entender o resto? E sem entender o que quer que seja como entender a respectiva crítica? Que raio de círculo vicioso M. J. G. arranjou.

Falávamos de vedetas. Parece-me indispensável, neste momento, uma crítica do actor, não como vedeta, claro, mas como elemento fundamental em relação ao espectador. Para utilizar uma expressão da actriz-encenadora Fernanda Alves num notável artigo: «Ao actor, infelizmente, tão mal preparado entre nós, e com tão poucas possibilidades de se preparar melhor, cabe-lhe um enorme quinhão de responsabilidade e o mais difícil lote de trabalho criador na representação teatral, pois é ele, na verdade, que representa e definitivamente convence ou não o público». (c) (Sublinhados de F. A.). Quero quer que a destruição do culto da vedeta não terá de passar pela destruição do actor, como elemento significativo fundamental na função teatral.

AS AFIRMAÇÕES ARBITRÁRIAS OU FORA O ARBITRIO

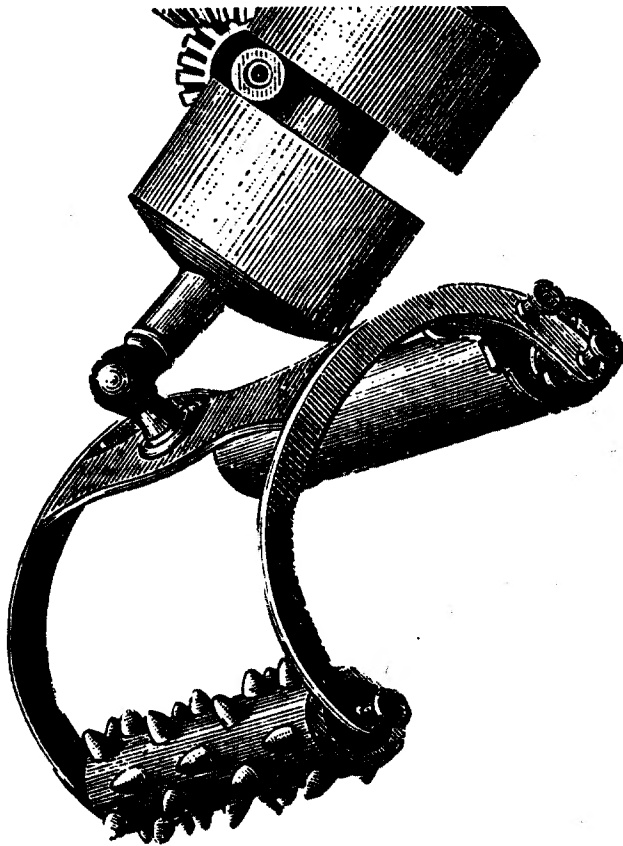
(1) OS PRÉMIOS DA CASA DA IMPRENSA. De passagem, M. J. G. (mal) trata os Prémios (1970) da Casa da Imprensa. Assim: Prémio de Encenação (Luzia Martins). «Aí temos um prémio de encenação para um exercício de teatro em que não se pode falar de encenação». (III) Vocês sabem qual é o conceito de encenação de M. J. G.? Mistério. Mas sabem qual o melhor espectáculo de 70 para este crítico? O Valle-Inclán da «Casa da Comédia». E sabem que este crítico informa que o espectáculo do TEP com o «Fim de Festa» não tinha encenação? Se pensarmos, com Kazan, que encenação é a transformação de uma psicologia num comportamento, ou que a encenação, é a interpretação de um texto mediante a articulação dos significantes que compõem o discurso teatral — compreendemos por que o júri da «Casa da Imprensa» deu o

Prémio de Encenação a Luzia Martins (pelo «Lar»). Prémio de conjunto (Teatro-Estúdio). M. J. G. não concorda. Mas M. J. G. não sabe sequer o significado desse prémio que pretende recompensar a companhia que durante o ano tenha tido uma actuação mais significativa na sua totalidade: escolha do repertório; leitura criadora; seriedade da interpretação. Com as limitações que se lhe reconhecem, pode dizer-se que a actuação da companhia do Vasco Santana está de acordo com essas exigências. Prémio da melhor Actriz (Helena Félix). «Helena Félix é dos piores entre os maus actores portugueses que nunca — que eu saiba — assumiu um papel, antes deixa o seu tíquete nos papéis que utiliza». (III) Para quem viu Helena Félix representar «Lar», «Quem é esta mulher?» e «Vitor ou as crianças no poder» sabe tão bem como eu que essas interpretações não tinham quase nada em comum — o que destrói a argumentação do crítico. «Que eu saiba» — ele não sabe... mas então porque não preferir o silêncio?

No que se refere a José de Castro, toda a gente sabe que, embora sem ser impecável, se tratava de um prémio indiscutível.

CITAÇÕES — A certa altura, e ainda no capítulo do vedetismo, M. J. G. faz uma citação minha: «Só por artifício publicitário se poderá definir «DEPOIS DA QUEDA» como uma peça sobre Marilyn Monroe» (maiúsculas de M. J. G.). Eis que o crítico tinha acertado. Eis que o crítico e o crítico do crítico estavam de acordo. Mas não, vejamos esta finta: «Só? Parece-lhe pouco? Não terá razões fundas de mais e não terá consequências demasiadamente graves um artifício publicitário? (III) Só? Não lhes falei em deturpação pela interpretação? É pena que um rapaz tão novo já conheça estes truques de velhos.

«E o caso de Carlos Porto», cada vez que temos Beckett e Ionesco falar de reacçãoarismo» (III). Não é verdade, no que se refere a Beckett, mas já lá vamos. Eis a citação feita por M. J. G.: «esta imagem propositadamente de-



formada do homem que Beckett nos apresenta é a contrapartida ou o outro extremo (consciente? inconsciente? (sic — M. J. G.) da imagem optimista do homem em progresso. Nesse sentido é profundamente reacçãoarista» (III). Para levar a água ao seu moinho, M. J. G. não conclui a transição: «Mas, atenção, o reacçãoarismo beckettiano é um sinal de alarme, um aviso sobre os perigos de um excesso de confiança, de um optimismo cego». Quer dizer, qualquer leitor medianamente perspicaz concluirá que o reacçãoarismo de Beckett é muito mais importante e eficaz que certo progressismo bem intencionado. Mas suponhamos que eu considerava o Beckett reacçãoarista. O que me respondia M. J. G.? Atirava-me com argumentos de autoridade citando-me Sartre e Marcuse. Poderia responder-lhe com Lucaks mas prefiro dizer-lhe que também considero Beckett um dos génios do teatro do século XX. O que é evidente nas minhas críticas às suas peças.

Também a citação da minha crítica a Ionesco é deturpada do meu pensamento. Aliás, aconteceu uma coisa perturbante. En-

contro no n.º 5 do Suplemento «A Ilha» que se publica no Funchal, e que me parece de inspiração nitidamente direita, uma referência anónima ao mesmo ponto da minha crítica: «...a liçãozinha estava mal sabida, mal articulada, e o artigo saiu canhestro, balbuciente, inábil e ridículo». Acontece que tanto M. J. G. como o ilhado se esqueceram (?) que eu fazia, explicitamente, uma glosa de um poema célebre de Brecht — a liçãozinha estava noutro lado.

O que me recuso é a meter no mesmo saco Beckett e Ionesco, que me parece um oportunista espectacular, (ou vice-versa) ou Brecht e Ionesco (deixo essas confusões para M. J. G.); ou Miller que se recusou a responder às perguntas da Comissão de Actividades Anti-Americanas e Kazan que pagou um anúncio em que citava os nomes dos ex-amigos que denunciara; ou Santarém e Paço d'Arcos; ou David Storey e Calvo Sotelo.

ARTHUR MILLER — Referindo-se a uma crítica de Manuela de Azevedo, M. J. G. afirma que não é verdade dizer-se que Miller se filia em Ibsen — ele, Miller, é que o diria. Ora, o que

é exacto é que o teatro de Miller se filia no teatro Ibsen, coisa que toda a gente que anda minimamente por estas andas, sabe, embora até possa discordar.

K — Observe-se como M. J. G. utiliza a letra K nas palavras cultura e culto (III). Não falei eu em insinuações baratas embora malévolas?

METAFORAS — M. J. G. arrepela-se todo por um crítico se ter referido ao facto do protagonista de «Depois da Queda» se dirigir a uma entidade como Deus, por exemplo. O homem não percebeu que o crítico se limitava a referir-se a uma personagem. Pela mesma razão que ele próprio (M. J. G.) a certa altura fala em auditor. É claro que o auditor não existe: é uma ficção de Miller. No entanto, o crítico dos críticos cita-o. Desisto.

O DIREITO A ASNEIRA

Como já disse, uma abordagem séria da crítica de espectáculo que se faz em Portugal deverá ter em conta todos os aspectos que a envolvem, condicionam e explicam. O primeiro desses aspectos será, necessariamente, a situação do próprio espectáculo, condicionante da crítica que sobre ele se exerce. Quer dizer: se a crítica é factor da existência e evolução do espectáculo, não pode deixar de ser reflexo dele.

A crítica portuguesa de teatro aí está. Boa ou má. Falível. Entre as centenas de páginas escritas o meu crítico detectou duas ou três asneiras (?), uma das quais até me honra.

Obrigadinho, ó Gomes! (M. J. G. Voltamos ao princípio; Você não faz crítica, faz «terrorismo». Não pode aplicar a crítica que (bem ou mal) se faz a bitola do seu «terrorismo» (certo ou nem tanto).

Termino, transe e vendo um breve texto de João Martins Pereira (in «Pensar Portugal Hoje»):

«Consequência do atraso mental em que fomos obrigados a viver, as capelinhas e contracapelinhas são de tal ordem, quer no teatro quer ainda na literatura, no cinema e nas artes plásticas, que uma «liberalização» mínima vê-se amplificada, aos olhos do público, por intermináveis discus-

sões, coloquios, críticas e contra-críticas, que entre-têm os nossos intelectuais e acabam por não ser mais, quantas vezes, do que simples exhibições de erudição importada, que pouco têm a ver com os problemas de aqui e de hoje.»

Creio que este texto merece o esforço de uma séria meditação, tanto por parte dos intervenientes nesta polémica (?) como de todos os leitores.

Lisboa, 6-5-71.

CARLOS PORTO

- (a) «Vida Mundial», 26-9-69.
- (b) «SL» — «Diário de Lisboa», 6-5-71.
- (c) «Notícias da Amadora», 17-4-71.

A BAB, fora do circuito quinzenal de vendas, lança a preço reduzido



MEMÓRIA DOS MITOS

de Armando Ventura Ferreira

Um livro de ensaios e por um pensador e literário, política, sociologia, filosófica e religiosamente tocando um conjunto de problemas que afectam o Homem contemporâneo.

vol. 92/93 — 25\$00

A venda em todas as livranças EDITORA ARCADIA - Lisboa 2

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

TUDO COM GARANTIA

TELEVISORES

2 programas

51 cm 3.450\$

59 cm 4.450\$

Gravadores

de Cassetes . . . 1.200\$

Rádios bolso . . . 120\$

FRIGORÍFICOS

140 litros. 2.100\$

175 » 2.650\$

220 » 3.450\$

270 » (2 portas) 4.450\$

MÁQUINAS

LAVAR ROUPA

automáticas

4.350\$

LOIÇA

5.950\$

ESQUENTADORES

1.190\$

FOGÕES A GÁS

3 lumes. 1.190\$

MOBÍLIAS COMPLETAS — MÓVEIS SOLTOS — ALCATIFAS — CARPETES

A pronto ou em 36 mensalidades SEM FIADOR

M. L. FERREIRA — RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A (junto ao Largo)

Crítica ou recusa

Cont. da pág. 3

e não de uma provocação: escrever nas paredes, obscenidades ou insultos ideológicos, e desta vez bem às claras no muro (recontrado como muro) de uma Galeria. E precisamente numa Galeria, que sabe-se lá porquê Você acusa de «equivocamente ligada a um circuito institucionalizado de distribuição de arte» (circuito institucionalizado de distribuição? upal upal a arte está de parabéns). Pois Você não percebe que o que é realmente belo e simples (e muito bem em qualquer província do mundo, por muito Kulta que ela seja) é tornar banal e... suável, a parede muito branca de uma Galeria da ARTE, institucionalizada ou não, mas sempre em riscos de se tornar o espelho da nossa civilizada e tecnocrática (ou outra) alienação? (E não esquecer que suar não é necessariamente empobrecimento: os cristãos também suavam as brancas paredes da Ordem romana com os símbolos da sua nobreza então repelente).

Mas julga que é só disto que se trata, particularmente no caso do Alberto Carneiro? Olhe que eu agora não lhe vou falar da problemática da parede, acho que os leitores vão deitar este jornal fora, depressa e fazem bem porque a vida é breve e amanhã já temos outro (outros) jornais. (A não ser que o aproveitem para quaisquer «comunicações» que nada tem a ver necessariamente com a nossa prosa). Mas recomendo-lhe a leitura atenta das Notas para um Diário que

o Alberto editou quando da talvez mais importante manifestação do ano: a implantação de uma Floresta numa outra Galeria (a Buchholla e equívoca talvez, também? não?). Lá estavam nessa implantação, palco do mundo: árvores, a natureza, as paredes (da galeria, e as nossas). Nessas notas lerá: «Até quando continuaremos como o cão atrás do próprio rabo?».

Sim, até quando? Até quando, caro, caríssimo mesmo, quase irmão (irmão pelo menos, em província não é? cá estamos todos a dizer ou insinuar — como ou não tenho outro remédio senão de o fazer — que os outros é que estão)?

Levo-a-cabo esta carta com os abraços do estilo, e a perguntar. E olhe que isto não é provocação, nem brincadeira. É a sério.

ERNESTO DE SOUSA

10 de Maio de 1971.



Toda a obra de arte é, de algum modo, intervenção e toda a intervenção é, de algum modo, provocação. Os objectos expostos na Galeria Quadrante escapam a uma classificação artística restritiva, mas cabem numa concepção aberta das acções criadoras, exprimem um processo de intervenção e de provocação. Intervêm porque provocam e provocam porque intervêm. Provocar não é apenas agredir, irritar, excitar. É também incitar, ocasionar, produzir, promover. Incitar à acção, promover respostas. A acção-resposta pode desenhar-se sobre o próprio objecto, quer ele a solicite ou não, e pode conter-se nas consequências imediatas e mediatas do acto perceptivo.

Na «exposição» da Quadrante, uma das ambiguidades reside no facto de não se poder determinar (com que bases?, porquê?) se os slogans, papéis escritos à máquina, acrescentos, desenhos, etc. se devem a uma acção prévia dos próprios autores ou se se devem à intervenção de espectadores. Não há nada no envolvimento criado que nos proponha a realidade e a necessidade dessa abertura e só a percepção extra-sensorial de Ernesto de Sousa o pode ter levado a essa conclusão e eventualmente a contribuir para o «crescimento» da «exposição» com alguma colagenzinha ou slogan desinibidor. «Todo o espectador é um coarde e um traidor» — eis uma fatalidade que nem sempre se objectiva da mesma forma, mas parece-me que os factos produzidos na Galeria Quadrante levam à conclusão que a cobardia esteve mais na indeterminação da «conjuntura» do que na ousada traição dos espectadores (seria interessante saber quando e porquê), porque estes, a acreditar

nas informações recolhidas por Ernesto de Sousa, procuraram clarificar uma situação ambígua. É uma das regras da percepção visual, de resto.

O palco (em utilização) constitui-se como uma reunião de acontecimentos. Mas se a «exposição» da Quadrante é palco (como pretende Ernesto de Sousa) então os autores reuniram nele os seus próprios processos de acção, mas com um objectivo comum. De facto, se tal não acontece (e quem pode garantir, perante os elementos reais, se o fim era acontecer ou não acontecer?) a intervenção em causa será na verdade tão «mínima» que nem sequer se acertará a um qualquer «outro programa», a uma qualquer outra «atitude», a uma qualquer «pre-ocupação metafísica». Será muito pior, em suma Ernesto de Sousa insiste em que são três intervenções distintas, só conjuntamente reunidas. Eu insisto em que o «palco» foi posto a funcionar por três indivíduos, com acções que conjuntamente se realizam e como tal se deveriam ex-

plicar. Isto é reforçado pela própria ideia de palco — nós na quarta parede. Ao contrário ou neste caso, nenhum dos argumentos aqui tratados me impede de continuar a considerar a última parte do meu artigo anterior (que tanto incómodo e bilis provocou em Ernesto de Sousa) um ponto correcto das minhas razões de acusação.

A respeito daquela parte, também Ernesto de Sousa foi apressado, senão tendencioso. Não tratei desprezivamente os plásticos nem nenhum dos materiais utilizados na «exposição». Não foi a forma que tais materiais ali assumiram o que suscitou o meu comentário, mas o tom equívoco imprimido ao acto colectivo — esconder o que parece denunciar, parecer expender o que ilude, fingir o que não está contigo — e sem que a problemática seja a exploração em certo sentido do próprio equívoco. Sobre paredes, estamos conversados — bom seria saber-se em que paredes deverá acontecer a desinibição ideológica.

Para terminar, Ernesto de Sousa afirma (na sequência lógica dos seus raciocínios) que os leitores desta página podem aproveitá-la «para quaisquer «comunicações» que nada têm que ver necessariamente com a nossa prosa». Se se trata de aproveitar as múltiplas qualidades do papel para certas necessidades do quotidiano (embrulhar meio quilo de batatas, por exemplo) acho que Ernesto de Sousa acertou em cheio na cabeça do prego.

ROCHA DE SOUSA

Nota: Esclareço desde já que deixo a Ernesto de Sousa o campo livre para responder à minha resposta. Como não penso voltar ao assunto, poderá tirar o proveito que entender com o facto de ser o último a intervir e a provar — a sério.



Acertar na cabeça do prego

Cont. da pág. 3

salvação das actividades artísticas, a sua extensão social e portanto política, advogando até a recorrência às nossas realidades «provincianas»; que sempre consegui ler o sentido efémero de certas obras (ou intervenções), quer do ponto de vista dos materiais precários e perecíveis utilizados, quer em relação ao momento que solicitava tais intervenções, e que nunca pretendi que só a permanência física do objecto possa garantir a permanência do seu significado ético e filosófico; que sempre dei mostras de estar interessado nos pas-

sados e futuros propostos, cá, e lá fora, e tanto quanto possível de uma forma aberta e segundo a informação que modestamente me vai cabendo

Quanto à «exposição» da Galeria Quadrante, receio não estar de acordo com o «meu-em-alguma-coisa» contradição Ernesto de Sousa. Não sei se a miopia é minha, se é dele. Não sou tão afirmativo e sei que a nossa visão se altera, se refaz a cada instante, que as opções não são sempre as mesmas. A actividade crítica é isso mesmo: uma constante atenção ao movimento e significado das ideias.

A electrónica viva



Pierre Schaeffer

Cont. da pág. 8

criadora. Mais, essa capacidade criadora e esse engenho não se poderão desenvolver se ele permanecer como indivíduo isolado, se ele não recorrer ao trabalho de equipa e se ele não dispuser dos meios para esse trabalho.

Tanto a electrónica pura, como a música concreta, como a electrónica viva são essencialmente trabalhos de equipa em laboratórios ou estúdios próprios.

Uma verdadeira contemporaneidade criadora depende pois da existência de um laboratório de electrónica viva, já que entre nós existem indivíduos capazes de o utilizar criadoramente (por exemplo: Jorge Peixinho).

A vinda de Günther Becker a Portugal veio chamar a atenção para este problema: vamos ou não vamos ser contemporâneos pelos nossos próprios meios?

Para a criação de um estúdio de electrónica viva bastam alguns poucos centos de contos facilmente

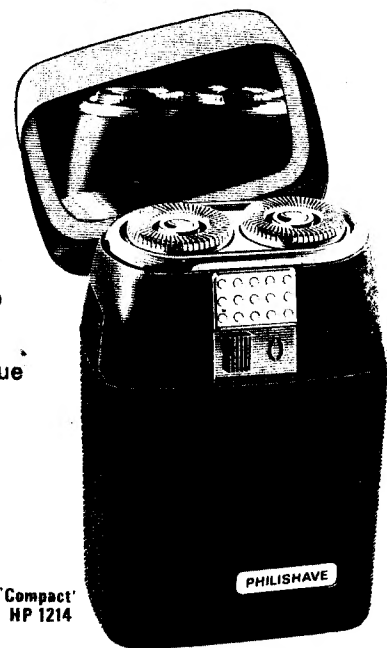
amortizáveis tanto em numeração (através de discos e fitas gravadas) como e principalmente através de uma revitalização espiritual e cultural e da entrada nos verdadeiros círculos de criação contemporânea de que sistematicamente e cada vez mais temos estado ausentes.

Resta acrescentar que na Europa se assiste actualmente à instalação de laboratórios de electrónica mesmo em cidades fora dos centros tradicionais (por exemplo em Atenas há dois, e em Madrid um) num movimento simultâneo de descentralização e participação criativa numa eutética contemporaneidade.

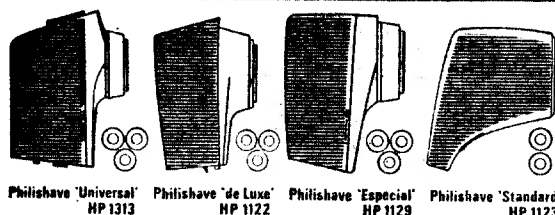
E. M. DE MELO
E CASTRO

APENAS 295\$00 ...E ESTÁ NO SEU BOLSO!

A Philishave 'Compact', agora equipada com cabeças 90 SUPER, é a mais pequena máquina de barbear do mundo de funcionamento autónomo por pilhas. Indispensável ao homem que vive intensamente e ao jovem que progride com o seu tempo. A Philishave 'Compact' cabe no bolso e não pesa na bolsa.



Philishave 'Compact' HP 1214



Philishave 'Universal' HP 1313

Philishave 'de Luxe' HP 1122

Philishave 'Especial' HP 1129

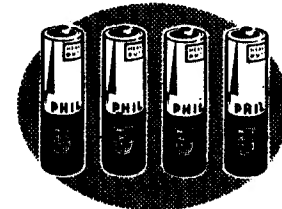
Philishave 'Standard' HP 1123

TODOS OS MODELOS DA PHILISHAVE ESTÃO EQUIPADOS COM CABEÇAS

90
SUPER

OFERTA

Durante um período limitado, a Philishave 'Compact' é fornecida com 4 pilhas Philips, tipo R6TR, especiais para força motriz.



PHILISHAVE

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

"UBI LIBERTAS" A propósito da Avenida da Liberdade

UMA reportagem recentemente publicada em «O Século», com declarações do arquitecto que tem o encargo de estudar o problema, Pedro Vieira de Almeida, veio chamar a atenção do público para o arranjo urbanístico duma Avenida da Liberdade em evolução, com artéria principal ou «eixo» da capital.

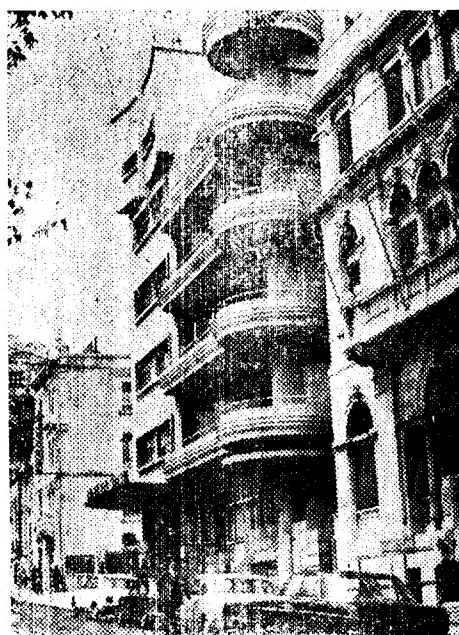
Trata-se de um problema de extrema importância para a definição da cidade do próximo futuro. A «Avenida» determinou, em 1890, uma nova Lisboa, enfim liberta do espantoso trecentista ainda presente nos esquemas pombalinos da reconstrução. Era o «boulevard», condenado pela desconfiança de Ramalho, dentro da «Babilónia catita do Fontes», ao cabo de trinta anos de mais ou menos fomento nacional, coroamento desse mesmo e algo iludido fomento. Era, e foi, em miríficas especulações de terrenos, um signo de renovação no tecido urbano, abrindo novas perspectivas — que «catitas» haviam de ser no «boom» das Avenidas-Novas, em 1900 e no «super-boom» dos Arieiros quarenta anos depois.

Não é certamente por acaso que o estudo do novo perfil da «Avenida» é feito numa nova situação de carácter «fontista»: o problema é especialmente necessário, e propõe-se ele logo ao princípio da situação (até após um período «cabralista»), significa sem dúvida uma maior consciência do papel projectivo de tal signo, num ritmo social acelerado, talvez menos flusório e, com certeza, mais tecnocráticamente sabido...

...MAS importa aqui sobretudo lembrar que o novo perfil boulevardesco não pode definir-se culturalmente com ablação total do existente.

A «Avenida» é o que tem sido — mistura caótica de construções em dois programas sucessivos: de ruas laterais do Passeio Público, nos dois primeiros quarteirões que marginavam o pátio já duma pombalina e sobretudo romântico; e de ruas cuja maior responsabilidade urbana só raramente foi satisfeita. Palacetes e prédios de grande rendimento burguês alternam com outros edifícios mais modestos, quando, na lógica do programa fontista, deviam suceder-se sem interrupção. O prédio n.º 206-218, do do Norte Jor., prémio Valmor de 1915, seria o protótipo não seguido; assim como o palacete mourisco de Henri Lusseau, de 1891, (n.º 226) e o palacete Lambertini, de Bigaglia, de cerca de 1900 (n.º 164) deveriam servir de padrões dum gosto de riqueza que não houve. As estórias sonhadas pelo Fialho não tiveram seguimento prático — e os edifícios privilegiados não puderam ter a função normativa pretendida. Mas estão lá — e há que entendê-los como documento da possibilidade (ou da impossibilidade) oitocentista de introduzir um luxo de importação na vida social da burguesia lisboeta, e, em si próprios, como peças importantes, em certa medida «datées» e em certa medida históricas, da arquitectura portuguesa.

Há, portanto, que os preservar — encon-



Victoria Hotel, de Cassiano Branco



O palacete Lambertini

trando o meio de os inserir na nova correnteza de fachadas e de côrceas, mais funcionais umas mais ambiciosas outras. É um problema de urbanismo, ao nível do desenho mas também, e sobretudo, ao nível da moral que esta disciplina deve assumir.

Que edifício?

Não parece difícil a selecção, que deve cobrir um largo período de com anos desde meados do século XIX até cerca de 1940.

Do lado-oriental, subindo, temos o edifício da Companhia das Águas, que foi palácio Nunes Correia e Almeida, traçado em 1865 por Cinatti — e que, apesar do andar que a companhia utilitariamente lhe levantou, é o melhor palácio romântico da cidade; o palacete Lambertini, com o gosto veneziano que Bigaglia lhe imprimiu e que faz dele um curioso e sensível espécime; o Hotel Victoria, de Cassiano Branco, notável tratamento de volumes, duns anos 30 mal exemplificados em Lisboa; o Cinema Tivoli, de Raul Lino que em 1924 foi «o cinema» da capital nova-rica, com uma dignidade de gosto tradicional que convém sublinhar; o prédio n.º 206-218, assás enfático para merecer um prémio Valmor, obra afrancesada de Norte Jor. que propunha um modelo internacional e imerecido de ar-téria de luxo; o palacete mourisco, no n.º 226, obra francesa dum architecto parisiense que aqui esteve a estudar a urbanização

do Parque Eduardo VII, cerca de 1890, e que deu à «Avenida», logo do seu início, uma ambição que é importante registar.

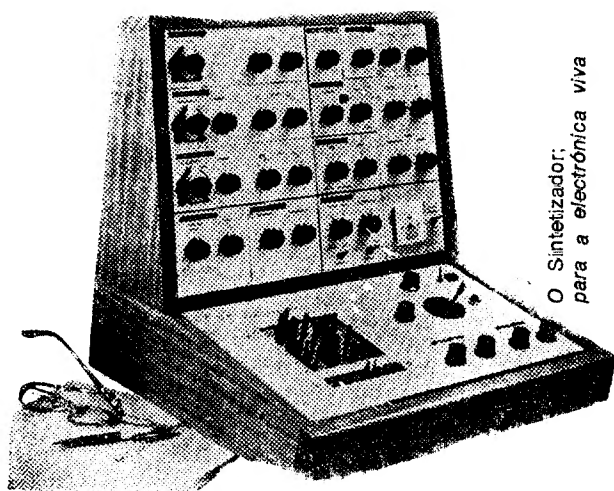
Do lado ocidental, mais sobre, haverá que preservar o Avenida Palace, de J. L. Monteiro, primeiro equipamento dum luxo novo em 1890 também; o Eden Cinema, de Cassiano Branco, de finais de 30, com o seu admirável movimento de direcção; o palácio Castelo-Melhor-Poz, obviamente; e ainda (com menor exigência) o edifício da Embaixada de Espanha, palacete Mayer, também de Bigaglia, o primeiro prémio Valmor atribuído em 1901.

PRESERVAR estas obras é um acto de cultura, destruí-las, um acto de incultura — de ignorância histórica, de mercantilismo. Há que escolher.

VALE a pena sómente lembrar, em fecho de folhetim, o que de estúpido se está passando na Avenida da República; e o facto de uma famigerada alteração nos passeios da Avenida, assim «modernizada», ter sido necessariamente desfeita — coisa que não será possível fazer-se, ao nível de prédios que vão custar milhões.

E ainda que, tendo os romanos razão em dizerem que «ubi Libertas ibi Patria» — avenida lisboeta desta invocação é e seu um reflexo da própria pátria.

A considerar, entre bons entendedores.



O Sintetizador: para a electrónica viva

A ELECTRÓNICA VIVA

OU: CONTINUANDO UMA CONVERSA DE GÜNTHER BECKER

Por E. M. de Melo e Castro

Mas é só em 1950 que a verdadeira música electrónica começa em Colónia, sob a direcção de Herbert EIMERT (Professor de STOCKHAUSEN)

Paralelamente, e desde 1945, em Paris, Pierre SCHAEFFER realiza experiências de captação e tratamento electrónico de ruídos criando a Música Concreta.

Tanto a electrónica pura (produção de sons por meios electrónicos) como a Música Concreta (captação e tratamento, de ruídos ambientes) se por um lado oferecem materiais sonoros para a criação, por outro impõem limitações

(intrínsecas dos processos usados) ao livre exercício da imaginação criadora.

É aqui que surge a chamada *electrónica viva* que usa os instrumentos convencionais, mas trata e modifica os sons por eles produzidos aumentando-lhes as possibilidades sonoras e criando sons novos.

O ciclo é o seguinte:

- 1) instrumento com microfone de contacto
- 2) amplificador
- 3) diversos aparelhos de modulação eléctrica
- 4) reprodução através de altifalantes.

O som é captado de um modo especial para cada instrumento e amplificados

os respectivos estímulos eléctricos. Estes são depois tratados em vários instrumentos moduladores que podem ser dos seguintes tipos: pedais acionados pelo próprio instrumentista; transformador geral (filtros, moduladores, ecos, etc.) e por último um aparelho chamado SINTETIZADOR, que além de todas as funções moduladoras e controladoras é também um emissor de sons próprios.

O som resultante é depois distribuído por vários altifalantes cuja colocação depende da composição, numa integração total do espaço ocupado no tempo do objecto sonoro.

A voz humana pode também ser captada por microfones de contacto especiais alargando-se assim a sua possibilidade de utilização na composição. E neste caso não só a música vocal mas também a poesia fonética encontram na Electrónica Viva um poderoso instrumento de pesquisa e criação.

Creio que desta simples e elementar descrição fica bem patente que a criação musical contemporânea (e até a poética) dependem hoje da existência de recursos técnicos, instrumentos e concepções que ul-

trapassam o poder do indivíduo isolado, por maior que seja o seu engenho, informação e capacidade.

Cont. na pág.

TAL COMO ficou dito no artigo anterior (D. L. 29/4/71) a noção de «conjunto de câmara variável» (como oposto à rigidez da orquestra clássica/romântica) e a noção de integração entre composição e instrumentação são as ideias mestras que nos poderão levar até à compreensão da necessidade da música electrónica como meio de alargamento do campo da experiência sonora.

O conjunto de câmara variável é uma noção aberta e por isso susceptível de oferecer a possibilidade de inúmeras combinações de instrumentos e suas colocações no espaço, integrando por isso a instrumentação na própria criação musical.

Mas são os instrumentos tradicionais que sendo fixos nas suas possibilidades de produzir som, tra-

vam e retardam a evolução da composição musical.

É certo que a exploração de todas as possibilidades de extrair sons dos instrumentos convencionais, mesmo pelos processos mais heterodoxos, foi e é largamente praticada ainda na música contemporânea, mas a verdadeira e nova possibilidades de produzir «sons novos» só já é criadoramente viável através da electrónica.

Paralelamente à evolução da música contemporânea desde o começo deste Século, a electrónica tem realizado a sua pesquisa no campo musical. Assim, é já de 1913 o primeiro instrumento musical electrónico construído por FERUCCIO BUSONI, a que se segue o TIRAUTONIUM nos anos 30, as ondas MARTELOT e outros instrumentos nos quais se inclui o actual órgão electrónico.



Günther Becker: nosso contemporâneo

Na colecção
HORIZONTE

**EMIGRAÇÃO
PORTUGUESA**

JOEL SERRÃO

Esc: 40\$00

Livros Horizonte

Rua das Chagas, 17, 1.º-Dt.
Telef. 366917 — LISBOA-2